

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC  
CAMPUS DE BAURU

**Eu moro, eu sou. Bairro Demétria: construção de uma comunidade  
antroposófica**

Maria Carolina Silva Rocha Vieira

BAURU - SP  
2011

MARIA CAROLINA SILVA ROCHA VIEIRA

**Eu moro, eu sou. Bairro Demétria: construção de uma  
comunidade antroposófica**

Projeto Experimental de Pesquisa apresentado pela discente Maria Carolina Silva Rocha Vieira, como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social (DCSO) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, sob orientação do Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente.

BAURU - SP

2011

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”  
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - FAAC  
CAMPUS DE BAURU

Projeto Experimental de Pesquisa apresentado pela discente Maria Carolina Silva Rocha Vieira, como requisito para obtenção do título de bacharel em Jornalismo, ao Departamento de Comunicação Social (DCSO) da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru, sob orientação do Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente.

**Banca Examinadora**

Membros:

Prof. Dr. Claudio Bertolli  
Mestre em comunicação Mateus Yuri Passos

Presidência e Orientação:

Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

## AGRADECIMENTOS

Antes de tudo e sobretudo, agradeço à minha família, núcleo de minha formação e sem a qual não seria quem sou hoje. Pai, mãe e Fer, minha irmã, essa conquista também é de vocês. Também são meus exemplos de vida e fazem parte desta trajetória minha avó, Maria Luiza, minha madrinha, Magali, e minha madrinha de coração, Tita. A todos vocês, me ausento de palavras para não correr o risco de não fazer jus a sua importância em minha vida. Vocês sabem o tamanho do meu amor, gratidão e respeito.

Agradeço à minha segunda família, os amigos que escolhi para fazerem parte desta jornada e que compartilharam das alegrias e dificuldades de um TCC na própria pele: Carolina Firmino, Vanessa Silva, Sílvia Franchin, Karla Torralba e Juliano Souza. Um pouco de vocês está neste trabalho.

Meu obrigado sincero à minha equipe companheira de estágio, que foi compreensiva e, acima de tudo, uma torcedora do meu sucesso. Dela faz parte Caroline Bomfim, meus agradecimentos especiais pela diagramação do livro e, por tabela, Eveline Jacob, meus agradecimentos pela bela ilustração da capa. Mais uma vez, obrigada a meu pai, revisor dos textos.

Deixo também minha gratidão a todos os moradores do bairro Demétria que contribuíram com seu tempo, sua paciência e suas histórias. Sem a boa vontade deles este trabalho não seria possível. Obrigada a Luiz Ribeiro, Marco Bertalot Bay, Jorge e Eldbjorg Blaich, Ana Vieira, Christine Wotka, Claudio Bertalot Bay, Débora Castro, Hans Reisewitz, Sérgio Esposto, Maria Eduarda Mendes, Mauro Távora, Paulo Cabrera, Pedro Jovchelevich, Sílvia Sasaoka, Renato Gomes, Isabel Cortesi, Celso Pazzanese, entre outros.

Agradeço ao meu orientador Max, que se fez minha melhor escolha e me guiou pelos melhores caminhos para se chegar a esse fim recompensador, sempre com as palavras na medida e o tom de incentivo que precisava ouvir. Também agradeço por terem aceitado fazer parte da banca, Mateus Yuri Passos, um dos poucos professores – e amigos – realmente presente em minha formação, e Claudio Bertolli.

Por fim, fica meu singelo obrigado a todas as pessoas que, em algum momento de minha vida, apoiaram, incentivaram, torceram e acreditaram em

meu potencial. A sua maneira, todas contribuíram para a vitória em mais esta etapa de meu caminho.

## SUMÁRIO

<b>1 Proposta</b>	<b>7</b>
<b>2 Justificativa</b>	<b>8</b>
<b>3 Objetivos</b>	<b>9</b>
<b>3.1 Objetivo geral</b>	<b>9</b>
<b>3.2 Objetivos específicos</b>	<b>9</b>
<b>4 Referencial teórico</b>	<b>10</b>
<b>4.1 Identidade na pós-modernidade</b>	<b>10</b>
<b>4.2 O livro-reportagem</b>	<b>12</b>
<b>4.3 Técnicas de entrevista</b>	<b>13</b>
<b>4.4 A Antroposofia</b>	<b>13</b>
<b>4.5 Botucatu</b>	<b>14</b>
<b>4.6 O Bairro Demétria</b>	<b>15</b>
<b>5 Metodologia</b>	<b>17</b>
<b>5.1 Método de pesquisa e análise</b>	<b>17</b>
<b>5.2 Pauta, entrevistas e documentação</b>	<b>17</b>
<b>5.3 Produção do livro</b>	<b>19</b>
<b>5.4 Arte e diagramação</b>	<b>20</b>
<b>5.5 Dificuldades</b>	<b>21</b>
<b>6 Considerações finais</b>	<b>22</b>
Referências bibliográficas	23

## 1 PROPOSTA

O livro-reportagem “Eu moro, eu sou. Bairro Demétria: construção de uma comunidade antroposófica” visa registrar e mostrar aos leitores o desenvolvimento do Bairro Demétria, localizado na cidade de Botucatu, SP, a partir de sua origem como iniciativa pioneira no Brasil na utilização da agricultura biodinâmica, passando por seu crescimento e pelo surgimento de novas iniciativas locais, para enfim chegar aos dilemas atuais de tal comunidade de moradores adeptos à ciência filosófica denominada Antroposofia.

Para isso, a narrativa foi dividida em três capítulos principais, intitulados “Porque somos”, “Como somos” e “Quem somos”. O primeiro procura levantar uma discussão e esclarecer os leitores sobre os conceitos básicos da Antroposofia por meio de uma linguagem direta e didática; o segundo narra, também em linguagem direta, a história do bairro; e o terceiro reúne perfis, escritos em primeira pessoa, de alguns moradores, a fim de promover uma aproximação dos elementos centrais para a singularidade da Demétria: os habitantes e suas motivações.

## 2 JUSTIFICATIVA

A escolha por registrar o desenvolvimento do Bairro Demétria, localizado em Botucatu, SP, se faz relevante para a contemporaneidade, pois retrata de uma maneira humanizada uma comunidade diferenciada no que diz respeito a modos de vida e a formas de enxergar o mundo, a qual conseguiu se firmar como um grupo que compartilha da mesma identidade cultural em seu microcosmo social. Este trabalho possibilita uma discussão sobre a filosofia seguida por tal grupo de pessoas – a Antroposofia – à luz de uma autora não-antrópósofa, fato raro na bibliografia levantada sobre o assunto; divulga a organização peculiar e possível de um bairro residencial rural com características urbanas, aglutinador de moradores em busca de uma vida harmoniosa com o meio ambiente e um conhecimento ampliado da espiritualidade; e documenta a história de um grupo local de pessoas de maneira próxima e acessível. Ampliando a visão sobre o Bairro Demétria, que não recebeu a devida atenção da mídia regional desde seu surgimento em 1974 até hoje, é possível levantar discussões sobre as possibilidades modernas de fortalecimento de identidades locais e suas relações com uma cultura cada vez mais globalizada (HALL, 2002).

A opção em recorrer ao livro-reportagem para tal registro se justifica pois, segundo PEREIRA LIMA (1995), este formato avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, podendo se libertar das limitações da prática do jornalismo diário, como atualidade, periodicidade e estrutura de lead da notícia. Este subgênero do jornalismo também possui maior liberdade temática, de angulação e de escolhas de fontes, o que abre seu leque de possibilidades para abordar questões que não têm espaço na mídia tradicional. O livro-reportagem é, portanto, ideal para registrar a formação, o desenvolvimento, as idéias norteadoras, os impasses atuais e os personagens centrais que envolvem o estabelecimento do Bairro Demétria na cidade de Botucatu.



### **3 OBJETIVOS**

O objetivo da pesquisa é mostrar de forma humanizada e inédita o desenvolvimento do Bairro Demétria da cidade de Botucatu, SP, além de dar voz a seus moradores e levantar uma discussão sobre os conceitos de Antroposofia. Para isso, foram coletados relato oral e pesquisa bibliográfica sobre o tema.

#### **3.1 OBJETIVO GERAL**

A principal finalidade do trabalho é realizar um livro-reportagem sobre o estabelecimento de uma comunidade peculiar (localizada no Bairro Demétria, em Botucatu, SP), a partir de estudos sobre a Antroposofia e sobre a história local e de relato dos próprios moradores, encarados como personagens centrais no desenvolvimento e fortalecimento da identidade da comunidade como ambiente social diferenciado.

#### **3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- Registrar o desenvolvimento de uma comunidade da região local ainda não pesquisado a fundo, dando voz para que os próprios moradores contem a história do Bairro Demétria;
- Discutir os princípios básicos da Antroposofia, suas aplicações e sua importância para o Bairro Demétria, levando em consideração que esta ciência espiritual foi o fio condutor do desenvolvimento da comunidade;
- Investigar a construção da identidade de comunidade diferenciada e unida sob um mesmo ideal de modo de vida atribuída ao Bairro Demétria e seus moradores (por meio da observação de sua história, costumes, cultura e ideais).

## **4 REFERENCIAL TEÓRICO**

A base teórica utilizada para a produção deste livro-reportagem consistiu da interligação de estudos referentes ao papel da identidade na pós-modernidade; à ciência espiritual Antroposofia; às especificidades do livro-reportagem e às técnicas de entrevista, além de levantamento de informações sobre Botucatu e o próprio Bairro Demétria. Segue uma explanação sobre cada tema, apoiada em teorias e autores que realizaram pesquisa sobre cada um deles.

### **4.1 IDENTIDADE NA PÓS-MODERNIDADE**

Com o advento do que os estudiosos chamam de pós-modernidade, vieram à tona novas teorias que pudessem explicar o observado deslocamento do papel do indivíduo, visto antes como central perante o mundo. Tais teorias, como o surgimento da idéia de subconsciente de Freud, o sistema de significação de Saussure, a importância atribuída ao social por Marx, entre outras, tiraram o indivíduo iluminista de seu pedestal e revelaram um sujeito pós-moderno que apresenta como grande característica a fragmentação. Segundo HALL (p. 46, 2002), “o sujeito do Iluminismo, visto como tendo uma identidade fixa e estável, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno”. Este deslocamento do sujeito pós-moderno vem acompanhado de uma mudança estrutural na sociedade, na qual as instituições tradicionais entram em colapso, as mudanças são rápidas e constantes e as diferentes identidades culturais se articulam entre si, deixando sua estrutura aberta. As culturas nacionais, inclusive, passam a ser a principal fonte de identidade do indivíduo, levando em consideração que elas são uma “comunidade imaginada”, com instituições e culturas, mas também símbolos e representações.

Com o complexo de processos e forças de mudança, denominados globalização, vem ocorrendo, na pós-modernidade, não só o deslocamento do sujeito, mas também o deslocamento das identidades culturais nacionais, fazendo com que as identidades locais se tornem mais importantes no contexto de mundo sem fronteiras. O Bairro Demétria é um exemplo disso, já que

preenche todos os requisitos para ser caracterizado com uma identidade cultural local bem consolidada, apresentando todos os cinco elementos que constroem o senso comum de uma comunidade, que são, segundo HALL (2002): a narrativa de nação; a continuidade das tradições e dos elementos essenciais à sua identidade; a invenção das tradições; o mito fundacional e o mito do povo original ou pertencente a tal identidade.

Estes cinco elementos estão ricamente difundidos no senso comum dos moradores do Bairro Demétria, já que os eventos e as festividades tradicionais são freqüentes e têm grande adesão entre a população do bairro e a história da comunidade e de sua fundação é bastante difundida. BERTALOT-BAY (2004) reforça esse caráter de que todos os indivíduos participam da construção da comunidade do Bairro Demétria e são sujeitos importantes de seu desenvolvimento:

“Todos, de alguma maneira, contribuem com a paisagem econômica, social e cultural do Bairro que, ao longo do tempo, passou a contar com vários condomínios residenciais, intercalados a áreas agrícolas, pecuárias e de preservação ambiental. Uma característica do local é não haver um comando central, algum planejamento ou controle instituído centralmente. A dinâmica social do cotidiano do Bairro acontece de forma espontânea conforme os interesses dos que ali convivem”.

Além dos aspectos citados acima, a questão ideológica – fundamental para o firmamento de uma narrativa de nação e suas respectivas tradições e símbolos – também contribui para o fortalecimento do Bairro Demétria como comunidade possuidora de uma identidade cultural própria:

“Estimuladas principalmente por questões que a literatura denomina ‘ideológicas’ (concepção de mundo), os moradores não nascidos no Bairro Demétria e que representam a quase totalidade dos seus residentes encontraram motivação para se estabelecerem inicialmente numa área relativamente inóspita e isolada. Tanto o número de iniciativas atualmente estabelecidas no bairro que se baseiam explicitamente na concepção de mundo conhecida por Antroposofia comprova o predomínio desse elemento ‘ideológico’ e a sua força de atração no caso do Bairro Demétria que até hoje segue atraindo novos moradores nascidos em outras partes do país”. (BERTALOT-BAY, 2008).

## 4.2 O LIVRO-REPORTAGEM

Por seguirem uma concepção de mundo diferenciada e pouco tratada na mídia convencional, os moradores do Bairro Demétria e o próprio desenvolvimento do bairro como uma comunidade antroposófica justificam uma abordagem mais aprofundada do caso. O livro-reportagem, por sua vez, constituindo-se como um subgênero do jornalismo que não se condiciona aos grilhões da rotina dos meios de comunicação periódicos e tem como excelência uma liberdade temática, de abordagem, de propósito, entre outras, faz-se o meio ideal no qual a história do Bairro Demétria e de seus moradores e a relação de ambos com a Antroposofia devam ser registradas e difundidas. O livro-reportagem contém as características essenciais para que o assunto seja discutido de forma clara e com o aprofundamento devido, já que ele “é o veículo de comunicação não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro dos meios de comunicação jornalístico-periódicos” (PEREIRA LIMA, 1995, p.29) e ainda apresenta como função:

“Informar e orientar em profundidade sobre ocorrências sociais, episódios factuais, acontecimentos duradouros, situações, idéias, e figuras humanas, de modo que ofereça ao leitor um quadro de contemporaneidade capaz de situá-lo diante de suas múltiplas realidades, de lhe mostrar o sentido, o significado do mundo contemporâneo”. (PEREIRA LIMA, 1995, p.37).

O mesmo autor ainda propõe uma classificação dos livros-reportagens, na qual as mais relevantes para este projeto são duas: o livro-reportagem-retrato e o livro-reportagem-história. Segundo ele, o livro-reportagem-retrato foca “uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto em questão. Visa elucidar, principalmente, seus mecanismos de funcionamento, seus problemas, sua complexidade” (p.45) e o livro-reportagem-história “focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo. O tema, porém, tem geralmente algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual” (p. 46). Considera-se, por se tratar da abordagem do desenvolvimento de uma comunidade localizada numa

mesma região geográfica, que ambas as classificações encaixam-se neste projeto.

### **4.3 TÉCNICAS DE ENTREVISTA**

O principal instrumento para a etapa de documentação deste livro-reportagem (etapa qual PEREIRA LIMA considera indispensável para uma grande reportagem), que pode ser considerado a base e o meio para se atingir os objetivos propostos neste projeto, é a entrevista, pois esta é a técnica mais eficaz de aproximar repórter e fonte e, assim, leitor e texto. É a busca pela humanização do tema, entendida como “processo de seleção de determinados traços do indivíduo ou de uma situação com o objetivo de por em destaque a vivência humana comum e geral” (MEDINA, 2002, p. 93). Mais do que uma questão mecânica, propõe-se enxergar essa etapa da realização do projeto como fundamental para o enriquecimento do produto final, encarando-a como o verdadeiro diálogo possível e aberto, no qual “o centro do diálogo se desloca para o entrevistado; ocorre liberação e desbloqueamento na situação inter-humana e esta situação tem condições de fluir” (MEDINA, 2002, p. 11). Somente desta forma é possível dar voz a indivíduos e a temas que não têm espaço na mídia tradicional de maneira a tratá-los de maneira completa, humanizada e enriquecedora.

### **4.4 A ANTROPOSOFIA**

O elemento ideológico que perpassa a história do Bairro Demétria, a Antroposofia, constitui-se como percepção de mundo em comum entre seus moradores como pensamento norteador de seu desenvolvimento desde sua fundação. A Antroposofia, denominada ciência espiritual – pois ultrapassaria as barreiras da ciência comum – foi fundada pelo filósofo alemão Rudolf Steiner, por volta de 1913, com o intuito de investigar conscientemente os fatos, os fenômenos e as características de um mundo não-físico que a modernidade tecnicista e racional teria deixado de lado; a ciência tradicional não teria metodologia empírica para estudar e a religião só se basearia em crenças para explicar. Segundo LANZ (1988), a “Antroposofia significa ‘sabedoria do ser

humano', mas ela não se detém à antropologia, ela é uma ciência do cosmo que tem como centro e ponto de apoio o homem". Desta forma, esta ciência espiritual promoveria estudos sobre a entidade humana, passando a vê-la de outra forma, mais individual e complexamente, além de redefinir a ela um papel central no universo como um todo (mundo físico e não-físico). Ela traria de volta a espiritualidade à ciência e ao estudo do homem.

A partir de seu conceito básico da trimembração do sujeito – o qual afirma que o homem é constituído de quatro corpos: um físico e outros três espirituais, cada qual com sua função específica – a Antroposofia influenciou vertentes em outras áreas do conhecimento. É o caso da agricultura biodinâmica, da medicina antroposófica, da euritmia, da odontologia integral e da pedagogia Waldorf, entre outras. Todas estas atividades, assim como o estudo restrito da Antroposofia, difundiram-se pelo mundo e encontram adeptos por todos os cantos, inclusive no Brasil.

#### **4.5 BOTUCATU**

Cidade dos bons ares, das boas escolas e das boas indústrias. Ou ainda a terra do saci. Estes são os slogans e as formas pelas quais Botucatu, a 235 quilômetros de São Paulo, é conhecida por seus não-moradores. Nascida da doação de terras por capitães e com vocação religiosa desde então – tem como padroeira Nossa Senhora de Sant'Anna e como maior cartão-postal o Largo da Catedral, localizado próximo ao centro da cidade – atualmente a cidade conta com cerca de 130 mil habitantes distribuídos em uma área aproximada de 1.482 quilômetros (há mais de um século, chegou a ocupar um quarto do território do Estado de São Paulo), fazendo limites com os municípios de Anhembi, Bofete, Pardinho, Itatinga, Avaré, Pratânia, São Manuel, Dois Córregos e Santa Maria da Serra. Em 2011, fez 156 anos.

Seu desenvolvimento econômico, social e cultural se entrelaça com o fortalecimento de algumas lendas e histórias locais, surgidas principalmente pela sua localização geográfica. Os bons ares fazem menção ao clima vindo da Cuesta – a qual dá à cidade uma altitude relativamente elevada e belos mirantes – e vêm do significado das palavras indígenas Ybytu Katu, que acabaram dando nome à região. Dos primórdios de sua fundação também

origina a lenda de que Botucatu teria um lado místico, ideia impulsionada pelo fato de uma trilha Inca, o Caminho Peabiru, passar justamente por sua área. Ligando as terras peruanas ao litoral brasileiro, esta trilha teria como ponto de rituais a Cuesta botucatuense, especificamente uma das Três Pedras, elevações rochosas situadas na cidade.

Somam-se a essa formação geográfica outras atrações turísticas naturais de Botucatu, como diversas cascatas e cachoeiras, o mirante da Cuesta, o Morro do Peru e as margens do Rio Tietê, nas quais nasceram alguns bairros com características de veraneio, como o Rio Bonito e a Mina. Ainda atraem visitantes as igrejas e capelas, tal como a localizada em Rubião Jr., um distrito da cidade, e a Fazenda Lajeado, antiga fazenda de café atualmente pertencente à UNESP.

A fama de cidade de boas escolas tem como exemplo o campus da Universidade Estadual Paulista, abrigo da conceituada Faculdade de Medicina e seu respectivo hospital, referência regional de pesquisa e atendimento, além de outros cursos na área de ciências biológicas. Já as boas indústrias fazem referência a algumas de suas empresas de porte nacional, tais como Embraer, Duratex, Induscar, Café Tesouro, Eucatex, Centro Flora, etc. Por fim, sua última denominação, terra do saci, é bastante recente e originária dos próprios moradores. Palco da Sociedade Brasileira dos Caçadores de Saci, a história se espalhou pelo município, conferindo-lhe a fama e até um novo mascote, o Saci-Pererê.

#### **4.6 O BAIRRO DEMÉTRIA**

Localizado na área rural do município de Botucatu, o Bairro Demétria tem suas origens vinculadas à Estância Demétria, fundada em 1974. Comprada em parceria com a Associação Beneficente Tobias e agricultores, ela nasceu com o objetivo de ser a primeira unidade agrícola a praticar a agricultura biodinâmica no Brasil, técnica vinculada à Antroposofia. Os trabalhadores que passaram a morar na estância desde este começo, entre brasileiros e europeus, são os denominados pioneiros.

Desta primeira iniciativa vinculada à agricultura, outras nasceram e se instalaram na área da estância e em terras dos arredores posteriormente

compradas, como a escola Aitiara, a Comunidade dos Cristãos, a Associação Biodinâmica, o Instituto Elo, entre outras, sempre buscando atender às necessidades dos próprios moradores. Da compra de fazendas vizinhas, surgiram, também, os condomínios, que possibilitaram a Demétria se tornar um local destinado não só ao cultivo biodinâmico, mas também com fins residenciais. Este fato e a infra-estrutura cada vez mais bem estruturada possibilitaram o crescimento da comunidade, tanto em tamanho, número de habitantes e importância, passando a ser chamada de Bairro Demétria. Hoje, o bairro envolve a original Estância Demétria e todo o perímetro no qual estão localizados os demais estabelecimentos e residências, além da área de proteção ambiental.

Por ser, ainda hoje, fortemente vinculado à Antroposofia, o Bairro Demétria se desenvolveu com características próprias, tornando-se um bairro rurbano: um misto de infra-estrutura e moradores de essência urbana, porém com toda uma paisagem rural, a fim de preservar a relação harmoniosa com a natureza. Por essa razão, embora estejam lá localizados estabelecimentos voltados à prestação de serviço, ele ainda mantém as estradas de terra, pouca iluminação, arborização em abundância, etc.

Seus moradores também sofrem influência destas peculiaridades. Primeiro, porque muitas das pessoas atraídas a morar na Demétria são adeptos da Antroposofia ou buscam uma vida mais tranquila no campo com alguns confortos típicos da cidade grande. Segundo, pois em se tratando de uma comunidade pequena, a maior parte dos seus habitantes se conhece e ainda há o costume de se reunirem em festividades e tradições próprias do bairro, mantendo uma relação cordial entre eles.

O misto da Antroposofia, características rurbanas e moradores em busca de um ideal comum determinam e são os maiores diferenciais do Bairro Demétria em relação a outras comunidades mais heterogêneas.



## **5 METODOLOGIA**

### **5.1 MÉTODO DE PESQUISA E ANÁLISE**

Apesar de ter um nível maior de “excelência jornalística”, o livro-reportagem ainda é um subgênero do jornalismo (PEREIRA LIMA, 1995) e, portanto, deve seguir uma produção que leve em conta os princípios de uma grande reportagem jornalística, a qual obrigatoriamente deve apresentar “predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista e objetividade dos fatos narrados” (p. 27). A grande reportagem, e conseqüentemente o livro-reportagem, têm como principal objetivo a busca pelo entendimento mais amplo da situação em exame e, para alcançar tal meta, este projeto cumpriu as etapas das técnicas jornalísticas de apuração e edição (listadas em “Páginas ampliadas”: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura, de Edvaldo Pereira Lima), as quais passam por: pauta, entrevista, observação participante (caso haja necessidade), documentação, narrativa e edição.

### **5. 2 PAUTA, ENTREVISTAS E DOCUMENTAÇÃO**

Seguindo o cronograma de trabalho que havia estipulado desde o pré-projeto, eu deveria concluir toda a etapa de entrevistas até, no máximo, o começo de agosto. A fim de cumprir este calendário, já no primeiro semestre de 2011 comecei a levantar dados sobre o Bairro Demétria, os quais poderiam me dar fundamento para a elaboração das entrevistas, a fazer fichamentos da bibliografia básica para a execução do projeto, e a entrar em contato com possíveis fontes.

O primeiro contato foi feito por meio de e-mail com um dos moderadores do blog “Alô, Bairro Demétria”, site dedicado a assuntos de interesse dos moradores do local. Luiz Ribeiro, então, disponibilizou-me uma lista de contatos (cerca de vinte nomes e telefones), que passou a ser meu guia para o agendamento das entrevistas. Ao longo do processo, os entrevistados indicavam outras pessoas, e assim eu seguia o trabalho.

As entrevistas eram divididas em duas partes: a primeira era comum a todas as fontes e consistia, basicamente, destas perguntas:

- Quando você se mudou para o bairro?
- Onde você morava antes e o que fazia?
- De onde surgiu esse interesse, o que o motivou a mudar para o bairro?
- Já tinha muito contato com os moradores? Algumas pessoas em especial?
  - E como foi esse começo (vinda com a família, construção/compra da casa, preços, receptividade, adaptação)?
  - Muita coisa mudou na Demétria desde que você está aqui?
  - O que você vê de diferente no Bairro, o que o torna especial?
  - Você participa/se envolve em alguma das atividades do bairro?
  - Você é antropósofo(a)? Quando teve o primeiro contato com a Antroposofia?
    - Tem algo a mais que você gostaria de acrescentar sobre o bairro (sua visão particular, sua vivência...)?

Em seguida, vinham as perguntas específicas para cada entrevistado, levando em consideração o objetivo desta. Algumas eram para adquirir informações sobre a formação do bairro (no caso dos pioneiros) e estabelecimentos ou iniciativas em especial; outras eram voltadas à história de vida da fonte e sua relação com o bairro. Houve ainda aquelas que somavam os dois objetivos.

A grande maioria das entrevistas foi realizada na própria Demétria. Residências, a escola Aitiara, o Espaço São Micael, a Associação Biodinâmica, a Bioloja, a Comunidade dos Cristãos e o Café Somé foram alguns lugares onde me encontrei com os moradores. Ainda houve uma entrevista fora do bairro, em uma feira orgânica, e algumas feitas por e-mail. Esta última alternativa se tornou uma opção devido ao pouco tempo para a realização das entrevistas e à incompatibilidade de datas. No fim, percebi que as informações coletadas via internet foram bem menos utilizadas no decorrer do livro, pois o contato pessoal acabou ficando mais fresco em minha memória na hora da escrita.

Vale ressaltar que todos os contatados para contribuir com este projeto, seja por e-mail, telefone ou pessoalmente, foram muito solícitos (desde o momento da entrevista até, depois, para o envio de fotos e checagem de informações) e esperam, inclusive, uma cópia ou versão digital do livro.

Ainda na fase de documentação, para a primeira parte do livro, que fala especificamente da Antroposofia, fiz uma entrevista com o objetivo de consultoria com um professor de Filosofia. Ele foi a única fonte a falar da Antroposofia sem o olhar vindo de dentro dela. Há uma dificuldade enorme em encontrar material de referência que trate do tema, mas que não seja feito por adeptos desta ciência espiritual. Há pouquíssimos estudos acadêmicos e, na internet, praticamente só se encontra autores antropósofos se dedicando à discussão da Antroposofia. Levando isto em consideração, apoiei-me em livros, no site da Associação Brasileira de Antroposofia, que reúne um grande número de textos, e no meu bom-senso em passar as informações de maneira mais isenta possível, mesmo com o material de apoio pendendo para um dos lados da balança.

### **5.3 PRODUÇÃO DO LIVRO**

Depois que já havia reunido todos os depoimentos dos moradores e levantado o maior número possível de informações por meio de material de referência, comecei o processo de escrita. Já havia decidido, desde o princípio do projeto, que, em se tratando de um livro que tem como objetivo retratar o desenvolvimento de uma comunidade, eu o dividiria em três partes: a primeira explicaria a filosofia por trás da iniciativa, a Antroposofia, com uma reunião de capítulos mais didáticos e diretos sobre o tema; a segunda traria a narrativa sobre a história da Demétria, desde a década de 70 até as questões mais atuais; e a terceira parte reuniria perfis de moradores, dando voz a algumas pessoas que fizeram e fazem parte da construção do bairro.

Após fazer um índice indicando cada capítulo contido em cada uma das três partes, comecei pela primeira delas “Porque somos – A Antroposofia”, já que era a única que não dependia de transcrição de sonoras. Quando terminei de transcrever as gravações, segui para a terceira parte “Quem somos – Os moradores”, pois ela tinha uma ligação forte com o meu registro pessoal de

cada encontro e acreditei que o texto ficaria mais completo se a vivência ainda estivesse fresca na memória. Para dar um tom bem próximo a estes capítulos, optei pela narrativa em primeira pessoa. Finalizei com a segunda parte “Como somos – O Bairro Demétria”, para a qual utilizei documentação e entrevistas para sua conclusão em linguagem direta em terceira pessoa.

Ao mesmo tempo, eu mandava os textos para o meu orientador, Maximiliano Vicente, e já fazia as alterações sugeridas. Também enviei todo o trabalho ao meu pai, que atuou como revisor do livro.

#### **5.4 ARTE E DIAGRAMAÇÃO**

Primando a qualidade do trabalho final, optei por terceirizar o trabalho de diagramação e ilustração de capa deste projeto. Conteí com a ajuda de duas amigas formadas em design para isso. A arte da capa foi baseada em uma fotografia tirada por mim da entrada do bairro Demétria. Em cima da imagem e de conceitos discutidos entre nós sobre a Antroposofia e a história do local, a design Eveline Jacob desenvolveu a arte que ilustra a capa do livro-reportagem. Contribuiu para a fluidez da proposta sermos próximas, pois assim pude acompanhar todas as etapas da elaboração da imagem: pesquisa, esboço, pintura, finalização.

A diagramação ficou a cargo da também design Caroline Bomfim. Entreguei o esquema de paginação a ela e, discutindo as possibilidades de formatos, fontes, margens, espaçamentos, etc, que pudessem representar o conteúdo escrito do livro, ela chegou ao resultado final do produto. As opções ficaram em um formato de livro menor, que pudesse ser facilmente manuseado, assim como uma fonte legível e clara. A capa, mais grossa, foi sugestão dela para que o livro não fosse rapidamente marcado por cicatrizes de dobras e a presença de orelhas, acreditamos, daria um aspecto maior de livro comercial ao projeto.

As fotos localizadas no miolo do livro foram coletadas, em sua maioria, de arquivo pessoal de moradores. Algumas foram retiradas, mediante permissão, de sites e blogs dedicados ao bairro.

## 5.5 DIFICULDADES

A maior dificuldade encontrada ao decorrer deste trabalho não diz respeito a ele próprio, e sim à administração do meu tempo para realizá-lo. Dedicando-me a outros projetos e atividades, somados à sensação de esgotamento do curso de jornalismo, houve dias em que foi difícil encontrar ânimo para escrever mais uma página, e mais uma. Essa questão também esteve presente na época do agendamento das entrevistas com os moradores, já que eu só podia fazê-las aos finais de semana e feriados, o que impossibilitou o encontro com algumas pessoas. Superados estes problemas, os trabalhos que envolviam as entrevistas, a escrita, a edição e a revisão ocorreram sem problemas.

Uma questão, nem tão caracterizada como dificuldade, foi na escolha das fontes. Como o bairro Demétria engloba cerca de 800 moradores, eu jamais conseguiria entrevistar todos, sequer metade ou um terço deste universo. Esta constatação me deixou, ao menos no início, com uma sensação de que meu trabalho não estaria completo nunca, pois sempre haveria mais informações e histórias a acrescentar. Conformada, na hora da escrita e edição do material recolhido nas entrevistas, a sensação apareceu novamente, pois as longas conversas não caberiam inteiras em uma narrativa interessante e que prendesse a atenção do leitor. De qualquer forma, foi uma experiência enriquecedora saber determinar o que é relevante para o projeto e o que deve ser deixado de lado.

Um último empecilho surgiu no final do processo de levantamento de informações. Um dado coletado em uma das entrevistas revelou-se um assunto tabu entre alguns moradores do bairro Demétria, o que fez com que um dos pioneiros pedisse a não-publicação dele no livro. No fim, com algumas conversas, a pessoa incomodada com a divulgação do tema aceitou vê-lo impresso, embora tenha se reservado ao direito de não comentá-lo. Fora isto, todos os outros contatos com as fontes se realizaram de forma tranquila e sem maiores incidentes.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O curso de jornalismo e as experiências que ele envolve fazem com que, ano a ano, cada estudante se sinta mais jornalista e mais preparado para seguir seu caminho nesta profissão, após, finalmente, adquirir seu diploma. O TCC, embora exija dedicação e uma energia extra no final desta jornada, acaba exercendo um papel de divisor de águas. Ao ver “Eu moro, eu sou. Bairro Demétria: construção de uma comunidade antroposófica” pronto, definitivamente senti a sensação de dever cumprido.

Todo o processo de execução deste projeto contribuiu, de algum jeito, para que eu terminasse minha formação acadêmica de forma plena. Desde a escolha do tema – retratar o Bairro Demétria, localizado na minha cidade, dando chance a uma volta às origens – passando pela realização de entrevistas e a escrita de uma narrativa que pudesse interessar ao leitor até chegar à opção em fazer um livro-reportagem, talvez uma das poucas chances de escrever, de fato, um livro, foram etapas que, cada uma ao seu modo, trouxeram um grande aprendizado.

“Eu moro, eu sou. Bairro Demétria: construção de uma comunidade antroposófica” busca registrar a formação e o desenvolvimento deste bairro, dando voz a seus moradores e levantando uma discussão sobre sua filosofia norteadora, a Antroposofia. Com os livros em mãos, sinto-me realizada em afirmar que estes objetivos foram cumpridos, contribuindo para a memória local e para a divulgação da história de uma iniciativa pioneira e digna de servir de exemplo e inspiração a seus leitores. Resta, agora, colher os frutos deste trabalho.

## REFERÊNCIAS

BERTALOT-BAY, MARCO. 30 anos da Estância Demétria, **Revista Agricultura Biodinâmica**, Botucatu, n. 90, p. 10-12, outubro 2004

BERTALOT-BAY, MARCO. **Consequências ambientais e sociais da atividade agrícola**: reflexões epistemológicas sobre a regenerabilidade. 2008. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade de Campinas, Campinas, 2008.

HALL, STUART. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

LANZ, RUDOLF. **Noções básicas de Antroposofia**. São Paulo: Editora Antroposófica, 1988.

MEDINA, CREMILDA DE ARAÚJO. **Entrevista**: o diálogo possível. São Paulo: Editora Ática, 2002.

PEREIRA LIMA, EDVALDO. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

*"É um lugar onde se respira a vida, a natureza, o ser humano e procura contribuir para melhorar o mundo. É lógico que todos nós falhamos, não somos perfeitos, mas pelo menos o esforço é nessa relação"*

- Eldbjorg Blaich

*"Viver aqui é muito parecido a viver em um grande experimento social. É bom reconhecer os momentos de estar perto e os momentos de se afastar"*

- Ana Luisa Pereira

*"Não me vejo morando em outro lugar, às vezes eu tenho vontade de fugir, mas só um pouquinho, porque sei que meu lugar é aqui"*

- Marco Bertalot Bay

Empresários e trabalhadores. Capital para uma empreitada inédita e pessoas dispostas a colocar a mão na massa para realizá-la. Foram esses os dois ingredientes que possibilitaram o surgimento da Estância Demétria, local pioneiro na prática da agricultura biodinâmica no Brasil. Mais de 35 anos após esta união, a estância é apenas uma das iniciativas do bairro Demétria, na cidade de Botucatu, onde uma verdadeira comunidade de moradores se guia por ideias em comum: busca por qualidade de vida, harmonia com a natureza, relações humanas equilibradas, a Antroposofia como filosofia norteadora. Isso – e muito mais – torna a Demétria um ambiente social peculiar, raro e, definitivamente, inspirador.

Produção gráfica: Carol Zitz

Ilustração: Eveline Jacob

## *Eu moro, eu sou. Bairro Demétria: construção de uma comunidade antroposófica*



Eu moro, eu sou. Bairro Demétria: construção de uma comunidade antroposófica

Maria Carolina Vieira

*Maria Carolina Vieira*

*"Eu amo isso aqui, sou muito grata por ele ter acolhido a mim e a minha família. A gente sofre com as dificuldades e desafios, mas quem está aqui gosta bastante"*

- Maria Eduarda Mendes

*"O bairro é uma coisa especial, é um paraíso. Uma comunidade onde a maioria das pessoas se conhece. Então, é tudo aberto porque não tem esse perigo, até a porta da nossa casa ficou sempre aberta"*

-Christine Wotka

*"É muito fácil a gente viver fora da grande cidade e o termo rurbano é muito usado aqui, um conceito bastante atualizado. É o fato da gente viver uma vida sossegada e ter os vizinhos como amigos, ter colaboração, ajuda"*

- Hans Reisevitz



*Eu moro, eu sou. Bairro Demétria:  
construção de uma comunidade antroposófica*

*Maria Carolina Vieira*



“Nenhum de nós é melhor  
do que todos nós juntos”



À minha família, grande  
dádiva recebida, e aos meus  
amigos, irmãos que escolhi



## Índice

Introdução .....	9
------------------	---

### **PRIMEIRA PARTE: PORQUE SOMOS**

#### **A ANTROPOSOFIA**

Um fundador visionário .....	13
O surgimento .....	16
Uma explicação rápida: a trimembração do sujeito .....	19
Ciência espiritual? .....	22
A pedagogia Waldorf .....	24
A agricultura biodinâmica .....	28
A medicina antroposófica .....	30
A economia associativa .....	32
Antroposofia nas artes .....	34
Antroposofia no Brasil .....	36

### **SEGUNDA PARTE: COMO SOMOS**

#### **O BAIRRO DEMÉTRIA**

Antes da Demétria, uma ideia .....	41
Um pouco de Botucatu .....	43
Então vamos fazer agricultura biodinâmica .....	45
A Fazenda Demétria .....	48
Os condomínios .....	51
A escola Aitiara .....	54
A Associação Biodinâmica .....	57
A comunidade dos Cristãos .....	61
O Espaço São Micael .....	64
A AMADemétria .....	68
O Instituto Elo .....	70
Alguns estabelecimentos e iniciativas .....	72
Crescimento do bairro: vamos fugir de São Paulo! .....	76
Um bairro... rurano .....	80
E Botucatu com isso? .....	82
Questões atuais .....	85

## TERCEIRA PARTE: QUEM SOMOS

### OS MORADORES

A primeira entrevista .....	93
Os pioneiros: Um almoço à la Demétria .....	99
Os pioneiros: Na feira orgânica .....	105
Os pioneiros: O tal nome impronunciável .....	111
A cigana do bairro.....	116
Pedro – o calmo – Jovchelevich.....	121
Uma alemã (mesmo!) .....	125
Um encontro na Bioloja.....	130
Sempre haverá um pastor .....	136
Paulo Cabrera, o fazendeiro .....	141
A nova geração .....	147
Um perfil meio de tabela .....	151
Só mais uma palavrinha .....	155
Agradecimentos .....	157
Referências .....	159



## Introdução

Este livro-reportagem é fruto de um Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru. Nestes termos, parece um material mecânico, sem o espírito, intenções e aprendizado representantes dos quatro anos de faculdade, que, aí sim, resultaram neste singelo trabalho.

Eta fundamental na formação de um jornalista, este TCC não só agregou experiência à minha futura carreira como também abriu portas para o conhecimento de um universo completamente novo e riquíssimo culturalmente falando. Escrever sobre o bairro Demétria, localizado em Botucatu, SP, seus moradores e sua maneira de enxergar o mundo foi uma fonte de inspiração para mim. O objetivo maior desta leitura é que também seja uma fonte de inspiração para você, leitor.

Aqui você vai encontrar uma narrativa dividida em três partes. Em “Porque Somos – A Antroposofia”, é possível se informar sobre o histórico desta ciência filosófica criada por Rudolf Steiner e entender seus fundamentos e conceitos básicos, assim como suas aplicações em outras áreas do conhecimento. Entenda, a meta não é fazer um estudo antroposófico aprofundado, longe disso, mas inteirá-lo sobre o assunto para que o próprio bairro Demétria seja compreendido em seus ideais e motivações. A segunda parte “Como Somos – O Bairro Demétria” se faz o momento central deste livro, no qual você lê o registro da história da formação do bairro, a partir da Estância Demétria (lembrando desde já que o Bairro Demétria e a Fazenda Demétria são coisas distintas), do surgimento de iniciativas e estabelecimentos posteriores, de seu crescimento e das questões atuais, tudo com depoimentos e pontos de vista dos próprios moradores. Por fim, a última parte “Quem Somos – Os Moradores” traz perfis de algumas pessoas entrevistadas ao longo deste trabalho, personalidades centrais para a formação da realidade contemporânea da comunidade demetrianiana.

Antes de adentrar pelas páginas deste livro, mais uma consideração. Esta não é uma história escrita por uma antropósofa nem voltada para antropósofos. Ela é dirigida a todos que se interessem pela narrativa de um local peculiar e único no âmbito regional e nacional. Aconselho a começar a ler pelo capítulo que mais lhe interessar: se já souber um pouco sobre a Antroposofia, vá direto à segunda parte! Se desejar se inteirar antes sobre o assunto, inicie pelo primeiro capítulo mesmo. Já se for um morador da Demétria, que tal pular para a última parte e ver seus colegas – ou a si próprio – retratado por lá? Fique à vontade e, acima de tudo, faça uma boa leitura.

*Primeira parte: Porque somos  
A Antroposofia*



## Um fundador visionário

Quanto uma única pessoa pode moldar a existência e o futuro de um novo movimento filosófico? E mais: quais razões a levam a ter a ambição iluminada de se entregar a uma causa tão específica e exigente de tempo e energia plenos? O homem que não só criou, mas também difundiu uma inédita ciência espiritual é, depois de quase cem anos de sua morte, praticamente o único nome de peso mundial relacionado a ela. Quem se deparar com a vontade de se informar sobre qualquer aspecto da denominada Antroposofia, certamente irá encontrar diversas vezes o nome Rudolf Steiner. Criador, líder e até hoje referência, ele é um exemplo universal de dedicação ao que se acredita. Sua trajetória é perpassada pelos seus ideais, construídos de maneira rica por suas próprias experiências, as primeiras remetentes à sua infância bucólica vivida no campo.

É difícil determinar por qual nacionalidade Steiner responderia atualmente. Ele nasceu em 27 de fevereiro de 1861, em Kraljevec, na antiga Iugoslávia, que, por sua vez, se transformou em vários países. A região exata não tem tanta importância, já que, com apenas um ano e meio, se mudou de lá para Moedling, cidade perto de Viena, Áustria, e novamente para Pottschach, outra cidade austríaca onde viveu até os oito anos. A cultura austríaca predominou em sua formação: seus pais, Johann – ferroviário bastante transferido, razão das mudanças constantes – e Franziska, haviam nascido no país.

Pottschach é localizada no extremo sul da Bacia de Viena e se estende pelo sopé de montanhas de neve eterna, paisagem inspiradora que deveria render vistas impressionantes para o garoto Steiner. A cidade não existe mais desde 1971, quando se fundiu com o município de Ternitz. Hoje, o local possui cerca de cinco mil habitantes. Em meados de 1860, Pottschach não passava de um pequeno vilarejo campestre. Nessa época, a família Steiner (pai, mãe, Rudolf, o filho mais velho, e mais um casal de irmãos mais novos) morava no edifício da estação de trem, fato decisivo

para uma educação mista em aspectos da rica natureza da vila com a modernidade tecnológica que chegava à Rudolf nos comboios dos trens e nas mensagens dos telégrafos. O garoto ainda estudava em casa, com lições do pai.

Steiner só passou a freqüentar a escola regularmente após os oito anos, quando a família se mudou novamente, desta vez para o vilarejo de Neudörfel. Nele, o garoto descobriu o prazer da geometria. Unindo preferência pessoal a certa pressão do pai, o jovem de 18 anos se matriculou na Escola Politécnica de Viena, em 1879. Ao mesmo tempo em que estudava matemática, filosofia, literatura e outras ciências, passou a se interessar bastante pela obra de Goethe. O contato com os textos do antigo filósofo e cientista revelou-se um dos passos para a criação da Antroposofia, mas não o primeiro.

Desde criança, Rudolf Steiner apresentava dons da chamada clarividência, ou dons mediúnicos. O mundo espiritual se fazia tão real quanto o físico para ele – em um episódio no qual retornava a pé da escola, embaixo de forte neve, o maior incômodo não era o frio, mas sim os estímulos sensoriais do vilarejo. Essa linha tênue entre dois universos distintos e, no momento, incompreensíveis, fazia dele um garoto e adolescente recluso. Steiner não falava sobre o assunto com quase ninguém, exceto com um professor e um padre locais, dois verdadeiros incentivadores de seus talentos.

Talvez por sentir essa presença evidente de um mundo espiritual, já na Escola Politécnica de Viena Steiner começou a se posicionar contra a corrente positivista dominante no pensamento científico da segunda metade do século XIX. A ciência enxergava o mundo reduzido a números, máquinas, resultados, causas e conseqüências, bastante entusiasmada pela recente Revolução Industrial. A espiritualidade, tão familiar ao jovem, foi relegada ao esquecimento. Para firmar sua escolha, ele se dedicou ao estudo das ciências naturais e envolveu-se também na agitada vida intelectual e cultural vienense. Nesses círculos e aos 19 anos, Rudolf conheceu o homem decisivo para a futura existência da Antroposofia: Karl Julius Schröer, poeta e professor de literatura alemã na Escola Politécnica de Viena. Por sua indicação, Steiner foi convi-



## O surgimento

A obra de Johann Wolfgang Goethe (1749-1832) é tão extensa quanto sua importância como cientista e artista. Ela abrange áreas desde a literatura, com o famoso Fausto, até óptica, geologia, botânica e zoologia, incluindo sua mais conhecida Teoria das Cores. Especificamente em relação ao trabalho de Steiner, a visão goethiana da natureza teve fortes influências na ainda nascente Antroposofia. Goethe, divergindo das idéias científicas de sua época e mostrando-se à frente do seu tempo, enxergava a natureza como uma totalidade orgânica, viva e possuidora de uma profunda conexão com o mundo espiritual. Um dos poucos cientistas a abordarem um espaço além-físico, Goethe era tudo o que Rudolf Steiner precisava para seus anseios em entender e interligar espiritualidade e ciência.

Em busca de um espaço para a questão espiritual no mundo moderno do fim do século XIX e início do século XX, Steiner começou a elaborar os primeiros preceitos da Antroposofia. Usado por outros filósofos anteriormente, em grego tal termo significa “sabedoria humana”. O homem à procura da verdade e de um conhecimento além do palpável. Em 1900, ele passou a usar a palavra em suas conferências – atividade exercita até o fim de sua vida – na Sociedade Teosófica em Berlim. Nelas, falava bastante sobre os resultados de suas próprias pesquisas espirituais. Apenas dois anos depois, em 1902, ele assumiu o cargo de diretor da sociedade, no intuito e sob a condição de poder divulgar seus estudos, estando de acordo ou não com a linha seguida pelos outros dirigentes. Condições deste nível raramente perduram por muito tempo sem polêmica.

A harmonia entre Steiner e a Sociedade Teosófica durou pouco mais de dez anos. O fundador da Antroposofia entrou em conflito com ideias que tomaram força entre os demais dirigentes. Algumas delas, como a de que um jovem hindu chamado Krishnamurti era a reencarnação de Jesus Cristo, beira ao absurdo nos dias de hoje. Opondo-se a essa mudança radical de ati-



tude e à corrosão dos impulsos iniciais da formação do grupo, Steiner rompeu de vez com a Sociedade Teosófica em 1913.

Alguns membros seguiram seus passos e também se desligaram da Sociedade Teosófica. Junto a essas pessoas, Rudolf Steiner fundou a Sociedade Antroposófica no mesmo ano do rompimento. Mais tarde, durante a Primeira Guerra Mundial, a Sociedade construiu uma sede em Dornach, na Suíça: um prédio de madeira batizado de Goetheanum, em homenagem àquele que tanto influenciou a maturação dos ideais antropósofos. Hoje, o Goetheanum é o centro mundial do movimento e não há entre seus adeptos quem não o conheça, ao menos de ouvir falar.

A partir da criação da primeira sociedade antroposófica do mundo e graças ao trabalho de divulgação do próprio Steiner, o pensamento denominado ciência espiritual difundiu-se mais rapidamente, em especial na Europa. Desde as primeiras palestras sobre o tema, em 1900, até sua morte, em 1925, o filósofo escreveu cerca de 40 livros e ministrou aproximadamente seis mil palestras, todas relacionadas à Antroposofia. Ele acreditava que a Sociedade Antroposófica se tornaria o cerne de uma comunidade mundial de almas e para esse objetivo dedicou toda sua vida.

Hoje, apesar de espalhada por todos os continentes, a academia não estuda a Antroposofia como ciência. Os acadêmicos a consideram apenas um pensamento alternativo. Essa classificação deve-se ao modelo cartesiano da ciência ocidental, que não aceita teorias fora dos parâmetros experimentais e lógico-matemáticos. Assim como outras linhas de pensamento concebidas na mesma época, por exemplo, o espiritismo e a logosofia, a Antroposofia constituiu-se por meio do desejo de intelectuais em unir espiritualidade e ciência. Porém, para isso, a barreira das experiências metafísicas foi ultrapassada e os cinco sentidos humanos conhecidos perderam o alcance. A própria filosofia começa a discutir se é válida tal tentativa de se ir além do mundo concreto. Essa área do conhecimento chega à conclusão de que a ciência só deve caminhar até onde é possível trabalhar com o espaço-tempo; este seria o limite para o entendimento do homem de qualquer conceito. A Antroposofia quebra esse impedimento e, justamente por essa razão, não teve forças para se firmar como

uma corrente científica mundialmente aceita; afinal, seus conceitos mais básicos não são apoiados nos parâmetros exigidos pela academia – experimentais e lógico-matemáticos. Diferentemente do espiritismo, que optou por se afirmar como religião com bases científicas e conseguiu se encaixar em um determinado nicho de atuação, a Antroposofia, ao se autodenominar ciência espiritual, permaneceu em um meio-termo inexistente que a empurrou, pelo menos oficialmente, para a já citada classificação de pensamento alternativo.

## Uma explicação rápida: a trimembração do sujeito

O que faria um cientista para ter respostas a seus anseios espirituais? Alguns os negam totalmente, afirmando-se ateus. Outros buscam religiões com bases mais racionais, o caso do espiritismo. Uma parcela prefere até mesmo deixar a questão de lado e separar por completo a profissão da espiritualidade. Steiner não se contentou com nenhuma dessas alternativas. A realidade positivista vivida na Europa do final do século XIX e início do século XX o fez buscar na ciência algo que dispensasse atenção ao mundo espiritual, e não encontrou. Além de reduzir tudo a questões técnicas e lógicas, não havia respostas a suas perguntas essenciais, resumidas a uma maior: “qual o sentido da vida”? Tampouco via na religião, com sua exigência de fé, um caminho para se alcançar a verdade. O filósofo sentia a existência de um mundo extra-físico imperceptível aos nossos sentidos tradicionais, o qual a ciência se recusava a investigar e a religião abordava apenas por meio de crenças. Para estudar tal mundo com metodologia específica, Rudolf Steiner fundou a Antroposofia.

Como o nome já remete, uma de suas maiores características é o Antropocentrismo. Sempre com o intuito de compreender o indivíduo como ser espiritual e físico e auxiliar em seu desenvolvimento pleno, os seus conceitos são fundamentados na visão do homem como uma verdadeira entidade humana. Decore este termo, entidade humana. Ele é o resumo máximo de toda a abrangência conceitual da Antroposofia. A ideia se faz ainda mais forte a partir da teoria da trimembração do sujeito. Ela confere ao homem, além do corpo físico, mais três corpos (daí a trimembração): o corpo etérico, o corpo astral e o “eu”. Cada um deles, nesta ordem, mostra-se mais evoluído do que o anterior e possui características e funções próprias. O homem, como espécie mais complexa do planeta, seria o único a possuir todos eles. Mas resta a dúvida: como afirmações deste porte podem ser

baseadas na ciência, se antes nunca haviam sido sequer cogitadas? Segundo Steiner, ele chegou a tal teoria por meio da simples observação da natureza e da comparação entre homem e outros reinos e espécies. Suas conclusões são elaboradas por um jogo de lógica, mas não necessariamente por experiências empíricas, mesmo por métodos antroposóficos. De maneira didática, as diferenças notadas por ele começam entre os elementos orgânicos e inorgânicos.

Em suas observações, Steiner notou que, apesar de serem constituídos das mesmas substâncias químicas dos elementos inorgânicos, os elementos orgânicos possuem algo a mais. Algo tão poderoso que lhes confere vida. Enquanto minerais, rochas, gases, entre outros, seguem as leis do Universo, são eternos (a não ser quando forças além de sua própria natureza interferem) e existem somente no espaço, os seres dotados de vida apresentam processos únicos, tais como nascimento, regeneração, crescimento e morte, têm um prazo mais ou menos determinado de existência e se encontram não só no espaço, mas também no tempo. Ele percebeu que o cadáver orgânico, ao morrer, voltava a seguir as leis do mundo inorgânico (se decompunha) e esse algo a mais se esvaía. A tal substancialidade única, Steiner deu o nome de corpo etérico, descrevendo-o como o conjunto de forças vitais doadoras de vida à matéria, com a capacidade de fazê-la deixar de seguir as leis gerais da natureza. Assim como o corpo físico é composto de substâncias físicas, o corpo etérico seria formado por substâncias etéricas, as quais a Antroposofia desconhece. A prova de sua existência estaria na manutenção da vida e na atuação constante contra a morte, o chamado instinto de sobrevivência, ações contrárias às tendências do mundo inorgânico. Para ilustrar suas considerações, Steiner cita o sentido de crescimento das plantas, oposto à Lei da Gravidade, e as doenças típicas do envelhecimento, resultantes da diminuição da ação das forças vitais. Sentindo a aproximação do mundo mineral, elas se enfraqueceriam gradualmente.

Dentro do mundo orgânico, ainda existem diferenças que fazem surgir um segundo corpo exclusivo do reino animal. Enquanto as plantas vivem em um estado de sono, são abertas e

suscetíveis ao exterior e se realizam no tempo (primeiro são semente, depois broto e por fim completas), os animais são seres vigilantes que sentem, reagem, têm impulsos e capacidade de aprendizado. Parecem mais fechados ao mundo exterior ao mesmo tempo em que se movimentam e mantêm um contato espontâneo e constante com ele, e já nascem totalmente formados, salvo casos de metamorfose. Essas diferenças seriam o resultado da atuação do corpo astral, responsável por todo o conjunto de sentimentos, sensações e instintos e também pelo estado de consciência específico de cada espécie. Esse corpo é comumente chamado de alma ou aura em outras culturas e filosofias.

Para Steiner, ainda haveria antagonismos elementares entre o homem e as outras espécies de animais, colocando-o em um patamar único de evolução. Segundo a Antroposofia, somente o ser humano possui consciência de si mesmo e capacidade de pensar, pode dominar seus instintos, tem memória e liberdade de ação e é diferente de todas as outras criaturas (a Antroposofia não concorda com o Evolucionismo, teoria na qual o homem evoluiu a partir de outra espécie). Somente o homem é possuidor de um centro autônomo denominado “eu”. É ele quem lhe confere sua espiritualidade, sua personalidade e seus desejos individuais; é eterno e alheio às características dos outros três corpos, tidos como inferiores e a serviço do verdadeiro “eu”. É esse corpo que realiza o homem como tal, ou seja, é a essência maior da humanidade.

Adotando a teoria da existência não só do corpo físico, mas também do etérico (que dá a vida), do astral (que dá os sentimentos) e do “eu” (que dá o espírito), a Antroposofia considera o indivíduo como um ser muito mais completo e único do que outras ciências tradicionais. Confere-lhe, assim, um valor bem maior como entidade humana. Quando ela fala em evolução do homem, refere-se aos quatro corpos buscando, interligados, um estado de maturidade no qual o “eu” dominará completamente os outros corpos, em uma espiritualidade além dos padrões deste mundo. A missão, agora, é trabalhar nesse processo. Esta é a visão norteadora de todo o movimento Antroposófico e de outros posteriores baseados neste pensamento.

## Ciência espiritual?

A Antroposofia se autodenominou ciência espiritual e adotou métodos científicos próprios para buscar respostas sobre o mundo extra-físico. Tais métodos, não reconhecidos pela ciência tradicional, são constituídos, além de pela própria observação da natureza, por um tipo de revelação superior. Rudolf Steiner, tido como clarividente desde a infância, deu a base para toda a teoria antroposófica acerca da espiritualidade por meio de contatos com mundos superiores. E aí reside o problema, pois se chega a um ponto em que ou você acredita na Antroposofia e em suas provas obtidas dessa maneira, ou não a aceita como ciência.

A obra de Steiner traz descrições e afirmações intensas sobre vários aspectos espirituais, justificando a polêmica de ela ser aceita apenas como pensamento alternativo na academia. Ele fala sobre o destino dos corpos (o astral, o etérico e o “eu”) após a morte, sobre o plano ao qual se encaminham e também sobre vidas passadas. O filósofo chega a elaborar toda uma teoria da origem destes corpos, partindo da evolução do ser humano até a classificação do tempo em eras, as quais remetem inclusive ao período anterior ao da formação terrestre. Desde o século XV até hoje, estaríamos vivendo o Quinto Período Pós-Atlântico, caracterizado principalmente pela eclosão da consciência e pela encruzilhada humana da permanência em um estado de crise ou da evolução para um processo lento de desagregação da matéria, que aconteceria por completo daqui a dois períodos Pós-Atlânticos. Em suma, a Antroposofia acredita na existência de seres superiores que já não necessitam de um corpo físico e que influenciam constante e massivamente os eventos de nosso mundo.

Seria muito difícil captar o estado de consciência destes seres superiores e somente um verdadeiro vidente, assim como Rudolf Steiner, poderia observar e interpretar fatos supra-sensíveis. Resta aos demais indagar e chegar às suas próprias conclusões se as explicações do vidente se enquadram na realidade da vida comum. Segundo a Antroposofia, em tempos passados e nova-

mente no futuro, essa vidência seria uma faculdade comum aos seres humanos, mas hoje estaria em dormência. Ela despertaria caso os órgãos de percepção superiores, encontrados nos corpos não físicos do homem, fossem ativados por meio de exercícios espirituais específicos. Tais exercícios elevariam o homem a um estado de consciência além do praticado normalmente. Só assim seria possível entrar em contato com mundos superiores. Não há registro de algum vidente antropósofo aos níveis de Rudolf Steiner até os dias de hoje.

## A pedagogia Waldorf

A partir dos pensamentos difundidos por Rudolf Steiner, diversas áreas sociais, culturais e econômicas da sociedade passaram a se questionar como os princípios da Antroposofia poderiam ser aplicados em sua dinâmica particular. Dessa ânsia em tornar conceitos em prática, muitos movimentos específicos e distintos foram surgindo a partir da criação da Sociedade Antroposófica, em 1913. A pedagogia Waldorf, elaborada pelo próprio Steiner, é um destes movimentos e pode ser destacado como um dos mais bem sucedidos em nível mundial.

A origem da primeira escola Waldorf – e do nome de tal pedagogia – é bem inusitado e, de certa forma, espontâneo. Waldorf/Astoria era o nome de uma fábrica de cigarros localizada em Stuttgart, na Alemanha. Em 1919, o diretor Emil Molt fez um pedido pessoal a Steiner: gostaria que ele ensinasse as ciências básicas aos filhos de seus funcionários, algo incomum para a época. O modelo de educação baseado na Antroposofia já havia sido pensado pelo filósofo há alguns anos, mas ainda não ocorrera oportunidade de aplicá-lo. Como a recente escola possuía uma política bastante liberal em relação ao seu ensino, Steiner teve carta branca para trabalhar – e assim dar vida ao primeiro colégio a lecionar a pedagogia Waldorf. Com o passar do tempo, o ensino foi ampliado a demais alunos, não filhos de subordinados de Emil Molt. Outras iniciativas semelhantes também começaram a ser fundadas por toda a Alemanha e em diversos países da Europa. Hoje, esse modelo de educação difundiu-se por todo o mundo, inclusive no Brasil e no Bairro Demétria, em Botucatu, interior do estado de São Paulo.

Assim como a Antroposofia vê na sociedade uma crise de valores onde o positivismo eleva tudo a uma existência quantitativa, a pedagogia Waldorf também enxerga tal problema no ensino tradicional. Segundo seus fundamentos, o modelo de educação vigente reduz o aluno a um mero ser biológico, no qual se depositam conteúdos programados, ignorando, assim,



o seu desenvolvimento moral e espiritual. Basta pensar no vestibular e na pressão por resultados satisfatórios para visualizar um aluno cobrado intelectualmente, mas pouco amparado em outras questões complementares tão importantes quanto adquirir informações. Essa nova pedagogia se propunha como meta desenvolver o ser humano da forma mais completa e equilibrada possível, considerando não mais só o seu intelecto, mas também o seu sentir e agir. Para isso, ela toma três medidas principais: expandir seu currículo, que passa a abranger o ensino das artes e de trabalhos manuais ou práticos; promover uma convivência em comunidade por meio de participação intensa dos familiares, boa relação dentro da classe, organização de eventos e comprometimento com o evoluir do aluno; e valorizar a relação entre professor e aluno. São essas três propostas as doadoras das maiores características de tal pedagogia.

O ensino de matérias extras torna-se importante, pois, segundo os princípios Waldorf, o fluxo do conhecimento passa da atividade motora para a compreensão lógica. Além disso, é interessante não só jogar dados concretos ao aluno, mas também dar uma visão de mundo com a qual ele mesmo possa chegar às suas conclusões. Vem daí a necessidade e a valorização das experiências sensoriais e, mais especificamente, das vivências que agucem a criatividade, a sensibilidade a atividades primárias, a curiosidade e o senso estético. É praxe ter na rotina destas escolas fabricação de pães, oficinas de bambu, artes em geral e artesanato, entre outros exercícios que exigem perseverança e capricho.

A convivência em comunidade carrega em sua origem um suposto elemento kármico, como se fosse obra do destino aquela determinada reunião de alunos e professor. Por ter uma força atuante vinda de além do mundo físico, essa relação é altamente valorizada. A escola encara a sala de aula como um micromundo dotado de individualidade e se compromete profundamente com cada pessoa envolvida nele. Um exemplo nítido é a sua forma de avaliação, que procura medir não só o conhecimento adquirido pelo aluno, mas considerar sua personalidade e seu esforço para chegar aonde foi possível. Não há sistema de provas tradicionais, se condena a repetência e se procura, por meio de

uma avaliação qualitativa, ressaltar os pontos positivos e apontar os negativos somente com o intuito de uma melhora, nunca de reprova. O laço do colégio com a família do aluno é muito estreito, tanto que uma participação ativa na vida escolar é exigida, para não haver divergências entre o ensino na classe e em casa.

Já o professor é considerado o verdadeiro realizador da pedagogia. Ele é o responsável por integrar o aluno na vida social e desenvolvê-lo de forma plena. Seu trabalho não está restrito à transmissão de informações contidas em livros, mas foca no seu próprio conhecimento como pessoa única que é. Ele não precisa necessariamente ter um diploma para atuar, e sim personalidade. É comum uma mesma pessoa acompanhar uma classe por vários anos e dificilmente alguém não adepto da Antroposofia se tornará um profissional dentro de uma escola Waldorf.

Mesmo mantendo suas bases e características praticamente intactas desde o seu surgimento, a pedagogia Waldorf teve de se adaptar a algumas questões atuais. Ela mostra suas forças e convicções sólidas ao firmar veementemente sua opinião sobre determinados aspectos da vida moderna e não se submeter ao fluxo da sociedade tradicional, tido até mesmo como acomodado demais. Citando apenas alguns destes posicionamentos, pode-se falar da preferência por brinquedos inacabados ou de certa forma rústicos, negando o uso dos artificiais ou já prontos (até mesmo gibis), pois estes limitariam o potencial da criança de liberar suas fantasias na hora da brincadeira; da menção dos meios de comunicação de massa como ameaça potencial à boa educação, principalmente a televisão, por impedir o desenvolvimento da criatividade e dos sentidos da criança e promover danos físicos e morais como a passividade e a alienação; da negação do ensino com recursos audiovisuais, pois limitariam a criatividade do aluno; da exclusão da educação sexual de seu currículo e da visão da abordagem do tema como obrigação da família, já que não seria possível respeitar o tempo e o interesse de cada aluno massificando o assunto na sala de aula; da opção por não acelerar a educação por meio do ensino programado (quando cada série escolar já contém uma carga de conhecimentos que precisam ser adquiridos), inclusive não incentivando a alfabetização

pré-escolar; entre outros.

Rudolf Steiner também pensou nos aspectos técnicos da escola Waldorf, pelo menos de uma forma ideal. Cada colégio deveria ser mantido financeiramente pelos pais dos alunos, com a eventual ajuda de empresas e pessoas simpáticas à iniciativa. Cada um contribuiria com o que pudesse, no esquema de quem tem mais, paga mais. Ele já enfatizava a importância do envolvimento dos pais na rotina escolar e da dedicação do professor à sua função, que deveria, inclusive, trabalhar exclusivamente em tal cargo. Ademais, em seu modelo perfeito, as escolas Waldorf seriam instituições independentes dotadas de liberdade de ensino, de métodos e, na medida do possível, de liberdade curricular.

## A agricultura biodinâmica

Pense em uma fazenda agrícola moderna e qual é a primeira imagem a se formar em sua cabeça? Há altas chances de surgirem máquinas de colheita, grandes plantações homogêneas a perder de vista e commodities na bolsa de valores, elementos que já fazem parte da concepção de agricultura nos dias de hoje. Junto a essas imagens, podem vir também os aspectos negativos, como áreas naturais desmatadas, trabalhadores explorados, queimadas e uma busca incessante pelo lucro. No início do século XX, claro que com as características específicas da época, este modelo de trabalho no campo estava em seu caminho de se consolidar como o padrão da agricultura, resultando em um movimento contrário a ele. Antropósofos ligados à produção agrícola se posicionaram contra a monocultura, a criação e plantação em massa e a industrialização do campo, fundando, assim, um novo movimento denominado agricultura biodinâmica.

Os princípios da agricultura biodinâmica tiveram início durante um ciclo de palestras para agricultores no Congresso de Pentecostes, realizado na Polônia, em 1924. O seu ponto central é encarar a fazenda como um organismo integrado, dotado de uma estrutura individualizada. Lembra mais ou menos a Teoria de Gaia, onde o ambiente em que se vive seria também um ser pulsante com a habilidade de unir e dotar de forças todos os outros. Na prática, isso significa que todo o processo biodinâmico de produção deve ser diversificado, autossustentável e integrar os vários setores de trabalho entre si e com o meio ambiente, em uma relação de apoio e complementação mútua.

Para chegar próximo à concepção de uma fazenda biodinâmica, o agricultor deve reduzir a dependência de produtos não fabricados na própria unidade agrícola, como insumos ou complementos, e otimizar o aproveitamento dos recursos naturais locais. Por exemplo, se há o cultivo de determinada cultura, ela deve ser destinada para a comercialização, mas também para a fabricação de alimentos para funcionários, ração para o gado que

venha a existir, adubo para demais plantas, ou para qualquer outro fim que aproveite sua capacidade ao máximo.

Outro elemento central deste sistema é o homem e suas intenções espirituais. Ele é tido como o seu grande realizador e, como tal, também deve se integrar à unidade produtiva da fazenda. Os agricultores biodinâmicos acreditam que qualquer ser vivo é suscetível aos sentimentos, pensamentos e ações alheias, reforçando a importância de se manter uma relação harmoniosa entre todos os elementos deste ambiente de trabalho. Veja o agricultor como o verdadeiro maestro da fazenda biodinâmica que, por sua posição de regência, acumula uma série de funções vitais: favorecer os processos naturais da região sem nenhum tipo de aceleração artificial – tais como máquinas, agrotóxicos e suplementos; escolher os plantios adequados para cada região de acordo com sua vocação natural; respeitar a capacidade de produção da área; dar atenção de coração ao que é necessário no dia a dia da fazenda, sendo ele mesmo um pesquisador; enriquecer a produção com a preservação de elementos naturais e aproveitando-os sustentavelmente; e, acima de tudo, elevar o fazer agricultura a uma força mais do que somente produtiva, mas também cultural e social.

A última peculiaridade da agricultura biodinâmica é o uso dos chamados preparados biodinâmicos, os quase equivalentes dos adubos tradicionais. Sua essência foi elaborada pelo próprio Steiner e apresentada também no ciclo de palestras em 1924. O filósofo afirma que o ato de adubar a terra consiste em vivificá-la e, apoiado nisso, descreve os preparados como substâncias que ativariam a força vital do solo, da planta e do próprio composto, ajudando na sintonia entre Terra e Cosmo. Eles são feitos a partir de plantas medicinais, esterco e silício e podem ser pulverizados na planta, colocados em outras formas de adubo orgânico ou simplesmente enterrados no solo da fazenda, onde seriam submetidos às influências cósmicas e distribuiriam energias ao local. Ocupando lugar central na dinâmica deste tipo de agricultura baseada nos princípios da Antroposofia, os preparados são usados sempre de forma sutil e em doses homeopáticas.

## A medicina antroposófica

Se a Antroposofia afirma que o homem é constituído, além do corpo físico, de outros três corpos espirituais, qual seria a maneira de tratar doenças relacionadas a eles? Médicos seguidores de Rudolf Steiner levantaram este questionamento ao próprio filósofo por volta de 1910 e abriram caminhos para o surgimento da medicina antroposófica. Estes profissionais queriam entender a medicina tradicional de um ponto de vista ampliado e passaram a ser freqüentadores assíduos de palestras e cursos que interligavam a ciência médica a Antroposofia. O fruto concreto destas discussões foi a fundação, pela médica Ita Wegman, da primeira clínica antroposófica em Arlesheim, na Suíça, em 1921.

A medicina antroposófica não está, de forma alguma, desassociada à medicina tradicional. Quem opta pela sua prática precisa ter a formação acadêmica convencional para, depois, fazer uma especialização na área. Tampouco as duas se opõem em seus objetivos de cuidar da qualidade de vida e da saúde da população. A diferença elementar está na concepção do paciente, visto pelos médicos antropósofos como indivíduo espiritual, o que reflete nos métodos terapêuticos adotados. Quando uma cura é necessária, não basta receitar remédios ou tratamentos incisivos ao agente causador do mal. O diagnóstico e a prescrição de medicação estão entre as suas funções, mas o dever maior deste profissional é orientar o desenvolvimento de seu paciente, dando-lhe condições de combater a doença por si só. Para um auxílio maior, Ita Wegman e Steiner ainda desenvolveram remédios antroposóficos.

Estes medicamentos têm semelhanças aos homeopáticos, no geral mais conhecidos. Ambos estimulam as forças autocurativas do organismo, têm um processo de ação que mexeria com a energia vital do ser humano e são administrados em pequenas quantidades. Porém, enquanto a homeopatia segue o princípio do semelhante – o paciente toma doses extremamente diluídas da substância causadora de sua enfermidade – a medicina an-

troposófica indica um medicamento estimulador de uma reação que levará à cura ou pelo menos a um alívio dos sintomas da doença. O primeiro laboratório farmacêutico antroposófico surgiu logo em 1921 para suprir esta demanda. Localizado também em Arlesheim, na Suíça, a Weleda (nome que hoje remete a uma marca de produtos medicinais antroposóficos) tinha Oskar Schmiedel como químico responsável, além dos idealizadores Ita e Steiner.

Os remédios destinados ao uso da medicina antroposófica cumprem uma série de exigências: têm origem nos reinos mineral, vegetal ou animal; jamais são sintéticos; não podem ser obtidos de uma planta transgênica ou cujo cultivo envolve a aplicação de produtos químicos; e são preparados e dinamizados por métodos próprios. Além deles, a medicina antroposófica se baseia também em tratamentos desenvolvidos a partir de seus princípios, como a terapia artística (a arte promovendo novamente o contato com a natureza, com o belo e com a harmonia, levando à sensação de completude), musicoterapia (música como tratamento), massagens específicas, quirofonética (terapia corporal auxiliada pelos recursos da massagem e da fala), entre outras.

Embora a medicina antroposófica possa tratar as mais diversas enfermidades, seus adeptos – tanto pacientes quando profissionais – podem recorrer à medicina tradicional e aos medicamentos alopatas.

## A economia associativa

Poderíamos dizer que a Antroposofia é a ciência espiritual da trimembração. Assim como propõe a divisão do ser humano em corpos distintos, ela também sugere tal separação simbólica na sociedade como um todo. Desta forma, as vidas econômica, jurídica e espiritual atuam de maneira complementar e estável, mas com funções específicas. A primeira seria responsável pela produção de todos os suprimentos voltados às necessidades dos homens (físicas, culturais e pessoais) e deveria ser guiada pelo espírito da fraternidade; a segunda regularia o relacionamento entre as pessoas, guiada pelo espírito da igualdade; e a terceira envolveria a prestação de serviços e a prática de habilidades diversas apoiada no espírito da liberdade. Essa teoria estaria resumida na Lei Individual-Social, elaborada por Steiner a partir de 1919.

Na prática, esta lei pode ser aplicada no dia a dia de cada indivíduo ou até mesmo na organização de instituições ou empresas. Por exemplo, já que a prestação de serviços seria encargo da vida espiritual, qualquer trabalho deveria privilegiar o desenvolvimento do funcionário como pessoa e não condicioná-lo apenas como massa de manobra ou força de produção. Neste mesmo sentido, os relacionamentos humanos sempre permaneceriam à frente dos objetivos comerciais das empresas. E assim se podem encontrar inúmeras modificações no modelo de vida urbano e moderno da sociedade atual. No entanto, a teoria mais interessante resultante da trimembração social diz respeito especificamente ao modelo econômico ideal, denominado economia associativa.

Ela nasce da crítica ao capitalismo vigente na década de 20 e ainda nos dias de hoje, cujo sistema de produção visa ao lucro, ao consumo desenfreado e à fabricação de bens não duráveis. Sua oposição a tal sistema é fundamentada em três críticas principais. A primeira é em relação à aglomeração de pessoas e cooperativas baseada em interesses particulares. Somente unindo



interesses opostos se poderia atingir um equilíbrio na sociedade, já que vários pontos de vista se compensariam da melhor maneira. A segunda crítica contesta a estrutura econômica como um todo, na qual produtos supérfluos são fabricados e empurrados ao consumidor, principalmente por meio da publicidade. Segundo a economia associativa, o que deveria regular o que deve ser produzido ou não são as necessidades reais dos consumidores. O terceiro ponto abordado é a consciência deste consumidor. Ele, como parte do sistema econômico, deveria conhecer o real valor das mercadorias compradas e jamais gastar por impulso. Dessa maneira, dificilmente haveria oscilações de mercado, o comprador se tornaria fiel a determinados produtos, criando um verdadeiro contrato de longo prazo de consumo, e os produtores se planejavam mais eficientemente sem sofrer com altas e baixas de oferta e procura.

Adotando estas três ações (união de interesses opostos, ponto de partida da produção baseada na necessidade real do consumidor e consciência do valor da mercadoria) se alcançaria um modelo econômico seguidor do espírito da fraternidade. Adotá-lo plenamente não seria fácil, basta pensar na organização de nossa sociedade, na qual o consumo é peça elementar na economia de qualquer país globalizado, e Steiner sabia disso. Ele mesmo afirma que, sem medidas rigorosas, a economia associativa plena não seria possível. Porém, o filósofo encontrou uma maneira de adaptar a teoria a microcosmos da sociedade através das associações. Elas seriam o espaço funcional onde os princípios deste modelo alternativo reinariam absolutos: consumidores conscientes e comprometidos, produtores preocupados com as necessidades da sociedade e procura pelo desenvolvimento espiritual acima de qualquer fator de ordem econômica ou política.

## A Antroposofia nas artes

A arte sempre foi considerada uma expressão da alma e na Antroposofia não poderia ser diferente. Ao extravasar sentimentos e características pessoais por meio de formas, cores, ritmos, sons, entre outros elementos artísticos, o artista passa a conhecer mais a sua própria individualidade e valorizar a si mesmo. Segundo Rudolf Steiner, o processo de criação seria uma maneira de cada pessoa entrar em contato com seus próprios limites e ficar mais próxima à evolução espiritual. O filósofo também confere outra função às artes além do elo de comunicação entre artista e espectador. Elas cumpririam uma intenção terapêutica, com o objetivo de alcançar o equilíbrio e a harmonia interna do indivíduo e, assim, auxiliá-lo no caminho do autoconhecimento. Dessa propriedade nasce a Terapia Artística, desenvolvida pela médica Ita Wegmann e por Steiner e já citada anteriormente.

Se até as ciências médicas foram tocadas pela visão antroposófica da arte – a harmonia interior expressa aos sentidos humanos – outros segmentos artísticos também se influenciaram por ela. Na arquitetura, por exemplo, configurou-se a denominada Arquitetura Orgânica. Ela busca inspiração na vida e no movimento e leva a seus projetos uma composição dinâmica dos espaços e uma sensação de bem estar ao usuário, chegando ao resultado final de incentivar os processos vitais presentes em tal local. Na educação, as artes foram incorporadas ao currículo como etapa fundamental ao desenvolvimento da criança. Já da dança se originou a expressão artística antroposófica mais inovadora e atualmente consolidada: a euritmia.

A expressão euritmia já era usada desde a Grécia Antiga, passando por Roma e pela Renascença, sempre relacionada ao equilíbrio de ritmos e à harmonia de forças. O seu início como expressão artística remonta a 1912, quando Lory Meyer-Smits, uma jovem de 19 anos, começou a desenvolver seus primeiros fundamentos, baseados na Antroposofia e sob a orientação de Steiner. Ela seria a arte que colocaria em coreografias, músicas e

até mesmo em prosa e poesia as forças plásticas das artes estáticas, como a arquitetura, a pintura e a escultura. Em sua essência, seria a arte na qual o corpo fala. Através dela, se conseguiria transformar um quadro ou um monumento (ou qualquer outra peça ou expressão) em movimento e colocá-lo em uma série de passos encenados em solo ou em conjunto. Assim, ocorreria a libertação da obra de arte de sua condição puramente espacial, elevando-a ocupar um lugar no espaço e também no tempo. É o corpo dos artistas dançando outras formas de arte.

Para sistematizar seu ensino, em 1923 foi fundada a Escola de Eurytmia de Stuttgart, na Alemanha, sob a direção de Marie Steiner. Passando por problemas durante a Segunda Guerra Mundial, ela pôde se firmar como centro de formação apenas em 1946 – durante esse meio tempo, os adeptos da eurytmia praticavam-na de forma clandestina em diversos pontos da Europa – já constando com um currículo básico de estudos obrigatórios, desenvolvido pelo próprio Steiner. Hoje, existem escolas especializadas em eurytmia distribuídas por todo o mundo, onde inclusive os interessados podem ampliar seus estudos em áreas específicas, como a Eurytmia Pedagógica e a Eurytmia Terapêutica.

## A Antroposofia no Brasil

Ainda hoje é corrente a impressão de que a Antroposofia é um pensamento de raízes extremamente européias e de que suas iniciativas no Brasil mantêm um caráter estrangeiro e distante da realidade do país. Seria ela uma ciência espiritual feita por europeus para europeus? Essa ideia generalizada tem suas justificativas, afinal, a Antroposofia chegou às terras brasileiras pelas mãos de imigrantes, em sua maioria, alemães. Mas, após quase um século, os preceitos desenvolvidos por Rudolf Steiner tiveram tempo suficiente de se adaptar, se difundir e atingir novas gerações de adeptos, estas plenamente brasileiras.

O primeiro contato já registrado da Antroposofia com o Brasil foi a tradução para o português de um livro de Steiner, intitulado “Como se Adquirem Conhecimentos dos Mundos Superiores”, feita ainda na época em que o filósofo era vivo. Desde esse início até meados da década de 40, pequenos grupos de estudo vinculados à Sociedade Antroposófica começaram a se estabelecer nas grandes capitais, como Rio de Janeiro, Porto Alegre e, principalmente, São Paulo, tendo sua existência determinada por um marco determinante do século XX: a Segunda Guerra Mundial. Diversos imigrantes desembarcaram no Brasil fugindo do conflito na Europa e trouxeram com eles sua ideologia antroposófica. De 1939 até 1945, os estudos ainda eram feitos em alemão e, como a língua sofria forte preconceito devido à Hitler e ao posicionamento do Brasil na guerra, os círculos de reuniões permaneceram bastante reduzidos. Alguns nomes de destaque deste período eram de casais alemães, tais como Rudolf e Mariane Lanz, Hans e Johanna Wolff e Hans e Melanie Schmidt. Alguns deles se dedicaram à causa antroposófica de diversas maneiras.

É o caso de Rudolf e Mariane Lanz, fundadores da primeira escola Waldorf brasileira, no bairro de Higienópolis, em São Paulo, em 1956. Chamada inicialmente de Escola Higienópolis, ela recebeu outro casal alemão vindo especialmente para cuidar de sua orientação pedagógica, Karl e Ida Ulrich. Já no início da

década de 60, o colégio se mudou para o bairro de Santo Amaro, onde permanece até hoje atendendo pelo nome de Escola Waldorf Rudolf Steiner de São Paulo. A empreitada é repleta de pioneirismos: colocou em funcionamento o primeiro colegial Waldorf do Brasil e o primeiro Centro de Formação de Professores Waldorf, instruindo profissionais que irradiam seus saberes por todo o território brasileiro.

Já o casal Hans e Melanie Schmidt contribuiu com a difusão da Antroposofia por meio da criação, em 1951, da empresa Giroflex, uma fábrica de cadeiras, futura originária da Associação Beneficente Tobias, fundada pelo filho dos Schmidt, Pedro. A ABT, como é chamada, ajudou a financiar vários projetos antroposóficos desde seu primeiro ano de existência, 1975. Pedro Schmidt também foi o responsável pela fundação da Weleda do Brasil (laboratório e fabricante de medicamentos antroposóficos), em 1959, e, ao lado de sua esposa Gudrun Schmidt, da Clínica Tobias em 1969, primeira clínica antroposófica do continente americano.

A partir deste impulso inicial, várias outras iniciativas surgiram, pioneiras em suas áreas específicas. Por exemplo, o próprio Bairro Demétria, primeiro local a desenvolver a agricultura biodinâmica em solos brasileiros a partir de 1973; as palestras inéditas do professor Otto Julius Hartmann, da Universidade de Graz, na Áustria, durante a década de 50, divulgando abertamente a Antroposofia ao público em geral; a chegada da pedagogia social, em 1972, pelas mãos do holandês Lex Box, criador de inúmeras empresas de consultoria; a fundação do Centro de Artes em São Paulo, onde são ministradas aulas de euritmia no primeiro curso do gênero da América Latina; a criação da Editora Antroposófica por Rudolf Lanz e Jacyra Cardoso, em 1981; entre outros. Uma das ações mais impressionantes ocorreu na favela Monte Azul e é referência de trabalho antroposófico bem sucedido na sociedade em âmbito mundial.

A alemã Ute Craemer chegou a São Paulo em 1970 para trabalhar como professora na Escola Waldorf Rudolf Steiner. Anteriormente, ela havia trabalhado em um projeto no Paraná que levava saneamento básico a favelas. Na capital paulista, não poderia ser diferente: já em 1975, Ute passou a se dedicar a tra-

balhos sociais realizados com alunos de um colégio da Favela Monte Azul. As atividades foram crescendo e a favela se modificando à luz da Antroposofia até que, em 1979, a alemã deixou seu cargo de professora e se entregou inteiramente à então Associação Comunitária Monte Azul. Com a ajuda de colaboradores, as condições de vida dos moradores do local melhoraram absurdamente: a favela foi praticamente saneada por completo, além de ganhar creches, escolas, oficinas de trabalhos diversos (como marcenaria, padaria, oficina elétrica...), oficina de reciclagem, ambulatório médico e dentário, grupos de expressões culturais (teatro, dança e música), e muitos outros benefícios. Apoiada nos preceitos de Rudolf Steiner, a iniciativa se irradiou para outras favelas da região e atinge cerca de 15 mil pessoas.

*Segunda parte: Como somos  
O Bairro Demétria*





## Antes da Demétria, uma ideia

Oficialmente, o bairro Demétria começou em 1974, com a vinda das primeiras pessoas interessadas em desenvolver a agricultura biodinâmica nas terras da Fazenda Demétria, nos arredores da cidade de Botucatu. Mas, para essa iniciativa sair do plano das ideias e se tornar realidade, dois nomes se fizeram fundamentais: Pedro Schmidt e Associação Beneficente Tobias (ABT), não que ambos não estejam ligados intrinsecamente.

Pedro Schmidt nasceu no sul da Alemanha, em 1927. De criação antroposófica e origem judia, antes mesmo da eclosão da Segunda Guerra Mundial, o ainda menino teve de fugir dos nazistas diversas vezes pelos países da Europa, até vir definitivamente para São Paulo, no Brasil, junto com sua família. Na capital, cresceu trabalhando como aprendiz em oficinas e se formou em desenho industrial. O estudo o levou aos Estados Unidos, onde permaneceu por três anos e meio com uma bolsa de estudos na área de engenharia e administração. Sua volta às terras brasileiras ocorreu em 1952, quando a Giroflex, empresa suíça de cadeiras, propôs-lhe tocar um negócio inaugural no Brasil. Pedro aceitou o desafio com seus 25 anos, o primeiro de sua carreira de empresário.

Embora consolidada na Suíça, o início da Giroflex no Brasil não foi fácil. O alemão naturalizado se redobrava em trabalho para ver apenas duas cadeiras produzidas por dia em sua única fábrica – hoje, a empresa é considerada líder do segmento na América Latina, produzindo não só cadeiras, como todo mobiliário corporativo em suas 49 representantes pelo país. Seu esforço levou à expansão da Giroflex, pela qual era o responsável maior, fazendo dele um empresário jovem e bem-sucedido. O sucesso profissional, porém, não era o suficiente para Pedro Schmidt.

Questionando seu papel de ator social, Pedro, ao lado de sua esposa Grudun Krökel, recorreu à formação antroposófica para abrir, em 1969, o primeiro centro médico de medicina antroposófica da América Latina, a Clínica Tobias. Os trabalhos do local

e sua infra-estrutura eram mantidos pela Associação Beneficente Tobias, entidade fundada no mesmo ano pelo casal e responsável por desenvolver projetos sociais variados. Impulsionado pela iniciativa pioneira, o empresário também esteve envolvido na formação da primeira escola Waldorf do Brasil, da filial da Sociedade Antroposófica e de grupos de eurytmia, assim como, posteriormente, da primeira fazenda biodinâmica brasileira. No entanto, o seu maior ato filantrópico ocorreu em 1975.

Naquele ano, a composição acionária da Giroflex era formada por Pedro e seu irmão Joaquim. Juntos, os irmãos Schmidt possuíam nove herdeiros, o que fomentava o medo de haver uma briga pela herança após a morte dos dois. Pedro, em um ato primeiramente incompreendido e depois admirado, doou 47% de sua participação em ações na empresa para a Associação Tobias, ficando apenas com 4% para si e destinando mais 4% para seus herdeiros (os 45% restantes pertenciam a Joaquim). Com esse financiamento, a ABT pôde ampliar sua atuação e manter e apoiar um número significativamente maior de projetos culturais e sociais. Um deles, em especial, atraía o interesse direto de Pedro Schmidt.

Em meados da década de 70, os irmãos Schmidt tinham planos de transferir uma filial da Giroflex para o interior de São Paulo. Os dois reviveram, então, um antigo sonho de poderem trazer o cultivo biodinâmico novamente à prática – eles haviam tido uma infância rica em experiência com manejo da terra, hortas e a agricultura em geral. Por que não comprar uma fazenda para esta finalidade nos arredores da futura fábrica? Sabendo da volta ao Brasil de Marco Bertalot Bay, jovem de família antroposófica de São Paulo com estudos recentes na área de agricultura biodinâmica na Europa, Pedro logo o contactou para ser responsável por encontrar as terras ideais. As finalmente escolhidas localizavam-se em Botucatu, cidade na qual o empresário filantrópico chegou a revezar residência em sua velhice, no retiro da vida simples de uma casa de campo. Ele morreu em 25 de agosto de 2007, aos 80 anos, não sem antes deixar seu legado. Um deles, e apenas um entre tantos, é o bairro Demétria.

## Um pouquinho de Botucatu

Cidade dos bons ares, das boas escolas e das boas indústrias. Ou ainda a terra do saci. Estes são os slogans e as formas pelas quais Botucatu, a 235 quilômetros de São Paulo, é conhecida. Nascida da doação de terras por capitães e com vocação religiosa desde então – tem como padroeira Nossa Senhora de Sant’ Anna e como maior cartão-postal o Largo da Catedral, localizado próximo ao centro da cidade – atualmente a cidade conta com cerca de 130 mil habitantes distribuídos em uma área aproximada de 1.482 quilômetros quadrados (há mais de um século, chegou a ocupar um quarto do território do Estado de São Paulo), fazendo limites com os municípios de Anhembi, Bofete, Pardinho, Itatinga, Avaré, Pratânia, São Manuel, Dois Córregos e Santa Maria da Serra. Em 2011, fez 156 anos.

Seu desenvolvimento econômico, social e cultural se entrelaça com o fortalecimento de algumas lendas e histórias locais, surgidas principalmente pela sua localização geográfica. Os bons ares fazem menção ao clima vindo da Cuesta – a qual dá à cidade uma altitude relativamente elevada e belos mirantes – e vêm do significado das palavras indígenas Ybytu Katu, que acabaram dando nome à região. Dos primórdios de sua fundação também se origina a lenda de que Botucatu teria um lado místico, ideia impulsionada pelo fato de uma trilha Inca, o Caminho Peabiru, passar justamente por sua área. Ligando as terras peruanas ao litoral brasileiro, esta trilha teria como ponto de rituais a Cuesta botucatuense, especificamente uma das Três Pedras, elevações rochosas situadas na cidade.

Essa formação geográfica, também chamada popularmente de Gigante Adormecido, devido ao seu formato lembrar tal figura mítica, é mais uma das atrações turísticas naturais de Botucatu. Somam-se a ela as diversas cascatas e cachoeiras, tais como a Véu de Noiva, o mirante da Cuesta, o Morro do Peru e as margens do Rio Tietê, nas quais nasceram alguns bairros com características de veraneio, como o Rio Bonito e a Mina. Ainda atraem

visitantes as igrejas e capelas, tal como a localizada em Rubião Jr., um distrito da cidade, e a Fazenda Lajeado, antiga fazenda de café atualmente pertencente à UNESP.

A fama de cidade de boas escolas tem como exemplo o campus da Universidade Estadual Paulista, abrigo da conceituada Faculdade de Medicina e seu respectivo hospital, referência regional de pesquisa e atendimento, além de outros cursos na área de ciências biológicas. Já as boas indústrias fazem referência a algumas de suas empresas de porte nacional, tais como Embraer, Duratex, Induscar, Café Tesouro, Eucatex, Centro Flora, etc. Por fim, sua última denominação, terra do saci, é bastante recente e originária dos próprios moradores. Palco da Sociedade Brasileira dos Caçadores de Saci, a história se espalhou pelo município, conferindo-lhe a fama e até um novo mascote, o Saci-Pererê.

Na década de 70, Botucatu ainda não possuía saci, a Induscar era Caio (que foi à falência em 2009), a Faculdade de Medicina estava prestes a ser incorporada pela UNESP e a população da cidade não chegava a 65 mil habitantes. Neste cenário, alguns jovens decidiram apostar em Botucatu para ser a morada de seus sonhos e de seu trabalho. Nascia aí o bairro Demétria, hoje local indispensável à construção do cenário botucatuense.

## Então vamos fazer agricultura biodinâmica

Empresários e trabalhadores. Capital para uma empreitada inédita e pessoas dispostas a colocar a mão na massa para realizá-la. Foram esses os dois ingredientes que possibilitaram o surgimento do bairro Demétria. De um lado, a Associação Beneficente Tobias e a empresa Giroflex, representadas pelos irmãos Pedro e Joaquim Schmidt; do outro, jovens idealistas buscando o sonho de praticar agricultura biodinâmica no país. Entre estes últimos, estavam Marco Bertalot Bay e Jorge Blaich, pioneiros na Fazenda Demétria.

Marco e Jorge cresceram em lares com educação antroposófica, foram criados na capital paulista e estudaram juntos na Escola Rudolf Steiner de São Paulo. Dessa época, nasceu uma amizade duradoura, que os levou, praticamente ao mesmo tempo, a uma viagem para a Europa. Os dois iam com a bagagem vazia de pertences próprios, mas cheia de vontade de aprender e vivenciar experiências em agricultura alternativa, além de viver uma grande aventura. Ficaram algum tempo unidos e depois se separaram por países do velho continente, não sem antes formar um grupo sólido de jovens agricultores, europeus e brasileiros, com o mesmo ideal: levar a agricultura biodinâmica ao Brasil, aliada a alguma causa social.

Em seu retorno precoce à sua terra natal, Marco pretendia procurar algum lugar para começar uma pequena horta biodinâmica. Porém, aquele grupo de jovens formado na Europa e o regresso de um de seus membros não passaram despercebidos pelos irmãos Schmidt. Os donos da Giroflex planejavam transferir uma de suas fábricas para o interior paulista e decidiram comprar uma fazenda próxima a ela e, assim, estimular uma colaboração mútua com a agricultura biodinâmica. Entraram em contato com Marco, encarregado, então, de procurar terras apropriadas para a iniciativa. O ano era 1973.

“Começamos procurando na área da grande São Paulo, mas não tinha nada. Eram áreas muito caras e a gente não se conven-

ceu, porque tudo parecia que ia virar um apêndice de São Paulo e queríamos algo que tivesse mais vida própria, não só uma horta fornecedora”, recorda Marco. No mesmo ano, os empresários se decidiram, no âmbito do interior paulista, que seria Botucatu a cidade receptora da filial da Giroflex, restringindo o campo de busca das terras. A escolha final foi a Fazenda Tranco de Ferro, localizada nos arredores do município em uma área de 70 alqueires. Seu solo, porém, estava longe do ideal. Marco tem uma justificativa para isso.

“Aqui tem um solo muito ruim, uma terra fraca e a região era muito pobre mesmo, era quase um deserto. Se você vir as fotos aéreas da época era impressionante. Primeiro, eu procurei onde tinha terras melhores, terra roxa, nos lados de Jaú, mas era tudo muito caro. Então só daria pra comprar áreas bem pequenas. Então, eu comecei a procurar por aqui e achei que, de repente... Essa coisa de ser jovem idealista e querer mudar o mundo... Já que a gente quer mostrar que a biodinâmica funciona e melhora até o solo, se fizermos isso nas terras em Jaú, o pessoal vai dizer que qualquer um faz, mas se fizer aqui é outra coisa. Não digo que foi uma escolha que fez parte do processo, mas influenciou”.

Jorge, que veio depois da compra das terras, quando a Fazenda Tranco de Ferro já havia sido rebatizada de Estância Demétria, não vê a escolha como negativa, mas não deixa de apontar suas falhas. “Não foi uma escolha consciente. O Marco tinha feito a formação agrícola, mas não tinha tido muito contato com a agricultura. Eu já fui criado com uma veia agrícola, meu pai era agricultor e ele não se deu conta de que o solo aqui era muito pobre, principalmente na Demétria. Em Botucatu ainda tem solos bons, mas a Demétria era o arenito de Botucatu, você abre qualquer informação em relação ao solo e sabe que o arenito de Botucatu é um dos solos mais pobres do mundo”. Ele emenda que, ainda assim, nos primeiros anos de atividade foi possível produzir seis mil pés de café, amenizando a situação.

Certa, errada, consciente ou desafiadora, a compra das terras foi feita com o dinheiro de uma herança dos irmãos Schmidt, mas logo doada e colocada em nome da ABT, para que esta entidade filantrópica as destinasse à causa da agricultura biodinâmi-

ca e àqueles que a ela se dedicassem. A intenção era neutralizar a estância, tirando-a de condição de propriedade particular, a qual poderia comprometer seu futuro como experiência agrícola em detrimento de especulação imobiliária ou de interesses diversos de gerações posteriores de proprietários. Para isso, foi feito um contrato de comodato, acordo jurídico que permite o uso gratuito de longo prazo de determinada área, propriedade ou pertence. Estava na mão daquele grupo de jovens desenvolver a Fazenda Demétria da maneira que haviam aprendido na Europa.

## A Estância Demétria

“Antes, ninguém fazia nada com nada. Colocava fogo nos pastos, esse resto as vacas aproveitavam... Era uma agricultura primitivíssima”. Essa foi a herança e a realidade que Jorge encontrou ao voltar da Europa e se mudar direto à recente Estância Demétria. Não possuindo um solo naturalmente perfeito e ainda sofrido pelas práticas anteriores, o pioneiro sabia que o trabalho seria árduo. Ainda mais dividido entre poucas pessoas. Neste início e por volta dos próximos dez anos, estavam na lida e na administração diária basicamente ele, sua esposa norueguesa Eldbjorg Blaich, o casal de amigos Dieter e Annemarie Pfister – vindo do grupo da Europa – e estagiários e voluntários rotativos. Marco permaneceu na iniciativa por cerca de um ano e se afastou para cursar faculdade em Campinas. Ele ainda pegou a fase inicial difícil.

“A ABT deu toda a estrutura física, eles que viabilizaram os investimentos. Mas ainda foi muito difícil, porque não tínhamos um mercado para os produtos. O pessoal não sabia nem o que era agricultura orgânica, imagine biodinâmica! O que salvou foi que tínhamos a produção de leite, vendida para um laticínio da cidade, mas economicamente isso não era muito interessante. Aí, começamos uma produção de hortaliças pra vender em São Paulo, na mesma escola onde tínhamos estudado, e lá sim se conhecia. E essa venda de verduras foi que impulsionou a iniciativa”.

A venda de hortaliças e o laticínio tornaram-se, assim, as atividades centrais da estância. O plantio foi modificando a paisagem inicial, por muitos comparada a um deserto. “Quando eu cheguei, tinha o sentimento de que daqui pra frente não existia mais nada, porque parecia um deserto. Então, plantamos muito e cuidamos da terra, que era bem empobrecida”, fala Eldbjorg. A norueguesa recorda da rotina, semelhante à de qualquer propriedade rural. “O dia a dia era plantando verdura, capilé, tirando a grama alta, colhendo milho e também ficou pra Annemarie e eu fazermos almoço para todos. Em um dia era eu, no outro ela”.



Para amenizar o trabalho árduo, algumas festividades e celebrações entraram para o calendário oficial da fazenda. Eldbjorg se entusiasma ao se lembrar de algumas delas. “Todos os anos tínhamos um grande baile no Ano Novo, no dia de São João fazíamos uma festa bonita com todo mundo, e em primeiro de janeiro já tivemos uma competição de corrida, a Canela de Ferro. Também houve mais tradições com as pessoas e, na Páscoa, todo mundo vinha aqui pra ouvir uma história e depois procurar ovos. Hoje, dessas tradições, pouca coisa ficou”. Embora se perdendo no tempo, elas ajudaram a dar feições à comunidade que, sem perceber, estava surgindo ali.

Terra cuidada, hortaliças saindo para venda, estagiários resolvendo ficar... Pouco a pouco, o lugar cresceu com a compra de terras próximas, com a vinda de novos funcionários e com a criação de iniciativas em outras áreas de trabalho, as quais atraíram ainda mais moradores. A fazenda foi se ampliando e se transformando em comunidade, bairro, o qual já andava por si só. A Estância Demétria passou a ser apenas mais uma das atividades do local. O seu responsável era Jorge, administrador oficial, embora o cuidado com as finanças e com os problemas rotineiros fosse feito em conjunto com sua esposa e o casal Pfister. Quando, superadas as dificuldades iniciais, uma nova época de crise econômica surgiu, Jorge estava prestes a deixar o cargo.

“Em 1998 nós entregamos a administração de volta para a ABT e ela escolheu outra pessoa que tocasse a iniciativa. Infelizmente, depois de três anos, ela faliu. Então, foi passada para o Paulo Cabrera, que está até hoje administrando”. Isabel Cortesi chegou ao bairro nesta época, exatamente em 1997, professora vinda de Florianópolis com o marido e os três filhos, em busca de um lugar onde as crianças pudessem ter uma vida mais saudável e protegida da influência da mídia. Como a família era antropósofa e conhecia Botucatu, a escolha foi fácil. Ela se lembra da crise financeira.

“No final da década de 90, a Fazenda Demétria passou por uma grande crise e ficou fechada durante um ano, durante o qual a questão do que fazer a seguir foi trabalhada por um grupo de pessoas do bairro e da ABT. Foi formado um grupo de pessoas

para assumir a continuidade do trabalho, ao qual meu ex-marido se uniu. No ano 2000, mudamos para o Sítio Bahia para trabalharmos junto com Paulo Cabrera e Carolin, sua esposa, na retomada da Fazenda Demétria, agora ligada ao Sítio Bahia”.

Paulo Cabrera vê na falência várias causas históricas e administrativas, sem contar a retirada do apoio financeiro da Associação Beneficente Tobias, o que forçou a estância a se manter com seus próprios recursos. “Foi um processo que, no início, havia muita ajuda financeira para o desenvolvimento da fazenda e depois essa ajuda desapareceu. Foi muito difícil tocar e administrar essa fazenda sozinha. Esse foi o maior problema e chegou nessa situação de falência. Aí nós assumimos”.

O atual administrador da Fazenda Demétria e do Sítio Bahia tem uma visão bastante antroposófica da agricultura e, partindo do princípio de que o impulso agrícola origina-se do desenvolvimento humano e do respeito à natureza, adaptou as atividades da estância para reerguê-la sem sustento externo. “Foram dois enfoques principais: adaptar o rebanho e melhorar as condições e a estrutura da fazenda”, conta.

Hoje, a maior parte da produção da Estância Demétria – e isso inclui leite e seus derivados, verduras, ervas medicinais, geleias e sorvetes – é comercializada em feiras orgânicas, inclusive na capital paulista. Ela também abastece revendedores ligados aos princípios da agricultura biodinâmica e a própria loja do Sítio Bahia, a Bioloja.

## Os condomínios

No início, somente a Fazenda Demétria. Com o tempo, outras iniciativas surgiram dentro do perímetro da estância, tais como a escola Aitiara, a Associação Biodinâmica, o Espaço São Micael, algumas lojinhas. Mas sempre por uma concessão da proprietária da área, a Associação Beneficente Tobias. Hoje, o bairro conta não só com essas terras inicialmente voltadas à agricultura biodinâmica, mas com oito condomínios residenciais desvinculados da ABT: Atiaia, Aldeia, Copaba, Verbena, Alvorada, Eucalipto, Tarumã e Santa Rita. Eles ampliaram o espaço que engloba o bairro Demétria e possibilitaram seu crescimento e estabelecimento como um lugar para se morar, não só plantar. Atiaia, o primeiro deles, porém, não nasceu com nenhuma dessas expectativas.

Localizada na área rural de Botucatu, a Estância Demétria era vizinha de outras fazendas não seguidoras de métodos orgânicos ou biodinâmicos de produção. Uma delas pertencia a um grande proprietário de terras da região, adepto de técnicas agrícolas tradicionais, totalmente contrárias às praticadas por Jorge e os outros pioneiros. “Ele desmatou tudo, passou máquinas enormes, não deixou nada da mata nativa, arrebentou com tudo. Na época, ele plantava soja e trigo e pulverizava com agrotóxicos. Os peixes do nosso riozinho, de onde a gente tirava água pra irrigar a nossa horta biodinâmica, estavam morrendo, obviamente contaminados”.

Para preservar o trabalho da estância, surgiu a necessidade de proteger seu entorno de práticas nocivas às suas próprias plantações. Por coincidência, o proprietário das terras vizinhas estava endividado e resolveu vender sua fazenda, mas nem pensar à preço de banana – o valor era razoavelmente alto, segundo Jorge. A partir desta possibilidade, os pioneiros se mobilizaram para levar uma proposta aos seus clientes de hortaliças de São Paulo, àqueles vinculados à Escola Rudolf Steiner de São Paulo.

“Já havia se formado um volume relativamente grande de

amigos clientes e colocamos em palestras para eles que a Demétria não tinha futuro, não tinha como continuar, porque eles estariam comendo verdura contaminada”, conta Jorge. A solução foi comprar as terras à venda dividindo-as em lotes menores, viabilizando economicamente a ajuda destes clientes. Em 1984, formava-se a ideia do primeiro condomínio, com o propósito de servir de proteção à Fazenda Demétria.

“Foi tudo meio caseiro, não teve um empreendimento imobiliário. A gente se juntou, as pessoas depositavam em confiança o dinheiro na conta de algum deles. Eu me lembro da gente falando dos terrenos lá em São Paulo: ‘o terreno é feio, a terra é fraca’. Não ficava vendendo, e isso gerou uma confiança, foi muito bonito”, relata Marco, também envolvido no empreendimento.

Vinte e seis pessoas apoiaram a proposta e o Atiaia foi dividido neste mesmo número de lotes, contando, cada um, com uma área para construção e, mais importante, com uma destinada à proteção das terras agrícolas. Em seu estatuto, estão algumas regras condizentes com o intuito de viabilizar a Estância Demétria a longo prazo, como proibição do uso de adubos, inseticidas ou defensivos agrícolas não-naturais e da prática de qualquer atividade poluidora da água ou do solo.

O projeto deu tão certo que, no mesmo ano, houve demanda para a formação do segundo condomínio, o Aldeia. Neste, alguns compradores já se interessavam em construir uma casa de fim de semana ou até mesmo se mudar para Botucatu, mesmo em planos futuros. Um destes primeiros interessados foi Hans Reisewitz, ligado à causa por meio de sua mulher, professora Waldorf em São Paulo. O aposentado paulistano demorou mais de 15 anos para se mudar para o bairro, porém sempre manteve terrenos em algum dos condomínios.

Atiaia e Aldeia abriram as portas para novos condomínios se instalarem no bairro, desta vez com interesses residenciais. A escola já começava a atrair novos moradores, o bairro se consolidava em seus moldes atuais e a vida no campo passou a ser um motivo a mais para se mudar ao interior. Jorge fala que, mesmo assim, os projetos seguintes não foram criados com o objetivo de se ganhar dinheiro, mas impulsionados pela formação de grupos

de pessoas que compravam a terra para divisão em lotes entre elas mesmas, sem lucro. “Hoje, todos eles têm estatutos, uma estrutura bem bonita de regras internas para funcionar”.

Atiaia (1984), Aldeia (1984), Copaba (1984), Verbena (1987), Alvorada (1989), Eucalipto (1992), Tarumã (2002) e Santa Rita (2005) formam, hoje, o espaço destinado aos moradores da Demétria. Na maior parte de seus estatutos, há referência aos objetivos de boa convivência, proteção ambiental, preservação da natureza, desenvolvimento harmonioso do ser humano, cada um com suas especificidades. No caso do condomínio Eucalipto, sua existência é estritamente ligada ao impedimento da implantação de uma indústria de charque na região, não possuindo tanta área construída quanto os outros. Já o Alvorada tem o enfoque da proteção das matas ciliares do Rio Capivara e o mais recente, Santa Rita, batizado de Vila Ecológica, teve todo seu projeto baseado na recuperação ambiental e da biodiversidade nativa.

## A escola Aitiara

Agricultura biodinâmica aliada a alguma causa social se fazia o objetivo maior da Estância Demétria desde sua idealização. Porém, a lida diária da terra, as dificuldades em se firmar financeiramente e a própria adaptação de seus pioneiros adiaram por cerca de dez anos o início de algum trabalho social que atendesse às necessidades locais. O primeiro deles, a escola Aitiara, atingiu justamente uma das maiores feridas brasileiras: a educação. Eldbjorg Blaich, esposa de Jorge Blaich e fundadora da Aitiara, fala sobre a escolha nesta área de atuação.

“Desde o começo, queríamos abraçar alguma obra social ao lado da biodinâmica. A questão era o que seria. Vimos que a criança especial aqui estava muito bem acompanhada pelas famílias, não tinha o preconceito que tem na Europa, tinha muito mais a questão da criança abandonada”. A gota d’água para a norueguesa ocorreu durante uma visita a uma escola estadual das redondezas. “Fiquei chocada com o que havia lá, quatro turmas dentro de uma sala pequena, todas misturadas. A professora fazia o que podia, mas era só escrever alguma coisa na lousa pra eles escreverem no caderno naquela letra pequena e tensa, e nada de arte, de música... As condições físicas eram precárias também, mas o que mais me chamou a atenção foi o ensino mesmo”.

Eldbjorg havia encontrado sua causa social. “Aqui precisa de uma escola boa, que considere a criança na sua totalidade, não só que coloque coisas na cabeça pra ela colocar pra fora de novo”. Impulsionada pela vontade de contribuir com o país adotado e fornecer uma educação de qualidade para seus próprios filhos que entravam na idade escolar, em 1982 ela escreveu cartas a amigos na Europa relatando sua ideia e pedindo ajuda para sua realização. No ano seguinte, a Associação Beneficente Tobias doou uma área dentro da Estância Demétria para a construção da escola, iniciada com apenas uma sala de pré-escola. A data oficial de fundação foi 20 de novembro de 1983, quando a Escola de Campo Aitiara ainda era de responsabilidade jurídica da

Escola Rudolf Steiner de São Paulo, situação que se manteve por 15 anos.

“Nós começamos a atender as crianças já no começo dos anos 80, uma tarde Anemmarie, outra tarde eu, mas eram mais atividades de jardim de infância: aquarela, rodas, histórias, já baseadas na pedagogia Waldorf. O complicado foi arranjar professor”. Em 1984, as aulas de jardim de infância e primeiro ano começaram a funcionar pra valer e, com dificuldade de encontrar profissionais habilitados para a função de professor, Eldbjorg assumiu o primeiro ano, enquanto uma recém-formada se responsabilizou pela outra classe. Nesta época, a Aitiara atendia basicamente aos filhos dos pioneiros e funcionários, além de crianças carentes dos bairros próximos. Contudo, sem conseguir uma legalização rápida junto à prefeitura, a então professora Waldorf optou por receber as crianças somente por meio-período.

“Nessa situação, nós ficamos pensando no que fazer, pois não podíamos arriscar que as crianças ficassem sem documento. Então, sugerimos que elas voltassem pra escola estadual na parte da manhã e, à tarde, eu trabalhava aqui com trabalho manuais, arte e o conteúdo das histórias”. Neste ritmo, a Aitiara cresceu em média uma sala por ano, construídas pelas arrecadações com amigos e simpatizantes e, principalmente, com a atividade com pedras de Erich Blaich, sogro de Eldbjorg. “Ele comprava pedras semipreciosas, mandava pra várias escolas da Europa, pra eles venderem nos seus bazares de Natal. Uma parte do lucro vinha para o Brasil e, uma parte disso, pra nossa escola. Essa foi a principal fonte, além de alguns padrinhos que pagavam pra tal criança”.

A ABT continuou com sua ajuda fornecendo alimento, pois, muitos dos alunos carentes chegavam para a aula sem comer. Eldbjorg e a professora do jardim de infância também abdicaram de seu salário nos primeiros anos.

Em 1988, finalmente a Aitiara recebeu autorização de funcionamento e, acompanhando a idade de seus primeiros alunos, inaugurou o Ensino Fundamental, chegando até o nono ano em 1997. Essa ampliação foi possível graças a recursos vindos de um fundo de apoio alemão a instituições em países em desenvolvimento. Em troca, a escola deveria manter seu caráter de projeto

social, fornecendo bolsas de estudos para metade de seus alunos, estes provenientes de famílias de baixa renda.

Em 2004, mais um passo: por reivindicação dos pais – agora, a comunidade de alunos da Aitiara contava não só com filhos de moradores da Demétria, mas com aqueles vindos da cidade, além dos beneficiados com bolsas – foi construído mais um bloco de salas para abrigar o Ensino Médio. Para atender a esta demanda, a escola foi rebatizada como Aitiara Escola Waldorf de Ensino Infantil, Fundamental e Médio. Este foi o momento no qual ela chegou à sua capacidade máxima.

“Começamos a escola pensando que nunca iria passar de 30 alunos e fomos até 400 em 2005, porque o começo foram os filhos dos trabalhadores, um pouco da redondeza e os nossos filhos e, depois, começaram a se interessar pessoas da cidade, em especial professores da faculdade que estavam procurando uma educação diferenciada”, conta Eldbjorg. Depois deste ápice, a Aitiara passou por uma crise financeira em 2008, reflexo da dificuldade presente em toda sua trajetória.

“Educação é algo que não gera dinheiro, ela custa. “As finanças nunca foram fáceis, porque o governo não apóia. Lá no meu país, a Noruega, o governo paga 80% daquilo que um aluno gasta em uma escola estadual, é outra realidade totalmente diferente. Aqui não recebemos nada, é tudo através de doações ou mensalidade, e só pra quem pode pagar”. Deste modo, a opção foi profissionalizar a gestão escolar. Uma mãe de aluno, Maria Eduarda Mendes, foi convidada a assumir a direção e conseguiu equilibrar as contas anteriormente no déficit.

Hoje, a Aitiara conta com cerca de 400 alunos, espalhados da pré-escola até o colegial, e cumpre o objetivo de educar por meio da educação Waldorf e integrar diversas classes sociais, através da distribuição de bolsas de estudo. Ela é caracterizada como uma associação sem fins lucrativos e, sem possuir um dono em específico, é gerida por uma diretoria pertencente à Associação Assistencial e Pedagógica Aitiara (APA). A APA, formada por professores, um administrador, diretores eleitos, pais de alunos e simpatizantes, soma aproximadamente 100 associados.



## A Associação Biodinâmica

Após dez anos praticando agricultura biodinâmica na Fazenda Demétria, os pioneiros e sua financiadora, a ABT, sentiram falta de estudos e teorias sobre tal método agrícola. Não existiam cursos para futuros agricultores interessados nesta técnica no país, muito menos normas e pesquisas sobre ela. Em 1984, por iniciativa da Associação Tobias, uma área da Estância Demétria foi desmembrada e destinada ao então Instituto Biodinâmico de Desenvolvimento Rural, posteriormente batizado de Associação Brasileira de Agricultura Biodinâmica.

“Quando foi criada, a Associação tinha outro nome, era Instituto Biodinâmico, e eram pessoas ligadas à biodinâmica, pouca gente. Eram agrônomos que a ABT decidiu apoiar, não só dando uma área, mas construindo a parte física. Não tinha casa, não tinha nada. Todo o investimento na estrutura de produção necessária veio da ABT”, relata Pedro Jovchelevich, atual gerente-geral da associação.

No começo, ligada diretamente à Associação Tobias e com a missão de “gerar, desenvolver e fomentar a agricultura biodinâmica”, as suas atividades consistiam em capacitação de profissionais através de cursos, realização de pesquisas de campo, baseadas nas necessidades de manejo da agricultura da região, e publicações de estudos. Em 1991, foi acrescentado às suas funções o trabalho de certificação orgânica e biodinâmica, por meio do selo Demeter.

Os cursos permanecem uma das ações centrais da associação, variando em diversos níveis de formação. O mais importante deles, o Curso Fundamental de Agricultura Biológica-Dinâmica de pós-graduação *latu sensu* reconhecido pelo MEC e realizado em parceria com o Instituto Elo e a Universidade de Uberada, recebe pessoas de diversos locais do país para frequentarem seus seis módulos. Outras formações menores, destinadas a diferentes perfis de público, também fazem parte do dia a dia.

“Tem a pessoa que tem uma chácara e quer ter uma horta no

quintal. Isso é um tipo de formação simples. Esses tempos vieram pessoas da prefeitura de Campo Grande que trabalham na horta comunitária do município. A formação depende muito do interesse de cada um, não tem restrição”, diz Pedro.

O gerente conta que a associação sempre incentivou a formação de seus próprios membros e associados, mantendo parcerias com universidades com o objetivo de promover pesquisas. Uma delas é a própria Unesp de Botucatu, em especial a Faculdade de Ciências Agrônomicas. “A gente cria parcerias. Temos essa com o curso de agronomia na qual os alunos têm que fazer um ano de estágio pra conclusão de curso, um semestre, e vários alunos fizeram aqui”. Um desses estagiários foi Débora Castro. A agrônoma formada na Unesp fez estágio na associação em 1998 e, no ano seguinte, já era contratada. Trabalha – e mora no bairro – até hoje.

“Estudei na Faculdade de Ciências Agrônomicas da Unesp de Botucatu. Desde a faculdade ouvia falar sobre a Demétria e sobre a agricultura biodinâmica, porém nunca tinha estado aqui antes de 1998. Não consigo identificar o porquê de nunca visitarmos o bairro, como se fosse um lugar de difícil acesso, o que não é verdade. No fim da faculdade, com o estágio obrigatório de conclusão de curso, consegui uma vaga de estagiária aqui. Acabei me mudando para o bairro em 2005, grávida de meu filho”.

Em 1995, o então Instituto se desvinculou da ABT, rebatizando-se e mudando sua forma de sustento. A Associação Beneficente continuou como uma das principais fomentadoras da iniciativa, e é até hoje, mas diminuiu a ajuda de forma gradual, priorizando outros projetos sociais espalhados pelo Brasil. Nesta época, a maior parte da renda da associação provinha de seu trabalho com as certificações, o qual cresceu enormemente ao longo dos anos. A decisão de separar a atividade em uma nova empresa voltada exclusivamente às certificações, em 1999, foi amigável, mas arriscada para as finanças da associação. Pedro explica as razões para o acontecido.

“Estava crescendo muito e a gente achou necessário separar e também não era compatível ter uma certificadora junto com a parte de consultoria. Você não pode capacitar e auditar ao mes-

mo tempo”. Hoje, o primeiramente Instituto Biodinâmico e, agora, apenas IBD Certificações, tem sua sede localizada na cidade de Botucatu e desenvolve inspeção e certificação agropecuária, de processamento e de produtos orgânicos e biodinâmicos provindos de todo o território brasileiro, América Latina, Europa e Ásia.

A partir da retirada da atividade das certificações, a associação ficou, neste campo de atuação, somente com a responsabilidade da elaboração de normas de produção para o selo de qualidade Demeter, função do IBD, e investiu em um novo campo de atividades: as consultorias.

“Principalmente de 2001 pra cá, o que cresceu muito foram as consultoria, antes não tinha tanto. Uma coisa é você fazer cursos, outra coisa é trabalhar com técnicos espalhados em vários lugares”, diz Pedro. A partir deste ano, a associação se manteve financeiramente com os recursos das empresas e órgãos atendidos. O principal deles é o Ministério do Desenvolvimento Agrário e seus projetos de apoio ao pequeno agricultor.

O corpo de cerca de 25 técnicos autônomos, monitorados pelo gerente geral da Associação Biodinâmica, atua em nove estados brasileiros, organizando e capacitando pequenos grupos de assentamentos agrários e agricultores. Aliado à lida de campo está a formulação de divulgação de material didático informativo, como cartilhas e panfletos, todos ensinando de maneira simples como seguir a agricultura biodinâmica.

Com uma equipe de dez funcionários, cinco diretores, 110 associados e 30 consultores independentes, a Associação Biodinâmica adaptou ao longo dos anos suas atividades, mas manteve a essência de divulgação da agricultura biodinâmica, missão a qual vem cumprindo com maestria. Para o futuro, seu gerente geral planeja, assim como a ABT fez um dia, ajudar no desenvolvimento de pequenas empresas na área de cultivo e comercialização de sementes, área pouco explorada no Brasil. Ele também pretende abrir uma empresa filiada voltada à venda de cestas biodinâmicas, cujo lucro ajudaria a manutenção da associação. “O desafio é diminuir a dependência de projetos, doadores. O ideal é que a gente tenha uma receita própria”.

Enquanto estes projetos estão na fase do papel, os cursos continuam fazendo parte da Associação Biodinâmica, assim como a produção de preparados biodinâmicos, as consultorias, as normas Demeter e as pesquisas, todas publicadas academicamente e divulgadas por meio de boletim eletrônico. “A gente faz muita difusão”, fala Pedro, seguindo à risca as missões da associação.

## A Comunidade dos Cristãos

Assim como quando os pioneiros decidiram fundar uma escola e a escolha foi por uma pedagogia aliada aos seus princípios antroposóficos, na vinda de uma igreja ao bairro não poderia haver opção diferente. Mesmo com as igrejas de Botucatu a poucos quilômetros, os primeiros moradores da Demétria preferiam manter sua atividade religiosa, mesmo que de forma esporádica, ligada à Comunidade dos Cristãos, ala surgida da união de Antroposofia e Igreja Protestante Européia.

Na Europa da década de vinte, os adeptos da ciência espiritual desenvolvida por Rudolf Steiner começaram a levá-la para a religião. A ideia inicial consistia em adaptar alguns conceitos da Antroposofia e casá-los aos preceitos da igreja protestante. Havendo enorme resistência a este movimento, os jovens antropósofos se desvincularam das igrejas tradicionais e fundaram a sua própria, em 1922. Surgia a Comunidade dos Cristãos. Ela é protestante, cristã, segue o evangelho e o Novo Testamento e pouco se distingue das demais, com a ressalva de que selecionou alguns princípios antroposóficos e somou-os aos valores cristãos.

“A Antroposofia entra como uma maneira de trazer uma visão diferente, sempre tentando pegar certas situações da vida. A gente traz o cristianismo para uma linguagem moderna”, explica Renato Gomes, pastor da Comunidade dos Cristãos da Demétria. Ele é o responsável por ela desde sua instalação no bairro, em 2002. Porém, bem antes da data, a comunidade já se fazia presente entre seus habitantes, mesmo sem uma sede física.

Na década de 80, um jovem morador, o qual sempre havia tido contato com a Comunidade dos Cristãos de São Paulo, fazia questão de que seus filhos fossem batizados nesta igreja. A pergunta era apenas se a cerimônia seria realizada na capital ou em sua própria residência. No fim, um pastor deslocou-se para o bairro e fez o batismo das crianças. A partir daí, as visitas religiosas foram se tornando cada vez mais frequentes. “Desde o início, havia esse contato de pessoas da comunidade que vinham

aqui. Mas eram contatos pontuais, batizados, casamentos, eram esporádicos. Nos últimos oito anos antes da minha chegada já era um regime de visitas mensais”, conta Renato.

Os próprios moradores se mobilizaram pela vinda da igreja. Arrecadaram dinheiro, buscaram doações, conseguiram a cessão de parte do terreno da Fazenda Demétria pela Associação Beneficente Tobias para dar local à sede e, finalmente, viabilizaram a construção de um prédio para a realização dos cultos e atividades. Renato começou a frequentar o bairro nesta época de movimento para a vinda definitiva da comunidade. Sucedeu um colega que vinha uma vez por mês para realizar os trabalhos em uma pequena sala de estudos. Seis meses antes da inauguração do prédio, em 2002, a frequência tinha se tornado semanal. “Continuei fazendo esse trabalho, só que mais intenso. Toda semana fazíamos trabalhos, saraus, tinha o nosso culto que a gente fazia lá também. Isso foi de junho a novembro, quando conseguimos inaugurar a igreja”.

Renato, formado médico e que veio da Argentina, junto com sua família, exclusivamente para assumir o cargo de pastor da recente igreja, viu seu crescimento ao longo dos quase dez anos de existência. Antes com cerca de vinte ou trinta adeptos, hoje a Comunidade dos Cristãos do bairro Demétria reúne aproximadamente oitenta frequentadores constantes e fiéis. Vindos a sua maioria do próprio bairro, com apenas algumas famílias de Botucatu, eles participam do culto, a atividade principal, assim como de grupos de estudos, de atividades artísticas e, as crianças, do ensino religioso.

Renato não acredita que a Demétria tenha se modificado intensamente com a vinda da comunidade, pois vê o lugar como um espaço aberto para todas as crenças e religiões – assim como a Comunidade dos Cristãos não é restrita aos antropólogos – mas sente a diferença na vida das pessoas para quem a vinda da Comunidade dos Cristãos era um desejo. “A gente teve uma frequência maior de atividade religiosa, e isso para as pessoas é importante. E para os moradores novos que chegam ao bairro e a partir daí conhecem a comunidade, também se envolvem e mudam neste sentido”. O pastor até espalha cartazes e anuncia

as atividades da igreja, mas espera – e recebe – um envolvimento espontâneo, na maior parte do tempo. “A gente convida, mas espera que as pessoas demonstrem interesse mesmo”.

## O Espaço São Micael

Desde 1974, a iniciativa da Fazenda Demétria e, posteriormente, do bairro como um todo, vinculou suas atividades ao fomento e apoio a causas sociais. Foi assim com (a) escola Aitiara, com o extinto Lar Morro Pitanga e tomou sua forma mais recente com o Espaço São Micael, fundado por Christine Wotka e seu marido Thomas Wotka, em 2006, com o objetivo de atender a jovens com necessidades especiais e oferecer-lhes uma possibilidade de desenvolvimento pessoal, convívio e integração social.

Vindos da Alemanha, impulsionados pela vontade de ajudar países em desenvolvimento, o casal já tinha experiências com crianças e adultos excepcionais na Europa, trabalhando principalmente com a terapia social sociedade. Ficaram sabendo do bairro Demétria por meio de conhecidos e, em férias no Brasil, fizeram uma breve passagem por ele. Foram atraídos por sua proximidade com a natureza e por um movimento já existente no local de pais de alunos da Aitiara. Sem opção de onde colocar seus filhos excepcionais para estudar após o término do período no colégio de pedagogia Waldorf, estes formavam uma demanda para um estabelecimento como o Espaço São Micael.

“Em 2006, foi decidido com a nossa entidade da Alemanha, à qual éramos vinculados, pra nos ajudar com o nosso caminho. Encontramos uma fundação por lá que bancou, fizemos um projeto para dois anos e viemos. Aí, eles ajudaram mais um ano e depois entramos com um segundo projeto, que acabou, na verdade, sendo um projeto de cinco anos”, conta Christine. A alemã chegou para ficar em uma casa alugada no bairro, ao lado de seu marido e seus quatro filhos, e iniciar os trabalhos na recém-inaugurada entidade.

A princípio, o casal Wotka atendia quatro jovens – três ex-alunos da Aitiara e um vindo da periferia de Botucatu – em sua própria casa. “A gente começou com dois dias da semana, das oito e meia até uma e meia, depois do almoço, pra ter uma convivência bem entre família. Tudo bonitinho, a gente começava o



almoço juntos, não essa coisa de uma pessoa começa e a outra já não tem nada no prato. Era tudo bem organizado pra ter uma convivência também”. De novembro de 2006 até meados de abril do ano seguinte, o trabalho permaneceu nesta rotina. Até Paulo Cabrera, administrador da Fazenda Demétria, oferecer um lugar próprio para o funcionamento do espaço.

“O Paulo da fazenda, que já conhecia o trabalho no exterior, falou: ‘nós temos os galpões aqui vazios, ninguém está usando, vocês não querem usar?’ Foi ele quem ajudou muito. Então, viemos pra cá e aumentamos mais um dia na semana. E passo a passo o grupo aumentou, a gente começou a ocupar mais o espaço, reformamos a cozinha, conseguimos doações de fogão, de geladeira...”. Christine relata que o lugar não era o mais apropriado, pois acumulava objetos, sujeira e descuido de vários anos de desuso. Hoje, com muita paciência, o espaço tomou ares de uma pequena escola, com o balcão transformado em palco de reuniões e atividades, cozinha bem equipada, mais dois galpões utilizados como oficinas diversas, além de salas adjacentes e terreno ao ar livre.

“Foi aumentando boca a boca. Como vários dos alunos já estão tão independentes, chegam de ônibus e tudo o mais, as pessoas perceberam que tinha um movimento no qual portadores de necessidades podem andar de ônibus, vão por si só”. Sem divulgação maciça, o Espaço São Micael já atende dezesseis alunos, da Demétria e de Botucatu, entre 16 e 60 anos.

“A gente atende sem discriminação. É feito um mês de experiência, quando avaliamos e deixamos o aluno participar. Mas a gente aumenta devagar, porque esse trabalho depende da pessoa, da dificuldade. Mas também não pode, como em uma escola, chegar dez pessoas ao mesmo tempo, porque, pra adaptar, essas pessoas precisam de um cuidado especial, de mais atenção, mais ajuda”, Christine fala com a experiência de quem trabalha há anos com a terapia social voltada aos excepcionais.

A rotina da instituição, concentrada em proporcionar aos alunos um convívio social em um ambiente que respeite seu ritmo de aprendizado, inclui atividades corporais, como caminhadas pelos terrenos próximos, cultivo de hortas, oficinas de

padaria e culinária, inclusive a preparação do próprio almoço, descanso, e oficinas artesanais (de bambu, de vela de cera de abelha e de tecelagem, produtos encaminhados para venda no exterior e nas festas do próprio espaço, a fim de ajudar em suas finanças), artísticas e musicais. Tudo é desenvolvido das oito da manhã até as quatro e meia da tarde pelo casal Wotka, presente no dia a dia do espaço, por dois profissionais contratados e pela grande ajuda de voluntários.

“Temos um intercâmbio com jovens da Alemanha, por um programa do ministério de lá, que banca a vinda deles, que vêm para trabalhar como voluntários por um ano em entidades que cuidam de excepcionais. E também temos brasileiros jovens que querem fazer um estágio. Oferecemos uma casinha alugada, onde os voluntários vivem, e eles almoçam aqui. Normalmente ficam três voluntários de fora mais os que vivem em Botucatu”.

Além do trabalho voluntário, outros fatores possibilitam a existência viável economicamente falando do Espaço São Micael, o qual não possui muitas maneiras de sustento próprio. Sua renda acaba vindo de doações, principalmente do exterior, do apoio de instituições que se constituíram como verdadeiras mantenedoras, caso da escola Aitiara, das mensalidades, as quais cada um paga o que puder, do apadrinhamento de alunos, e da arrecadação com artesanatos produzidos pelos alunos e com algumas vendas feitas em eventos sociais e festas, tal como a tradicional Festa da Primavera.

O casal Wotka veio ao Brasil para dar impulso a alguma iniciativa social e, com a missão cumprida, planejam sua volta à Alemanha. Já organizam a sucessão no Espaço São Micael e deixam planos para o futuro da iniciativa nas mãos de outras pessoas. “Além de conseguir mais recursos daqui do Brasil mesmo, um dos grandes projetos é criar uma entidade própria perto da escola Aitiara, adequada, porque aqui ainda não é o ideal e infelizmente nós não conseguimos um contrato de prazo longo. E sem um contrato assim você não consegue verba, porque, quem vai investir? E, no prazo bem longo, nós, os pais e outros colegas temos o sonho de fazer uma residência para os alunos”. Seria mais uma forma de tornar as pessoas atendidas pelo Espaço São

Micael mais independentes ainda e Christine tem seus argumentos. “Porque o que fazem os adultos? Moram sozinhos, moram com outras pessoas, mas fazem tudo independentes para seu próprio desenvolvimento”.

## A AMA Demétria

Não poderia haver nome melhor para a associação dos moradores do bairro: AMA Demétria. A sigla adquire dois significados: a abreviação para Associação de Moradores e Amigos e o sentido literal do verbo amar, nada mais justo ao sentimento de seus membros perante a comunidade na qual residem ou adotaram como exemplo. A ideia do nome partiu de Hans Reisewitz, morador desde 2000 e um dos fundadores da associação.

As primeiras reuniões da AMA Demétria ocorreram no ano de 2003, porém, a vontade de organizar os assuntos de interesse comum a todos os habitantes dos oito condomínios do local já vinha de muito tempo. “A gente via que os condomínios tinham coisas em comuns a todos os condôminos, e eles já eram organizados em estatutos, com síndico, administrador... Então queríamos fazer uma coisa oficial pra discutir assuntos pra todos, não nos condomínios em separado, como manutenção da estrada, se asfalta ou não a rua, a questão da segurança, da coleta seletiva de lixo...”, fala Hans

Esses assuntos são pauta das reuniões abertas a qualquer interessado, tanto do bairro quanto de fora, realizadas todas às segundas-feiras às sete horas da noite. Pessoas envolvidas com o Instituto Elo, a escola Aitiara, a administração dos condomínios e a Comunidade dos Cristãos são frequentadoras participativas desde o início da associação e Hans garante que cada um tem o seu espaço para dar palpite. Atualmente, alguns temas específicos pontificam na lista de discussões.

“Sempre tem assunto, problema pra resolver. Os atuais são a coleta seletiva, a segurança, agora estamos envolvidos com o assunto do prédio em frente à escola que está pra demolir. Aí, nós discutimos se é pra demolir ou não, se não pode aproveitar isso pra outra iniciativa”. Em outros momentos, a AMA Demétria discutiu não só questões internas ao bairro, mas também facilitou a chegada de temas – e suas soluções – ao poder público botucatuense.

“O prefeito já veio várias vezes aqui em assembléias comuns. Um dos pedidos que a gente fez foi iluminar a estrada de acesso, a Marechal Rondon. O pessoal do bairro vizinho daqui, o 24 de Maio, pediu também e ele iluminou”. A AMA Demétria chegou a contribuir com a elaboração do Plano Diretor de Botucatu, em 2007, além de promover abaixo-assinados defendendo a preservação das áreas naturais do entorno do bairro. Todas essas ações fortalecem o sentimento de união entre seus moradores, fazendo-os compartilhar um caráter politizado diante de questões ainda pendentes.

Os planos da associação são se tornar um órgão oficial, já que ela ainda não é regulamentada, para poder ampliar seu rol de atuação, trazer cada vez mais melhorias ao bairro e defender os interesses de seus habitantes. “Ao se tornar uma entidade oficial, ela vai nos permitir ter mais contato com órgãos governamentais, como a prefeitura, e a gente vai poder representar o bairro mesmo”, afirma Hans, responsável também por essa parte burocrática.

## O Instituto Elo

O caminho do Instituto Elo tem passos semelhantes ao do IBD Certificações: ambos nasceram da Associação Biodinâmica e se desmembraram para seguir com atividades próprias. Enquanto o IBD escolheu ter sua sede na cidade de Botucatu, para se dedicar às certificações de produtos orgânicos e biodinâmicos, o Instituto Elo permaneceu na Demétria, onde desenvolve cursos e pesquisas na área de agricultura biodinâmica e economia associativa. Marco Bertalot Bay esteve envolvido na fundação do instituto e hoje ocupa o cargo de diretor.

“O Elo foi fundado em janeiro de 1991 e começou primeiro dentro da Associação Biodinâmica. A iniciativa foi praticamente minha e da minha companheira na época, a Rosemaire Montevani, mas com a participação de vários outros, porque é uma associação”, conta o diretor. A partir desta data, trabalhos desenvolvidos dentro da associação passaram a ser função exclusiva do instituto, que se mudou para outra sede e buscou recursos próprios para seu sustento.

“Nós tivemos um desafio muito grande aqui, porque precisávamos ser autossuficientes, não tínhamos subsídio. A ABT até ajudou, cedeu a casa, mas não havia o compromisso de cobrir o nosso déficit. Nós tínhamos que nos virar”. A casa doada foi batizada de Casa Somé e dá lugar, desde então, às diversas atividades do instituto. Ela originou também a micro-empresa Café Somé – restaurante, pousada e conveniências, que atende ao público local tanto na parte de alimentação quanto na de hospedagem, e a Chácara Somé, micro unidade agrícola abastecedora do restaurante, usada para demonstrações práticas durante os cursos do Instituto Elo.

Para lidar com as finanças, sempre apertadas, já em 1991 foi fundada a ONG Associação Elo, com sede também na Casa Somé. A diferença é que a Organização Não Governamental cumpre o papel de mantenedora do instituto, sendo sua representante formal-jurídica. Assim, pôde viabilizar oficialmente que as ativi-

dades de seu beneficiado continuassem a funcionar, por meio de parcerias, acordos e captação de recursos. Além da parceria com a Associação Biodinâmica e com a Universidade de Uberaba, a ABT continua uma de suas grandes doadoras.

“Os cursos são pagos. Mas há alguns anos a ABT faz uma doação anual com fundos de bolsas da Associação Biodinâmica pra estudantes que não podem pagar, bolsas parciais pra quem são bem do perfil da associação. E a gente sempre vê o que a pessoa pode pagar também. Isso é uma ajuda, porque agricultores que nunca poderiam bancar o curso podem fazer”.

Os principais cursos oferecidos são em caráter de extensão e especialização. Dois deles são seus carros-chefes, atraindo alunos de todo o Brasil e América Latina: Agricultura Biológica-Dinâmica e Gestão Empreendedora Associativa, ambos realizados com o apoio das já citadas parcerias.

Já suas pesquisas visam o estímulo à demanda, produção e comércio de produtos e serviços humanos e ecológicos – este objetivo também é apoiado pela Rede Chão e Gente, a qual incentiva consumidores e empreendedores neste sentido, sendo o primeiro projeto desta ramificação do Instituto Elo realizado na escola Aitiara. Uma das pesquisas foi concluída por Marco, em seu mestrado na Universidade de Campinas, no qual teve como um dos objetos de estudo o próprio bairro no qual é morador. Todos os artigos e publicações são divulgados por meio de blogs e informativos.

## Alguns estabelecimentos e iniciativas

“Criada a escola e os condomínios, hoje podemos dizer que a Demétria é um bairro. Não foi oficializado, mas tem um endereço e foi surgindo naturalmente, acontecendo. São pessoas que estão aqui que tomam a iniciativa, e cada uma faz da sua forma. Acho que não dá pra dizer que a Demétria faz assim, faz assado. Faz parte da liberdade”.

A fala de Jorge Blaich resume o impulso que expandiu a inicial Estância Demétria a toda uma comunidade de moradores, mesmo não oficializada. Como ele diz, a partir dos condomínios – que possibilitaram a fixação de habitantes no local – e da escola – que atraiu novos moradores devido à sua pedagogia aliada ao modo de vida harmonioso com a natureza e com o convívio humano – outros tipos de estabelecimentos surgiram. Alguns deles já foram citados, como a Comunidade dos Cristãos, o Espaço São Micael, o Instituto Elo, a Associação Biodinâmica e a AMA Demétria. Ainda outros compõem a paisagem e representam a Demétria.

### O Sítio Bahia

Administrado por Paulo Cabrera, o mesmo responsável pela Fazenda Demétria, o Sítio Bahia tem uma história semelhante a da Estância, anterior a ele. Localizado em seus arredores, na década de 70 já contava com uma área delimitada e pertencia a um amigo dos pioneiros do bairro. O próprio Paulo quem conta.

“Ele comprou com a ideia de quando se aposentasse vir e ficar aqui com a família. O nome já vem daí, porque era um alemão, pastor, que trabalhava no interior da Bahia, muito vinculado mesmo, acho que é o alemão mais baiano que conheci. Mas, depois de certo momento, eles decidiram voltar para a Alemanha e venderam o sítio”.

A compradora foi a Associação Cambará, da qual Marco Bertalot Bay e Jorge Blaich são alguns de seus diretores. Assim como a ABT fizera anteriormente com eles, a associação entrou como financiadora e delegou as terras a uma família de agricultores



adepta das técnicas biodinâmicas, no caso, a de Paulo Cabrera. De 1986 até hoje, o agricultor é quem comanda as atividades do sítio, que consistem em criação de gado, cultivo de culturas perenes e produção em laticínio e padaria.

### **A Bioloja**

Localizada dentro do Sítio Bahia, a Bioloja é um dos pontos de parada de visitantes da Demétria e, hoje, funciona como um pequeno mercado de produtos básicos e naturais, além de servir brunch (um café-da-manhã tardio e farto, ao estilo norte americano), sorvetes e comidas típicas de um café simples – chás, lanches, salgados, etc. Ela surgiu de uma iniciativa despretensiosa de Paulo Cabrera e sua família.

Em meados da década de 90, como forma de vender as mercadorias do Sítio Bahia aos moradores da Demétria, Paulo disponibilizou um quartinho de sua própria casa, onde deixava alguns produtos e liberava o acesso a qualquer pessoa interessada em comprá-los. Muitas vezes, sequer havia alguém vigiando quem entrava ou saía. “Era uma coisa que, quem conheceu, lembra com satisfação e alegria. Acontecia realmente um self-service de cabo a rabo. A pessoa vinha, pagava, fazia o troco dela e saía”.

Uma caderneta fazia o controle de entrada e saída. Algumas vezes, o comprador esquecia o dinheiro, anotava seu nome e, só depois, voltava para pagar. Porém, com o crescimento do negócio, o esquema baseado na confiança parou de ser eficaz. “Geralmente vinham pessoas do bairro. Mas começou a crescer, e passaram a vir pessoas da cidade que esqueciam o dinheiro ou anotavam o nome e a gente não sabia quem era, depois voltava e colocava pago. Era interessante, mas começaram a ter algumas dificuldades. Uma vez o dinheiro desapareceu, outra vez foi o dinheiro e a caixinha”.

Aproveitando a vinda de um primo de sua esposa, Carolin, Paulo resolveu construir uma casa para a loja. Tudo com o seu próprio trabalho. A partir disso, ele conta que teve ajuda de outras pessoas, as quais auxiliaram na construção do muro e na composição paisagística do espaço. “Foi um processo bem orgânico, demorou, mas foi bem estabilizado”.

A Bioloja nos moldes em que se encontra hoje foi inaugurada em 2003.

### **Estabelecimentos comerciais**

Restaurantes, brunch, venda de produtos naturais... Estabelecimentos voltados à prestação de serviços contribuíram para o intercâmbio dos moradores da Demétria com os habitantes de Botucatu. Muitos destes últimos começaram a frequentar o bairro para usufruí-los, como acredita Celso Pazzanese, arquiteto morador do bairro. “Por causa da escola e dos botecos é que começaram a ver que era um bairro normal, com características próprias, mas que era legal. Foi muito boa essa coisa de integração, porque mistura todo mundo e acabou”.

Na avenida de entrada do bairro, já se encontram três estabelecimentos voltados à alimentação: o restaurante Celeiro, o qual usa preferencialmente ingredientes orgânicos e biodinâmicos, servindo também cortes de carnes uruguaios, entre outros itens do cardápio; o Empório Stammich, restaurante alemão também especializado em cervejas artesanais; e a Pizzaria Bel, que trabalha com massas integrais. Ainda se encontram no bairro a Alvorada Alimentos Orgânicos, que tem como produto de destaque o Mel Alvorada, a Feira Orgânica, na qual se reúnem vários pequenos produtores da região, o Café Somé, restaurante, pousada e conveniência, e a pequena indústria farmacêutica Pharmacos.

Ainda estão espalhadas pelo bairro iniciativas pontuais, como massagistas, dentistas integrais, arquitetos orgânicos, ONGs, artesãos, escolas de teatro e eurritmia. Em diferentes graus, todas elas possuem certa ligação com o espírito guia da Demétria, a Antroposofia.

### **A Unidos da Demétria**

Desde 2004, a Unidos da Demétria passa pelas ruas de Botucatu no desfile de escolas de samba, no Carnaval da cidade. Fundado pelo casal Marielza e Fábio de Bona, o bloco adotou como filosofia “manter a união e a alegria através do samba” e as cores azul e laranja. No Carnaval de 2011, possuía cerca de 200 componentes e desfilou com um samba-enredo que cantava

a mistura dos povos, o amor à Demétria e uma homenagem aos 150 anos do nascimento de Rudolf Steiner. Os ensaios ocorrem na Escola Aitiara.

### **O blog Alô, Bairro Demétria**

Moderado por sete moradores da Demétria, entre eles Maria Eduarda Mendes, o blog não institucional Alô, Bairro Demétria tem como objetivo maior divulgar as atividades do bairro para seus próprios habitantes, simpatizantes e, principalmente, para pessoas de fora. No ar desde agosto de 2010, entre suas postagens constam assuntos como convites para festividades, protestos e organizações de abaixo-assinados, fotos de eventos e paisagens, textos reflexivos e informativos sobre temas referentes a alguma atividade interna, entre outros.

O Alô, Bairro Demétria também conta com um espaço de divulgação de trabalhos e casas para alugar de habitantes do bairro, além de aceitar colaborações – como envio de fotos, vídeos, críticas e sugestões – de seus visitantes. O site se configura em uma tentativa de intercâmbio e troca de conhecimento on-line com pessoas e filosofias diferentes, com iniciativa partida dos próprios moradores.

## Crescimento do bairro: vamos fugir de São Paulo!

Em sua dissertação de mestrado concluída na Universidade de Campinas, intitulada “Consequências ambientais e sociais da atividade agrícola: reflexões epistemológicas sobre a regenerabilidade”, Marco Bertalot Bay nota, no bairro Demétria, um fenômeno oposto ao êxodo rural. Constituído de uma população mínima nascida no próprio bairro e com a maioria vinda de fora, ele acredita que as motivações para estas pessoas se “estabelecerem inicialmente numa área inóspita e isolada” são ideológicas. Marco vê a predominância de um fator ideológico nas iniciativas formadas na Demétria, atraindo moradores com a mesma “concepção de mundo”, que, inevitavelmente, passa pela Antroposofia.

Em um primeiro momento, nos anos em que a Demétria se baseava apenas nas atividades da estância de mesmo nome, esta ideologia compartilhada era, de fato, a principal razão da chegada de novos moradores ao local. Foi assim com os pioneiros, com Eldbjorg Blauch, com Paulo Cabrera e com alguns outros habitantes chegados nas décadas de 70 e 80, principalmente funcionários da fazenda. Porém, após o estabelecimento da Escola Aitiara e o surgimento dos condomínios, a realidade passou a ser outra. Primeiro, porque os condomínios possibilitaram a vinda de pessoas desvinculadas com o trabalho na Estância Demétria e, segundo, pela escola adotar uma pedagogia escassa em algumas regiões, dando aos futuros moradores uma opção de educação de qualidade a seus filhos. Este movimento maior ocorreu em meados dos anos 90.

“O que me fez mudar para o bairro foi a escola, a qual busquei para atender a meus dois filhos mais velhos, que tinham, na época, treze e oito anos, aproximadamente. Queria um ambiente rural como o que morava em Araraquara, mas aliado a uma vida social mais preenchida, um meio cultural mais plural e entusiasmante”, conta Ana Luisa Pereira, professora de letras e literatura

e moradora do bairro há mais de 15 anos. Ela trabalhou por dez anos na Aitiara, deixando o cargo em 2000, e vê na escola uma diferenciação mesmo entre as iniciativas Waldorf, nas quais o projeto de integração socioeconômica não é tão vivo.

Maria Eduarda Mendes morava em São Paulo e, por volta de 1998, procurava um lugar mais tranquilo para morar. A escola Aitiara foi fundamental para a escolha da Demétria. Com filhos alunos da pedagogia Waldorf de um colégio na capital, ela fazia questão de mantê-los nesta linha educacional. Desde quando se instalou no bairro, Maria Eduarda vê a Aitiara como a principal aglutinadora de sua população: “é difícil os pais do bairro colocarem os filhos pra estudar na cidade. Acontece, não é impossível, mas a maior parte das pessoas vem por causa da escola”.

Já hoje, ela percebe um novo movimento na Demétria, distanciando-a um pouco daquela característica ideológica inicial. “Agora está chegando toda uma nova geração de moradores. O bairro está crescendo e o seu perfil se tornando um pouco mais diversificado. Mas, com o tempo, isso foi mudando mesmo por conta da escola, e agora é mais eclético, tem uma variedade grande de escolhas em relação às ideologias”. A Antroposofia ainda existe em larga escala, mas a atração maior passou a ser a qualidade de vida e a proximidade com a natureza – peculiaridades da vida rural – aliadas a uma ampla oferta de serviços originalmente urbanos, começados pela escola e seguidos de lojas, restaurantes, pousadas, etc.

Hans Reisewitz foi um desses fisgados pelo sossego do interior. Mesmo possuindo um terreno há tempos no bairro, o ex-morador de São Paulo esperou a aposentadoria – sua e de sua esposa – para fazer a mudança definitiva, sem se esquecer da ótima infra-estrutura que o esperava. Mas não acredita que este perfil de aposentados em busca de uma vida pacata seja o predominante atualmente. “É interessante que, um tempo pra trás, vinham pessoas de mais idade que estavam se aposentando, mas, agora, são muitos jovens, casais jovens com criança pequena que querem a vida no campo”. É o esgotamento da cidade grande, empurrando seus habitantes para a busca de uma alternativa melhor.

Celso Pazzanese, o Pôla, não poderia concordar mais. “Chegou num estágio de deterioração de desenvolvimento lá, falta de planejamento, estão acontecendo essas chuvas aí e qualquer garoinha que tem pára tudo. E com essa estrada maravilhosa, quem trabalha com prestação de serviços em duas horas e meia está em São Paulo. Tem um monte de gente que, uma vez por semana, vai a São Paulo, atende cliente, empresa, volta e fica trabalhando aqui”. O arquiteto que, assim como muitos outros fugiu do caos da capital paulista, também cita a internet como um facilitador para o aumento de moradores no bairro.

A vinda de novos moradores, muitas vezes desvinculados com a história do bairro, como lembra Pôla, traz algumas transformações ao cotidiano da Demétria. Discussões antes nunca levantadas passaram a fazer parte da agenda da AMA Demétria, como o asfaltamento ou não de suas ruas principais, e mesmo o preço dos terrenos e casas dos condomínios viveram um momento de supervalorização, seguindo a lei da oferta e procura. Porém, a mudança que mexe profundamente com os antigos habitantes da Demétria é de ordem social.

“Muita coisa mudou aqui desde que cheguei. Desde o número de pessoas, que aumentou imensamente, até a motivação para essa mudança. As relações tornaram-se mais impessoais, mais distantes. A proximidade e a facilidade das relações de certa forma se perderam, provavelmente pelo aumento de pessoas que vieram para cá nestes últimos sete ou oito anos. E temo que não haja retomada. Uma vez distanciadas, é difícil a reaproximação entre as pessoas”, constata Ana Luisa Pereira.

Eldbjorg Blaich se recorda da primeira vez em que, passando pelas ruas do bairro, cruzou com alguém que não a cumprimentou, um completo estranho. Antes, todos se conheciam e conviviam intimamente. Até mesmo Mauro Ventura, estudante universitário que atualmente só visita ocasionalmente a família na Demétria, sentiu a diferença. “Durante meus anos na Aitira meu contato com os moradores era maior, também porque tinham menos pessoas. Isso já diminuiu bastante. Aqui cresceu muito! Era o lugar onde a paz reinava. Hoje ainda reina, mas em escalas menores”.

As conseqüências futuras deste crescimento, de certo modo não planejado, são impossíveis de se prever. Algumas já fazem parte do presente, outras, só o tempo revelará. Maria Eduarda Mendes prefere encará-las como um desafio. “Um estudioso alemão diz que a arte do futuro não são as artes plásticas, mas sim as artes sociais. Eu vejo isso aqui na Demétria, uma estrutura social se formando. Mas os artistas ainda são muito lentos, não sabem o que estão fazendo. E essa arte do futuro só terá sentido quando estiverem sendo criadas experiências sociais. E a Demétria é, eu acho, uma arte social”.

## Um bairro... rurbano

“É um bairro misto de urbano e rural. Apesar das atividades agrícolas, a população que o ocupou é essencialmente urbana e traz consigo uma cultura urbana”, constata Maria Eduarda Mendes. Aliar características urbanas e rurais é uma das peculiaridades mais marcantes da Demétria, tornando-a raridade no contexto nacional. Ela seria o que os próprios moradores chamam: um bairro rurbano.

Sua ligação com o campo vem de sua atividade de origem, a agricultura biodinâmica praticada na Estância Demétria, além da localização de sua área na porção rural do município de Botucatu. Somam-se a isso a calma, as estradas de terra, a paisagem natural, a harmonia com o meio ambiente e a vida social, ainda sobrevivendo ao esquema no qual todos se conhecem e partilham uma confiança mútua. O lado urbano veio por conta de seus moradores.

Com sua maioria saída da cidade grande, os habitantes da Demétria buscavam a tranquilidade longe da poluição, do trânsito e do estresse característicos de centros urbanos como São Paulo. Porém, não gostariam de abrir mão da vida cultural e da qualidade dos serviços oferecidos pela capital e municípios similares. Para atender esta demanda, foram surgindo estabelecimentos comerciais como pequenas lojas, restaurantes, bares com música ao vivo, centro de cursos e a própria escola Aitiara. Estas iniciativas se tornaram as propulsoras de uma rotina cultural intensa no bairro e a sua designação de local rurbano, transformando-o em um lugar especial de identidade única.

“Eu me pergunto quantos lugares assim existem, porque os condomínios que eu conheço na região de São Paulo se dão um aspecto mais bucólico, com plantas e arborização, mas não se pode chamar de bairro rural”, fala Renato Gomes, pastor da Comunidade dos Cristãos. Hans Reisewitz é outro morador que adora esta característica da Demétria. “A gente mora na zona rural, mas não está totalmente afastado da zona urbana. É um con-



ceito bastante atualizado e é muito fácil viver aqui”.

O termo *rurbano* é amplamente usado pelos moradores, porém não é a classificação oficial da Demétria. Na verdade, o local não chega a ser oficializado juridicamente como bairro – Bairro Demétria é o nome fruto de discussões de seus próprios habitantes, que o adotaram para se referir ao espaço onde moravam.

“Logo no começo, quando começaram a surgir os condomínios, a gente teve que começar a falar: não é a fazenda, é o todo. Pensamos em chamar de Conjunto Demétria, mas o nome já dava a idéia de uma colônia e não queríamos isso, então nós mesmos decidimos chamar de bairro. Não tem registro oficial. O correio não entrega, até tem nome de rua e caixa postal, mas não tem entrega”, conta Marco Bertalot Bay.

Esta escolha pela designação de bairro foi decisiva para os rumos da Demétria, condizendo com os desejos dos pioneiros e das pessoas envolvidas na discussão: não torná-lo um ambiente fechado ou restrito a um grupo determinado. Renato Gomes, recém-chegado na época em que o tema estava em seu ápice, lembra-se destas intenções. “Quando cheguei, tinha a discussão se ia manter o nome bairro ou iria adotar outro, mas acabaram escolhendo a denominação bairro por ser algo aberto. Não é como um condomínio que já pode se fechar e ter regras, ele é aberto a qualquer pessoa. No momento final, com todos os presentes e representantes das instituições daqui, ficou colocado que isso aqui iria se desenvolver como bairro, não teria uma regra nem uma coisa ideológica pra se morar nele”.

Seguindo este intuito, hoje existe uma tendência de chegada de novos moradores, não tão ligados à Antroposofia e sim à qualidade de vida oferecida pela Demétria, além de surgimento constante de novos estabelecimentos e iniciativas, sempre que a demanda exige. O restaurante Celeiro foi a última inauguração.

## E Botucatu com isso?

A percepção da Demétria pelos habitantes de Botucatu mudou ao longo dos mais de 30 anos de sua existência. Ela já foi associada à colônia de alemães, à comunidade de hippies e bichos-grilos, a um grupo de pessoas fechadas em seus ideais e, agora, é vista como um local de convivência harmônica com a natureza, entre variações pessoais inevitáveis. O intercâmbio entre moradores do bairro e da cidade também cresceu bastante devido aos estabelecimentos comerciais, que passaram a atrair botucatuenses em busca de serviços. Alguns são visitantes esporádicos, outros se identificam com o ambiente e voltam algumas vezes, ainda há aqueles que se tornam freqüentadores assíduos e têm filhos alunos da escola Aitiara. Os moradores mais antigos puderam ver estas transformações com mais nitidez e contam histórias reveladoras das diferenças na relação entre a Demétria e Botucatu de 1974 para cá. Eldbjorg Blaich é uma delas.

“No começo, a Annemarie e eu estávamos com o cabelo comprido, saia comprida, o Jorge e o Diter com barba a fazer e, muitas vezes, saíamos da lavoura direto para o banco, o que não é comum aqui. Então, fomos vistos como hippies nos primeiros anos. Contribuiu pra isso também um lar aqui do lado onde, infelizmente, várias pessoas consumiam maconha. E, na cidade, achavam que ali e a Demétria eram a mesma coisa. A imagem da Demétria não foi nada gloriosa no começo!”

Marco Bertalot Bay também passou por julgamentos parecidos. “Eu sempre conto essa historinha que passei quando voltei em 1985. A Demétria já era bastante conhecida na cidade, só que a imagem que tinham... Eu ficava horrorizado. Um dia, eu estava em um café na avenida principal ao lado de umas pessoas que não me conheciam. Eles viram do outro lado da rua um grupo de jovens meio hippies, com o pé sujo, sandália, uma roupa relaxada, com o cabelão meio assim, e falaram: ‘olha o pessoal da Demétria lá’. E o pior é que eram! Mas eram pessoas que vieram de fora pra fazer um estágio em uma das propriedades. Isso mar-

cou muito, porque eu não me identificava nem um pouco com essa imagem. Eu sofri um pouco, porque, nossa, não era assim”.

Essa visão distorcida começou a mudar por meio da escola. Habitantes de Botucatu, interessados na pedagogia Waldorf, passaram a adentrar o bairro e a perceber a realidade diferente do falatório disperso. Quanto mais o bairro se abria a Botucatu, mais a tal comunidade de hippies ficava no passado. Para Eldbjorg, com o tempo a Demétria recebeu cada vez um maior respeito e compreensão. Hans Reisewitz, chegando em outra fase ao bairro, passou por uma situação completamente contrária.

“Eu mudei pra cá e comecei a construir minha casa. Ia bastante a uma loja de materiais de construção e precisava fazer um cadastro. Comecei a pegar meus documentos, mas quando falei que iria morar na Demétria, os vendedores falaram que a Demétria não precisa fazer cadastro, porque tínhamos crédito lá”.

Deste início, o único estereótipo sobrevivente é o de que o bairro concentra um grande número de alemães. A afirmação não é de todo inválida, já que na Demétria existe um grande intercâmbio de estrangeiros e os próprios pioneiros são descendentes de europeus – não necessariamente alemães. Os olhos e cabelos claros ainda são maioria, senão uma grande parte, e o modo de vida europeizado influenciado pela Antroposofia ajuda no fortalecimento desta premissa. Porém, não é esta a imagem predominante nos dias de hoje.

“O que ouço dos botucatuenses é que aqui é um lugar tranquilo, onde só moram alemães – sim, ainda existe esse estereótipo! – que todos são vegetarianos... Há certo clima de ‘shangri-la’, que aumenta conforme maior a distância entre quem fala e a própria Demétria. Há também um número considerável de pessoas que tiveram experiências de rejeição por parte da Demétria, e que se ressentem disso e até hoje consideram que vivemos em um mundo próprio, à parte, onde só entram de verdade os ‘escolhidos’. Preciso confessar que, de fato, essa sensação não é desprovida de razão, mas tem diminuído através dos anos. Acho que essa é a parte boa do crescimento do bairro, pois o espaço se tornou mais público”, fala Ana Maria Pereira, antiga professora da Aitiara.

Esta sensação de fechamento provém de um isolamento ocorrido nos primeiros anos da Estância Demétria. Por estarem em uma iniciativa pioneira na prática de agricultura biodinâmica, os envolvidos preferiram se distanciar – sem contar o trabalho árduo e exigente de dedicação total – para preservar seus valores e objetivos. O tempo e o crescimento promoveram esta abertura, mas, ainda assim, alguns resquícios ficaram, como admite Marco. “Você não elimina tudo, né? Mas hoje o pessoal já vê qualidades, vem mais pra cá, com um poder aquisitivo maior. Com essa interação, as pessoas percebem que existe um impulso cultural, até diria que elas percebem que, em geral, os moradores daqui merecem confiança. Você vê isso nas lojas. ‘Ah, é da Demétria, então, vai pagar a conta’. É complicado dizer, mas é uma tendência”.

Celso Pazzanese, arquiteto que se mudou para o bairro nos anos 2000 e já vivenciou apenas a fase final deste processo de integração com a cidade de Botucatu, vê a quebra de um preconceito mútuo, no qual cada um dos locais passou a aceitar as características peculiares do outro. Para ele, isso só traz um enriquecimento na vida cultural botucatuense como um todo, sem separação entre Demétria e Botucatu. “Eu pude assistir um pouco ao final dessa mudança de comportamento. As pessoas do bairro pararam de ter certos preconceitos que, na verdade, eram de paulistano em relação ao interior e o pessoal de Botucatu, por causa da escola e dos botecos, começaram a ver que era um bairro normal, com características próprias, mas que era legal”.

O arquiteto vê uma mudança comportamental intensa a partir disso: botucatuenses adeptos dos produtos naturais, orgânicos e biodinâmicos produzidos na Demétria; agricultores biodinâmicos mais maleáveis em relação a outras formas de cultivo, frequentadores se tornando amigos de moradores, habitantes da Demétria abrindo escritórios na cidade... “Muita gente veio morar aqui por, inclusive, frequentar e começar a entender as características, diferente de outros condomínios da cidade”.

## Questões atuais

“Há uma visão muito idealizada do bairro, por parte de algumas pessoas, que acreditam que aqui é o paraíso. Não é, há vários problemas. E há outras que precisavam se abrir pra conhecer a proposta do bairro”, fala Maria Eduarda Mendes, resumindo o fato de que, assim como qualquer outro lugar, o bairro Demétria também enfrenta dilemas próprios. Hoje, os principais são a questão da segurança, a discussão sobre a possibilidade de asfaltar suas ruas, a oposição à construção de um galpão de armazenamento de ração em seus arredores e a destinação de suas terras agrícolas.

### Segurança

Por volta de 2009, os moradores da Demétria enfrentaram uma onda de assaltos a suas residências que marcou profundamente sua percepção da segurança do bairro. A cidade grande havia invadido a paz do meio rural e a sensação anterior de que as portas poderiam permanecer abertas começou a desmoronar. A maioria dos entrevistados, quando perguntados sobre algum problema atual, citou a segurança do bairro, a qual praticamente todo ano continua a ser abalada por novos assaltos.

A diferença em relação a outros bairros ou condomínios é a de que houve uma mobilização geral para tomar medidas preventivas, mesmo que de forma “caótica, lenta e não-prática”, como fala Maria Eduarda Mendes. Desde os primeiros assaltos, uma ronda começou a circular à noite pelas ruas do bairro e houve discussões acerca de um sistema de segurança comunitário, no qual uma comunicação mais efetiva entre os vizinhos ajudasse a proteção da Demétria. Celso Pazzanese diz que essas medidas deram uma aliviada geral no medo presente nos moradores. “Isso foi legal porque a gente se integrou mais, ao invés de voltar com uma mentalidade urbana e cada um cuidar do seu próprio quintal”.

### Asfalto

“Tem vindo pessoas, tanto de Botucatu quanto de São Paulo, com uma mentalidade muito mais urbana, desvinculada com a história do bairro. Elas vêm buscar a qualidade que tem aqui, mas trazem como referência a cidade grande”, fala Celso Pazzanese. Essa mudança de ideais aflorou a discussão sobre a possibilidade de asfaltar as vias principais de acesso e algumas ruas da Demétria, atualmente de terra batida. Enquanto, de um lado, estão os que reclamam das condições das ruas, principalmente em épocas de chuva, de outro permanecem os defensores da manutenção da paisagem rurbana do bairro, a qual se corromperia com o asfaltamento. Maria Eduarda Mendes é pertencente ao segundo grupo.

“Se asfaltar vai perder totalmente a característica do bairro, a identidade rurbana que faz com que ele seja forte. Tem gente que não entende isso ainda. A percepção de que o bairro precisará de uma intervenção mais planejada, mais consciente, está chegando, mas ainda lentamente”.

Celso Pazzanese também dá sua opinião como arquiteto. “Se você traz o asfalto, se for seguir o padrão normal, que é típico do Brasil, vai ter a rua asfaltada com guia, sarjeta, uma iluminação igual a que existe em beirada de cidade. Isso constrói um processo que vai trazer um desenvolvimento para o bairro que não tem nada a ver com sua história e características. Vai acabar urbanizando”. Ele ainda apresentou alternativas aos moradores, como pavimentar as ruas com capim ou outra vegetação adequada às características do bairro.

No momento, não há definição sobre o que irá acontecer com as ruas do bairro, pois a discussão se mantém empatada entre os a favor e os contra o asfalto. Elas tomam lugar nas reuniões da AMA Demétria e também em enquetes e textos no blog Alô, Bairro Demétria.

### Galpões da razão

Uma das maiores mobilizações iniciadas pelos moradores da Demétria e que abrangeu todos os habitantes de Botucatu interessados na proteção do meio ambiente da região diz respeito

à luta contra a construção de terminais de carga e transporte e galpões industriais em uma Área de Proteção Ambiental (APA) nos arredores da Demétria.

Prevista pelo Plano Diretor do município, aprovado em 2007, a região desta APA não estaria sendo respeitada devido à instalação de galpões de armazenamento de ração de cães e gatos, localizados na extensão da Rodovia Gastão Del Farra, a qual dá acesso à Demétria. Próximas à Cuesta de Botucatu, estas áreas fariam transição entre o urbano e o rural e qualquer atividade instalada nelas não poderia contrariar as determinações do próprio Plano Diretor. Elas também seriam ricas em pequenos mananciais e teriam vocação agrícola, educacional, cultural e turística. Todas estas características estariam atualmente ameaçadas.

Tentando evitar a instalação dos galpões, os moradores organizaram um abaixo-assinado, no qual pedem ao prefeito de Botucatu o embargo das obras. A manifestação já foi assinada por mais de duas mil pessoas e entregue à prefeitura. A ela, unem-se outras formas de protesto, como críticas freqüentes em sites relacionados ao bairro, passeatas, etc. Embora a mobilização seja grande, a construção dos galpões continua em andamento.

### **Terras agrícolas**

Desde 2009, a Associação Cambará, proprietária legal do Sítio Bahia, move um processo de restituição de posses contra seu atual administrador, Paulo Cabrera. O assunto é tabu entre os envolvidos e os moradores da Demétria, pois revela um conflito interno do bairro, local muitas vezes associado à harmonia total nas relações humanas.

Segundo Jorge Blaich conta, compartilhando das suas palavras as dos outros oito diretores da Associação Cambará, o Sítio Bahia foi comprado por eles de um teólogo alemão. Assim como ocorrera com a Associação Beneficente Tobias e a Estância Demétria, os diretores designaram o cuidado das terras – condicionado à prática da agricultura biodinâmica – a terceiros. Há cerca de 24 anos, Paulo Cabrera tornou-se o responsável pelo sítio, por meio de um contrato de comodato, no qual ele não precisaria pagar nenhum tipo de aluguel aos donos legais.

No ano 2000, com a Fazenda Demétria passando por problemas financeiros, Paulo Cabrera foi convidado a assumir sua administração, acumulando o novo cargo com o do Sítio Bahia. Jorge afirma que, a partir daí, Paulo começou a não cuidar do sítio como antes. “Ele designou o trabalho a terceiros e não achamos justo. Entramos em confusão. O contrato de comodato já venceu há dois anos e o Paulo se recusa a entregar o sítio”. So-ma-se a isso a afirmação de que Paulo teria iniciado atividades comerciais na área do Sítio Bahia, a Bioloja e uma padaria. Desvinculadas da proposta inicial da biodinâmica, os diretores da Associação Cambará acreditam que ele deveria pagar um tipo de aluguel para poder mantê-las na área do sítio – duas mensalidades à escola Aitiara, como forma de contribuição social. Paulo também não aceitou a proposta. Com as tentativas de acordo falhas, a Associação Cambará entrou na justiça com um pedido de restituição de posse em abril de 2009.

Paulo, por sua vez, reluta em abandonar o Sítio Bahia, pois dá a entender que teme pelo destino dado às terras voltadas à agricultura biodinâmica. Ele vê muita especulação imobiliária, valorização dos terrenos na Demétria e visualiza a construção de condomínios onde antes havia agricultura. “No momento em que você tem um sítio e essa terra começa a valer mais e mais, porque mais pessoas querem se mudar pra cá e o que manda é o dinheiro, então, de repente, o que adianta eu fazer agricultura, me matar trabalhando e ganhando pouco, e os outros que compram ainda acham caro esses negócios orgânicos? Tem algo errado nessa visão, nesse processo. E você sabe que, vendendo essa terra, o dono ou a associação vai ganhar muitos milhões e pode investir em outras coisas, sei lá o quê. Eu estou consciente do perigo. Minha responsabilidade como agricultor biodinâmico é produzir, trabalhar a terra e garantir que as ideias possam se contrapor a essa tendência à troca da natureza humana por uma que parte do princípio das necessidades criadas pelo ser humano moderno. Nós estamos lutando contra essas forças, porque elas já estão acontecendo de uma forma ou outra”.

Jorge afirma que a intenção da Associação Cambará, caso ganhe o processo, é permanecer com as mesmas atividades no



Sítio. Mas, segundo ele, a torcida ainda é de que um acordo seja fechado, no qual Paulo Cabrera continue com a Bioloja, a padaria, a sede onde mora e dois hectares de terra mediante o pagamento das mensalidades à Aitiara. O restante voltaria às mãos da Associação Cambará e seriam designadas a outros administradores. “Queremos que os objetivos da Cambará voltem a ser cumpridos”.



*Terceira parte: Quem somos*  
*Os moradores*



## A primeira entrevista

A esperada hora da largada de um trabalho é sempre um desafio: criam-se expectativas e o frio na barriga inevitavelmente aparece. A ansiedade e a pressa em começar o quanto antes me levaram cedo à casa de Celso Pazzanese, o Pôla, e sua mulher, Silvia Sasaoka. Nesta primeira vez em que fui ao bairro sozinha pude sentir de cara o clima do lugar: o caminho de terra dentro do condomínio Santa Rita cercava-se por um mato alto e aparentemente virgem, relegando o carro a um mero intruso na paisagem. Encontrei o portão da casa aberto e convidativo; não havia campainha e a porta estava destrancada. A tentação é entrar logo na sala e soltar um “oi”, mas resisti e bati palmas.

Achei também que teria muito mais dificuldade em encontrar a residência. Ao telefone, o Pôla me passou um mapa detalhado de como chegar – como disse, era minha primeira vez sozinha no bairro e nunca fui uma bela conhecedora de seus caminhos – que, no fim, foi um exagero. “Siga as placas” pode ser o lema para um visitante de primeira viagem no bairro; siga as placas e, com certeza, você chega aonde quiser. Quando me aproximei do local da entrevista, com o quase inútil mapa a tiracolo dentro do carro, mais ou menos pude identificar a residência por algumas fotos da internet. Pôla é arquiteto e desenhou o modelo de sua casa, a qual batizou de 14bis. Eu, leiga que sou, não enxerguei semelhança com o avião projetado por Santos Dumont, mas um amigo do arquiteto, Antonio Kehl, ao ver os esboços da estrutura de madeira, logo associou o projeto ao avião. E assim ficou.

Segundo Pôla, o projeto da 14bis tinha como objetivo provar ser possível morar em um local ambientalmente adequado (ele prefere esse termo ao jargão “casa ecológica”) e, ao mesmo tempo, com uma estrutura habitável. E sem as pessoas perceberem isso. Nas palavras dele, a construção se finalizou com ares de nipo-caipira, decerto uma influência de sua esposa Silvia, descendente de japoneses. Do lado de fora há uma horta, um lago de contenção pluvial e muito, muito da paisagem original do ter-

reno, já que a intenção era interferir o mínimo possível no estado natural do lugar.

Enfim entrei! E por um dos meus cômodos preferidos de qualquer casa: a cozinha. O ambiente interno, por si só, já chamou a atenção. Quase tudo de madeira (diga-se reflorestada), espaços largos e iluminados, nada de portas entre os cômodos e, sim, um cantinho japonês no andar de cima – e isso significa: “tire os sapatos para subir”. Lá aconteceu a entrevista com o Pôla. Bem à vontade, ele conversou comigo por uma hora enquanto fumava, seguidamente, seus cigarros.

A questão da casa não foi o primeiro assunto, mas durante a conversa o arquiteto me deu mais detalhes admiráveis da residência de características ecológicas e material moderno. Toda a madeira, especificamente eucalipto “de primeira qualidade”, usada na construção foi adquirida em uma granja da própria cidade. Assim como as peças metálicas. “Essa barra aqui”, ele me aponta, “é feita em Botucatu”. Todo orgulhoso. Mais do que uma prova sobre o conceito de ambientalmente adequado, a 14bis é uma homenagem à capacidade de produção de Botucatu. Homenagem só não maior do que o amor demonstrado por Pôla pela cidade, a qual se desdobra em elogios desde a primeira pergunta.

“A cidade é muito educada, com qualidade de vida excelente, oferta de serviços superlegal. Uma cidade com uma sinfônica é coisa de primeiro mundo, de Europa mesmo!” (pausa: ele estava realmente admirado com a orquestra sinfônica. Até chegou a projetar um mapa comparativo entre Botucatu e São Paulo no qual, fazendo uma circunferência de mesmo raio com o eixo no centro de cada cidade e considerando o interior do círculo, Botucatu não ficava atrás em oferta nenhuma de serviço ou cultura. Interessante... Voltando!) “O município é um exemplo de desenvolvimento local integrado: tem indústria, tem universidade, preservação cultural e da natureza, um desenvolvimento de primeiro nível. Aí, foi ficando fácil, bem mais fácil ficar aqui do que em São Paulo”.

A decisão de se mudar de São Paulo para a Demétria surpreendeu o próprio arquiteto. Ele não achava ser capaz de abandonar as raízes “paulistanas asfálticas”. Pôla se imaginava na

velhice – não que 52 anos seja isso – morando em uma praia. O processo que o levou a fazer a mudança definitiva teve início bem antes de Sílvia e Pôla serem um casal. Na verdade, foi Sílvia quem começou o processo todo.

Sílvia visitou o bairro pela primeira vez em 1989, quando trabalhava como professora. Ela me conta, enquanto espreme um dente de alho em utensílios rústicos de cozinha, que em busca de maiores conhecimentos em pedagogia e por indicação de Uteh Kramer, fundadora da Fundação Monte Azul (um projeto bem legal, reconhecido nacionalmente, que aplica conceitos da Antroposofia em uma favela de São Paulo), ela passou duas noites na Demétria para participar de cursos e palestras. A partir daí, “tudo começou a fazer sentido”: Sílvia resolveu estudar a fundo pedagogia, fez estágio na Fundação Monte Azul e, unindo dois desejos – o de sair da sua comunidade japonesa e o de estudar seus filhos, Thomas e Pablo, em uma escola com pedagogia Waldorf – ela iniciou os preparativos para a vinda da família ao bairro, concretizada em 1992. “Meus pais puderam comprar um terreno e construir uma casa. Quando cheguei, já vim com a residência pronta, um estágio certo na Aitiara e as vagas na escola para meus filhos”. A adaptação não foi fácil. Tudo era bem diferente da comunidade japonesa, localizada no estado de São Paulo, mais para os lados de Mato Grosso. A Demétria, nessa época, tinha umas 70 pessoas (ou 70 famílias?), “não lembro, mas eram pouquíssimas pessoas”, quase nenhum condomínio, nenhuma casa com cerca, um bom tanto de eucaliptos... E muitos moradores estrangeiros, o que ajudou Sílvia a se sentir bem ali. “Mas era uma comunidade agrícola e ligada à escola, com uma cultura bastante européia. A família se recolhia no final da tarde, jantava e dormia, enquanto pra mim, que tinha vindo de uma comunidade agitada socialmente, foi bem difícil e solitário”. Ela entende esse período como uma transição para sua ida à cidade de São Paulo, onde morou até seu retorno, em 2007.

Quando Sílvia e Pôla começaram a namorar, no final de 2003, o contato dela com os moradores da Demétria não havia acabado. Todo ano, pelo menos uma vez, ela voltava para rever os amigos. “Na virada de ano de 2004 para 2005, eu falei para o Pôla:

'queria que você conhecesse o lugar onde morei, não sei se tem a ver com você, mas queria'. E pra minha surpresa ele gostou!'. Os dois alugaram uma segunda casa e começaram a frequentar o bairro mais regularmente. Então os dias viravam fins de semana e os fins de semana duravam cada vez mais, até o próprio arquiteto propor a mudança. "Eu pensei, puxa, eu topo!". Apesar de não ter dado certo anteriormente, Sílvia sempre se identificou com alguns aspectos da vida na Demétria, como essa coisa de comer o que se planta, tomar o leite da vaca ali do lado, o pão que a vizinha faz, ir aos lugares de bicicleta, resumindo, uma vida saudável, segundo ela.

Na época da mudança – remudança no caso de Sílvia – chegou a notícia ao casal de um novo condomínio em formação, o Santa Rita, e, antes mesmo de feita a divisão dos lotes da antiga fazenda que ocupava o local, Sílvia e Pôla já abraçaram a proposta. O preço da compra foi praticamente de custo, só teve um extra para pagar o trabalho dos organizadores do projeto, sem "lucro ou mais valia. Foi uma ação comunitária", fala Pôla. Para ele, a boa aceitação da idéia, que em pouco tempo ("coisa de três meses") já estava concretizada, foi uma surpresa, não só pelo preço, mas pela proposta ecológica. No condomínio Santa Rita, 40% de sua área é reservada para proteção ambiental e recuperação de fauna e flora, assim como 20% de cada lote. São exigências estabelecidas por norma em estatuto, assim como a proibição de cercar as casas (está aí a razão do portão aberto quando cheguei) para possibilitar a livre circulação da microfauna. O interessante é que, no início do bairro Demétria, essas medidas eram comuns, até rotineiras, e se diluíram a partir do crescimento do bairro. "Com a cultura urbana, a pessoa naturalmente vai ficando mais individualista. Não podia ter cachorro, mas aí vem um, vem outro, uma mulher que mora sozinha, quer colocar cerca senão o cachorro invade o terreno do vizinho...", é a explicação de Pôla.

A invasão da cidade grande ao bairro é um dos assuntos correntes entre os moradores, claro que não nesses termos: invasão, cidade grande, como algo a ser evitado. Mas gera discussões. Antes mesmo de Pôla e Sílvia voltarem à Demétria, já havia um movimento de migração contrário de São Paulo para lá. Pôla ex-



plica que, com a internet, a vida de prestadores de serviço no interior ficou bem mais fácil, “tem gente que vai toda semana pra São Paulo, mas trabalha aqui”. Ele mesmo, na época da entrevista, estava prestando consultoria para um projeto em Juiz de Fora, em Minas Gerais, tudo pela internet. Essa facilidade atraiu um tanto de gente interessada na qualidade de vida oferecida pelo bairro, mas não necessariamente vinculada a sua história e origens. Esses novos moradores acabaram trazendo uma mentalidade urbana até demais para os padrões rurbanos da Demétria. Pôla foi quem colocou esse termo rurbano para denominar as características do bairro, fazendo questão de participar ativamente de discussões online, tais como a sobre asfaltar ou não as vias de acesso. “Mas essas mudanças têm sido engraçadas, porque graças a elas ficou mais claro pra todo mundo a condição com a qual a gente vive aqui”. Pelo que senti no tempo que estive com o casal, eles têm a condição bem clara desde o início de sua história com a Demétria, e é justamente ela o motivo de eles permanecerem por lá.

Hoje, Pôla continua seu trabalho com arquitetura e até palpita em alguma coisa da área urbanística do bairro. Sílvia é empresária cultural e desenvolve projetos e consultorias sobre artesanato para comunidades de todo o Brasil, além de se dedicar ao seu espaço Tudo à Mão, ateliê localizado em Botucatu que vincula trabalhos manuais a design e moda. Troquei bastante informação com Sílvia em relação ao ateliê, pois ele é interessante para uma estagiária de revista sobre moda e tendências. Recebo e-mails com releases do Tudo à Mão até hoje.

Despeço-me do casal depois de um bom tempo abusando de sua hospitalidade. Na hora de ir embora e durante a entrevista com Sílvia, ela se envolvia nos preparos do almoço – coisa de mulher, fazer várias coisas ao mesmo tempo. O sol manso da manhã já ardia a pino e meu caminho de volta ia se mostrando com a sensação de primeiro dever cumprido. Não durou tanto a sensação: ao chegar à porteira do condomínio, não é que estava trancada? Antes do que imaginava, voltei à residência para pedir que alguém abrisse para mim – e ficar manobrando o carro em estrada de terra estreita não é a coisa mais agradável do mundo,

mas tudo bem. O filho mais velho de Sílvia, Thomas, fez o favor. Um detalhe, ele é meu quase colega de faculdade, pois cursou administração na UNESP de Araraquara. Porteira aberta, carro de novo na estrada de terra. Aí, sim, o dia das primeiras entrevistas acabou.

### **Duas histórias extras**

Sobre os filhos de Sílvia, só para compartilhar coisas que parecem irrelevantes ao fluxo da história, mas interessantes para uma jornalista. Criança sempre solta umas, é fato. No primeiro período de Sílvia na Demétria, lá por 1993, a adaptação também foi estranha para Pablo e Thomas, de apenas dez e sete anos na época, respectivamente. Os dois meninos cresceram acostumados com a convivência só ao lado de gente de olho puxado na comunidade japonesa, falavam a língua e tudo o mais. O mundo das crianças era asiático. Chegaram ao bairro e todos eram loiros? Claro que o apelido do caçula, Thomas, logo ficou “japonês”. Sílvia conta: “um dia ele olhou no espelho e disse ‘não sei por que me chamam de japonês, eu não tenho cara de japonês!’”. Observação digna.

A segunda é que Thomas, o meu colega de UNESP já formado, estava fazendo um intercâmbio no Japão e voltou apenas dois – dois! – dias antes do terremoto monstro que assolou o país. Agora, ele pensa em voltar. Pablo atualmente está em um intercâmbio em Portugal e a filha de Pôla, Lorena, estuda Artes Visuais na Argentina.

## Os pioneiros: um almoço a lá Demétria

Em um universo de cerca de 800 moradores, quais pessoas deveriam ser, impreterivelmente, entrevistadas? De quais delas a falta seria um erro tão grave a ponto de comprometer todo o trabalho? Estas eram perguntas que, apesar do frio na barriga, eu precisava responder para dar início a este livro. Tinha claro que jamais conseguiria entrar em contato com todos os habitantes do bairro Demétria, sequer a metade, nem um terço! Mas, em se tratando do objetivo de registrar sua história, cheguei a três nomes extremamente importantes e essenciais: Marco Bertalot Bay, Jorge Blaich e Eldbjorg Blaich. Os três estiveram presentes no início do bairro, em 1974, acompanharam sua idealização e desenvolvimento e cumpriram – e cumprem – papéis centrais em sua dinâmica até hoje. Entre outros, são eles os nossos pioneiros.

Marco Bertalot Bay, o primeiro nome de minha lista, foi também o mais difícil de ser encontrado. Ocupado organizando e participando de eventos nos finais de semana e feriados, consegui marcar nosso encontro após uns bons dois meses de insistência. Como disse, ele é um dos pioneiros, não cogitava desistir. Ainda assim, ficou agendado para o horário do almoço – vai ver, Marco já mataria dois coelhos com uma cajadada só. Cheguei por volta das 11 e meia da manhã na Casa Somé, restaurante e pousada localizada na Demétria, e aguardei sua vinda. Por uma foto da internet, reconheci o senhor de cabelos brancos, alto e de porte altivo. Cumprimentou quase todos os presentes no restaurante. Dirigimo-nos para pegar a comida e fazer a entrevista durante a refeição – o complicado seria mastigar e falar, mas vamos lá! O cardápio self service tinha a cara da Demétria: bastante salada, arroz, feijão, duas tortas de recheio diferentes e um creme (de abóbora? Não peguei). O suco cada um se serve sozinho em canecas de porcelana e, assim, não se desperdiça copo plástico, dedução óbvia. Mesas retangulares estão espalhadas pelo refeitório amplo e escolho uma no fundo do salão, para não ter problemas com barulho. Começamos a entrevista – e o almoço.

Marco já nasceu um cidadão do mundo. Seu pai era italiano e sua mãe suíça. Tiveram o filho no Uruguai. Firmando a vida da família no Brasil, o pequeno foi naturalizado brasileiro. Ele cresceu na cidade de São Paulo e estudou em uma escola Waldorf da capital, a mesma de Jorge Blaich, amigo desde essa época. Ambos compartilharam a vivência da Antroposofia da infância até sempre, e aprenderam a admirá-la dentro de casa. Juntos, decidiram viajar à Europa para conhecer de perto a agricultura biodinâmica, ainda em seus primórdios no Brasil. Os dois não haviam nem terminado o colegial. “A gente estava naquela idade, com 16 anos, trabalhando no navio pra ganhar a passagem, um pouco à procura de aventura. Fomos pra Holanda primeiro, fiquei uns dois anos lá. Trabalhei mais em horta e cuidando de pessoas excepcionais. Depois, fui pra Suíça, onde trabalhei um ano e meio em uma fazenda”. Da Holanda para Suíça, Marco foi sozinho, enquanto Jorge seguiu outro rumo. Antes de se separarem, os dois formaram um grupo forte de jovens interessados em desenvolver a terra com inspirações antroposóficas em outras partes do mundo. “Estávamos com uma turma de pessoas, namorada de um, companheira de outro, amigos que tinham essa ideia de fazer alguma coisa nesse sentido”. Ele foi o primeiro a voltar a seu país de origem, enquanto o restante do grupo permaneceu na Europa.

A experiência adquirida com agricultura biodinâmica não demorou a colher frutos. Os irmãos Schmidt, donos da empresa Giroflex e fundadores da Associação Beneficente Tobias, tinham grande interesse em iniciar um trabalho nesta área agrícola no país. Quando souberam do grupo do qual Marco fazia parte, tão entusiasmado em começar algo novo, logo chamaram o jovem para executar a procura por um local ideal. “Eles, vamos dizer, me pagavam pra fazer isso. Eu tinha alguma experiência com agricultura biodinâmica na Europa e eles queriam que fosse feito dessa maneira. Mas a gente começou com pouco conhecimento em agricultura para as condições locais daqui”. A ABT finalmente comprou as terras da Fazenda Demétria e o grupo, que ainda estava na Europa, foi retornando aos poucos direto para Botucatu, a fim de assumir as responsabilidades do cultivo biodinâmico, em meados de 1974. O trabalho duro não deu folga aos recém-chegados.

“Foi muito difícil. A gente pode dizer que os sete, oito primeiros anos foram muito difíceis. Por exemplo, o Jorge é casado com uma norueguesa. Imagine você vir para o Brasil, sem a vovó, sem a família, sem telefone, foi bem difícil mesmo”. Depois de repetir a palavra difícil por várias e expressivas vezes, Marco conta que, somados à adaptação sofrida, estavam os problemas econômicos. A estância demorou a se estabilizar financeiramente e quem pagava eram aqueles envolvidos na lida diária de sua terra e de sua estrutura física. Marco, com a cabeça voltada mais para a área socioeconômica da iniciativa – e nem tanto nos seus afazeres pesados – decidiu deixar o grupo inicial, pelo menos por um momento. “Eu fiquei um pouco mais de um ano e saí pra fazer economia na Unicamp. Eu continuei freqüentando. Vim até com colegas da faculdade pra plantar árvores, porque sempre achei que ia manter um contato ou até voltar, não que fosse certo, mas acabou acontecendo”.

A previsão se concretizou. Demorou cerca de dez anos, mas, ainda assim, estava certa. Mais maduro e com família formada, o então economista foi chamado novamente para desenvolver uma iniciativa, desta vez já com o bairro em pleno funcionamento. “Fui convidado de novo pelos mesmos irmãos pra ajudar a montar a Associação Biodinâmica. A minha parte foi mais a formação de cursos e desenvolvimento rural”. Marco começou os estudos em São Paulo, onde morava. Depois, resolveu alugar uma casa na cidade e, assim, ficar mais próximo do trabalho. Até o chamado às raízes prevalecer em 1985, quando ele comprou um terreno no segundo condomínio de moradores da Demétria, o Aldeia. Ao seu lado vieram sua ex-mulher, Maria José Bertalot, e suas filhas gêmeas, Ana Gloria e Verônica Izabel (hoje, as duas estão com 27 anos e morando na Suíça. Marco, agora aos 58 anos, é casado com Rosemaire Montevani, também economista e diretora administrativa do Instituto Elo). O chefe da família pôde assumir um cargo na recente Associação Biodinâmica, enquanto se dedicava a estudos na área de economia associativa.

Sem nenhuma surpresa, o tema da sua dissertação de mestrado, defendida também pela Unicamp, foi algumas peculiaridades do bairro onde mora desde a mudança definitiva na década

de 80. O Marco pesquisador nota e escreve sobre duas tendências presentes na Demétria contrárias ao fluxo normal no Brasil: o êxodo rural e a desertificação. Ele explica que, no local específico, as pessoas saem da cidade para morar no campo e se mobilizam para arborizar espaços antes com características de deserto. “A gente olhava aqui e via o pôr do sol. Agora não vê mais, porque está cheio de árvore. E alguma coisa atraiu as pessoas pra cá. A maioria saiu da loucura de São Paulo. São problemas mundiais as questões social e ambiental e a visão de mundo que mudou essa tendência”. A tendência a que se refere é tratar a terra apenas como um meio de se ganhar dinheiro e o ser humano como um objeto ou mera peça. “A gente precisa captar a realidade de uma forma mais ampla, e está aí a Antroposofia, um caminho científico pra entender isso”.

Acompanhando o bairro desde sua fundação, Marco acredita que a ciência espiritual fundada por Rudolf Steiner se fez a fonte de inspiração da Demétria, marcando-a de forma significativa no jeito como seu desenvolvimento foi conduzido. “Não que todos sejam antropósofos, mas, se você perguntar, os moradores vão dizer que a Antroposofia parece ser uma coisa preponderante. Aqui não é uma colônia ou um quisto social, onde tem teste pra entrar, não! Mas é um bairro onde, por acaso, predomina uma visão de mundo que propiciou um desenvolvimento característico”.

Perguntei a ele se acreditava que a Demétria daria certo em outro lugar e sem o apoio da Antroposofia, ao que responde convicto. “Dependendo das pessoas, sim. Mas seria totalmente diferente por causa delas”. Marco fez parte dessas pessoas que levaram o bairro até onde está hoje e tem plena consciência de sua participação no processo desde o começo. Voltando a 1974, a realidade atual seria apenas um sonho. “A gente não sabia no que ia dar, tínhamos um sonho, mas se você me diz que eu imaginava isso aqui? Não, eu, esse grupo, só sonhávamos com algo parecido! Mas aconteceu como aconteceu”. No caminho cheio de tropeços, lições e, sobretudo, união, o pioneiro vê muitos acertos realizados e coisas ainda a serem melhoradas. Um dos maiores êxitos, para ele, está no ponto de vista ambiental, onde toda a

paisagem da antiga fazenda foi reconstruída de maneira harmônica, sustentável e bela.

“Já no quesito social, a gente tem que aprender muito ainda. Viemos da cidade grande e nem sabemos nos relacionar direito, é uma oportunidade”. O economista enxerga a convivência sempre como um grande aprendizado e o maior desafio, desde que guiada por seus aspectos positivos. Conviver, segundo Marco, é uma luta em nível espiritual e mental. “E uma guerra nesses níveis é saudável”. São essas batalhas que o mantém no bairro por quase 30 anos. “Eu gosto de estar aqui não porque todo mundo me adora e me dou bem com todos. É porque aqui eu sou ajudado a ficar acordado, a perceber a vida como ela é, a não me acomodar. Aqui, se você deu uma pisada de bola, tem alguém dando uma sacudida”.

O pioneiro aprendeu a viver com essas sacudidas amigáveis e, atribulado com suas atividades como diretor do Instituto Elo e pesquisador no tema de economia associativa, Marco pode ter dúvidas de uma porção de coisas, menos de que seu coração pertence ao bairro que ajudou a construir. “Não me vejo morando em outro lugar. Às vezes eu tenho vontade de fugir, mas só um pouquinho, porque sei que meu lugar é aqui”.

Depois de tanto tempo para finalmente realizar a entrevista, Marco sai satisfeito com a conversa – e espera ver o trabalho pronto. Ainda entrei em contato com ele algumas outras vezes, e, quem sabe, outras virão. Despedimos-nos ao pagar a refeição na Casa Somé, já fechando o expediente, não sem antes retirar os pratos da mesa, raspar o resto de comida no lixo e levá-lo a um balcão, com acesso direto à cozinha. De sobremesa, uma mexerica de graça, fruta da estação. O seu cheiro fica impregnado no meu carro por alguns dias, assim como tudo o que ouvi naquele almoço bem demetriano.

### **Desmitificando alguns pontos**

Existe uma dúvida em algumas pessoas de Botucatu em relação ao sustento econômico dos moradores da Demétria. Por existir muitos supostos estrangeiros envolvidos em atividades que, aparentemente, não dão tanto lucro (dança, massagens, ar-

tes, projetos sociais) e, mesmo assim, possuir um padrão de vida elevado, há um pensamento comum de que os habitantes do bairro recebem subsídios ou financiamentos do exterior, principalmente “daqueles alemães lá”. Ninguém melhor do que Marco para clarear essa questão. E sua resposta ao dilema não foi nem de longe a esperada. “O poder aquisitivo é mais baixo do que as pessoas imaginam e eu tenho uma explicação pra isso. Muitos mudaram pra cá e venderam uma casa em São Paulo com um valor grande e puderam construir quase que sua casa dos sonhos. Acho que alguns até exageraram na construção. Eu conheço um casal de velhinhos que mora sozinho em uma casa de 400 metros! Então, não que o poder aquisitivo seja baixo, mas é menor do que as pessoas pensam. Agora, subsídio de fora não tem. Por exemplo, a casa do Instituto Elo foi doada por uma fundação, mas não existe uma organização antropológica financiando sempre. Muito pelo contrário, eles são críticos e o projeto tem que ser bom pra conseguir financiamento. As pessoas que vieram pra cá e já tinham esses contatos abriram algumas possibilidades”. Entendido?



## Os pioneiros: na feira orgânica

Adoro feiras livres. Odeio acordar cedo. Resultado: não vou a esses lugares tanto quanto gostaria. Só sou perdoada porque consumo as verduras sem agrotóxicos compradas pela minha madrinha. Aos sábados de manhã, ocorre uma dessas feiras orgânicas no Espaço Cultural de Botucatu, localizado no centro da cidade. Não é tão grande quanto outras que ocorrem pelo município, com o típico pastel e tudo o mais. Na verdade, são poucas barraquinhas nas quais feirantes, alguns vindos da Demétria, vendem seus produtos naturais como hortaliças, legumes, queijo, iogurte, biscoitos e pães integrais. Iria me encontrar com Jorge Blaich às oito da manhã nesta feira, o primeiro – e único – encontro realizado fora do bairro.

Esperei por um tempo entre os compradores, que chegavam de um em um e sem nenhuma pressa, até visualizar um senhor de cabelos brancos, alto, com olhos extremamente claros. Devia ser ele. E estava certa. Aproximei-me e, um pouco tímido, Jorge me pediu para aguardá-lo por uns segundos. Fez suas compras, conversou com os feirantes, guardou as sacolas no carro e, aí sim, nos dirigimos a um banco de jardim do Espaço Cultural, onde nos acomodamos para a entrevista. À nossa frente, a avenida principal de Botucatu, ainda sem movimento.

Como suas feições não fazem questão de esconder, Jorge nasceu na Alemanha. Ainda assim, sua nacionalidade brasileira consegue falar mais alto, já que veio do país com poucos anos de vida. Seu pai Erich Blaich decidiu se mudar para o Brasil em 1952 e, no ano seguinte, desembarcavam no porto de Santos sua mulher, Margarete Steudle, e os três filhos, entre eles o pequeno Jorge. O garoto foi criado em São Paulo, onde o pai trabalhou como ourives e com fabricação de relógios no bairro de Santo Amaro, até ser convidado a dar aulas de desenho e trabalhos manuais na então recente Escola Rudolf Steiner de São Paulo. A família, já ligada à Antroposofia desde a Europa, se aprofundou ainda mais na pedagogia Waldorf – Erich Blaich lecionou em es-

colas Waldorf por 24 anos, até se aposentar. Jorge começou seus estudos no colégio, onde alimentou o desejo de ser agricultor.

Aos 17 anos, seguindo os passos do amigo Marco Bertalot Bay, o jovem partiu em busca de estudos sobre agricultura alternativa no exterior. O destino escolhido foi a Holanda, onde Marco tinha parentes. “Fui pra lá, fiz essa formação e, enquanto eu estava na Holanda, formei um grupo. Na verdade, foi uma namorada minha daquela época... Nós formamos um grupo para, depois, vir ao Brasil e montar uma fazenda biodinâmica com alguma atividade social”. Os planos para o futuro, compartilhados por Marco e por todas essas pessoas envolvidas no estudo da agricultura biodinâmica, vieram da observação das experiências bem-sucedidas do próprio local onde estudavam. “Vendo a metodologia deles e os trabalhos sociais com os quais a gente conviveu, um tipo de trabalho comunitário com crianças e adultos excepcionais, achamos que deveríamos fazer algo assim no Brasil também”. O grupo, bastante unido, ainda não tinha convicções se deveria trabalhar necessariamente com pessoas excepcionais, mas, sim, com a carência mais gritante que encontrassem no país.

Terminada a etapa de estudos na Holanda, os jovens, decididos a não se separarem, seguiram para a Escócia, onde mais pessoas se juntaram ao círculo de amigos. Nessa época, Marco já havia retornado ao Brasil e procurara alguns industriais para expor as ideias da prática de agricultura biodinâmica. Um deles se identificou com o projeto. Pedro Schmidt, ligado à Giroflex, propôs a compra de uma fazenda na qual o grupo antroposófico pudesse dar início aos seus trabalhos e seus sonhos. “O Marco escolheu a fazenda e dois ou três meses depois da compra eu vim, nem terminei a formação com pressa de vir e aí iniciamos o trabalho da Estância Demétria”. Junto a eles, o grupo europeu não hesitou em se aventurar na iniciativa pioneira.

Tendo de lidar com o solo ruim, a adaptação às novas condições de vida e os recursos limitados do local, Jorge se lembra dos primeiros anos em Botucatu. “O começo foi desbravando a fazenda mesmo, porque havia pastagens péssimas, era uma atividade de extração de leite, de produção de leite extrativista”. O pioneiro se lembra de que ninguém possuía carro, ir à cidade em

busca de serviços básicos se tornava um martírio e a produção da fazenda ainda era pequena. Com o esforço das pessoas, Jorge viu essa realidade mudar ano a ano. Ele recita orgulhoso alguns números referentes à Fazenda, na data em que saiu de sua administração, em 1998. “Quando eu entreguei a administração da Fazenda Demétria, ela tinha por volta de 100 funcionários, 30 hectares irrigados, 15 de olicultura, verduras e legumes, e 15 de ervas medicinais, fora o de gado de leite e outras atividades”.

Jorge deixa claro que o trabalho administrativo feito nestes 24 anos em que foi, oficialmente, o administrador da fazenda, era feito em conjunto com outros pioneiros do bairro. “Éramos sempre um grupo: eu, o Marco antes de sair estudar, os jovens da Europa... Minha esposa Eldbjorg também veio, a gente casou, teve filhos e é importante mencionar Dieter e Annemarie Pfister, que, depois de meio ano que nós iniciamos a Demétria, acabaram se casando”. Os dois casais, reunidos pelo destino ainda na Europa, se firmaram como as pessoas centrais do início do bairro e cada um se dedicava a um impulso diferente dentro da iniciativa. Após mais ou menos três anos de cuidados só com a agricultura, acreditavam ter chego a hora de começar os trabalhos sociais. Mas, quem seriam os atendidos? “Definimos que seriam os funcionários, o povo brasileiro que estava lá com a gente trabalhando. Muitos deles vieram em condições de vida bem humilde e com o tempo se desenvolveram”. Segundo Jorge, cada funcionário recebia uma casa no bairro, sem diferenças com as dos pioneiros, e recebiam condições de trabalhar para a Fazenda Demétria e para seu próprio sustento. “Hoje, que eu me lembre, todos os funcionários que tinham cargo de responsabilidade têm carro, alguns seu próprio negócio. Porque, desde o início, queríamos dar condições evolutivas dignas para eles”. Um desses ex-funcionários estava na feira do Espaço Cultural, vendendo seus produtos.

Jorge conta também da iniciativa dos amigos. Annemarie Pfister fundou o Lar Morro Pitanga, hoje chamado Lar Arco Íris, pertencente à Comunidade dos Cristãos da Demétria, a fim de atender menores abandonados. Eram cerca de dez a quinze crianças órfãs, vindas de outra iniciativa parceira localizada em

uma favela em Santo Amaro, em São Paulo. Já sua esposa, El-dbjorg, fundou a escola Aitiara. “E hoje está aí, como uma das atividades mais centrais da Demétria”.

Com cinco filhos já crescidos (Sílie Maria, Olavo Antônio, Andreas, Cristof e Laura) e uma esposa Norueguesa, em 1998 chegou o momento de Jorge cumprir um antigo combinado. “Nós tínhamos um acordo que ficaríamos dez anos no Brasil, ficamos 24! E que depois iríamos morar três anos na Noruega, pra dar oportunidade aos nossos filhos de viverem em outro país”. O quase 100% alemão entregou a administração da Demétria e partiu, mas não resistiu por muito tempo permanecer tão longe. Ao voltar ao Brasil, não teve dúvidas de que pertencia à Demétria, um sonho realizado. “Dentro do nosso trabalho em grupo, a gente tinha o objetivo de criar um bairro, sim, desde o começo. Já idealizamos muita coisa do que aconteceu, por incrível que pareça!”. De certa forma, Jorge conclui que o bairro não aconteceu por acaso. Tanto que, ainda nos primeiros anos, os pioneiros, em parceria com a Associação Beneficente Tobias, contrataram um consultor interno para estabelecer metas, objetivos e ideais sem brigas. Tudo foi cumprido à risca, segundo ele. “Se a gente os lê hoje é exatamente o que aconteceu, nitidamente”.

Ele me conta que, entre os objetivos iniciais, estavam o trabalho com a agricultura biodinâmica e seu incentivo não só na fazenda, mas entre vizinhos e parceiros, o desenvolvimento da redondeza e a possibilidade de promover um relacionamento mais humano, além de tornar a Demétria uma referência de convivência e local harmonioso. “Nosso objetivo é realmente ser um exemplo e fazer da melhor maneira possível na parte da conservação do meio ambiente, do respeito ao ser humano, da educação e também da convivência. Agora, isso nem sempre é perfeito, longe disso, tem os seus problemas”.

Muito mais do que um local com vocação à prática da agricultura biodinâmica, Jorge enxerga justamente nesses impulsos sociais e culturais, às vezes tão cheio de obstáculos e superações, o ponto forte da Demétria. “É esse impulso que você está vendo de crescimento e desenvolvimento, de respeito ao ser humano e à natureza. É difícil dizer como será, mas vai sempre atrair ini-

ciativas nessa direção, que pensam e agem dessa forma. Essa é minha esperança". Esperança que ainda o segura, com seus 58 anos, à Demétria de forma ativa.

Hoje, Jorge é membro da diretoria da Associação Cambará, dona do Sítio Bahia e da empresa de distribuição de verduras orgânicas Alvorada Verduras, além de consultor do Grupo Centroflora, produtor de extratos vegetais para indústrias farmacêuticas, de cosméticos e alimentícia. Um dos atendidos é a Natura. Ainda lhe sobra tempo para me conceder uma entrevista em pleno sábado!

As lojas da Avenida Dom Lúcio começam a abrir e me dão o sinal de que o tempo passou voando. O sol estava ficando forte e os olhos claros de Jorge já estavam sofrendo com a luminosidade. Hora de ir embora. Despeço-me do pioneiro, mas não demoro a retornar o contato. Um tempo depois, disquei o mesmo número de seu telefone, dessa vez, gostaria de falar com sua esposa, Eldbjorg. Mas isso foi outro dia.

### Um fora

O nome de Erich Otto Blaich, pai de Jorge, é conhecido entre os antropósofos brasileiros e também esteve envolvido no desenvolvimento da Demétria – com seus trabalhos artísticos, foi um grande financiador da Aitiara por anos. Inevitável procurar algo a seu respeito e perguntar sobre ele para meu entrevistado. O que eu não sabia era que, infelizmente, Erich havia falecido duas semanas antes de meu encontro com Jorge. O clima pesou por alguns segundos, mas o pioneiro embarcou na minha desviada de assunto. Fica aqui uma brevíssima biografia de Erich.

Nascido em 1919, na Alemanha, Erich Otto Blaich teve seu primeiro contato com a Antroposofia na Escola Superior de Arte e Ofício, onde também conheceu sua futura esposa Margarete Steudle. Sobreviveu a um chamado para a Segunda Guerra Mundial, na qual atuou como telegrafista do exército alemão e se tornou prisioneiro de guerra em uma mina de carvão nas proximidades da França. Com o fim do conflito, conseguiu retomar suas atividades e se casar com Margarete, com quem teve três filhos. Em 1952, mudou-se com a família para o Brasil, onde se

torna, posteriormente, professor da Escola Rudolf Steiner de São Paulo, tendo conseguido uma licença especial do governo, como estrangeiro, para exercer a licenciatura. Aposentou-se depois de 24 anos prestando serviços aos jovens antropósofos e, em meados da década de 80, saiu de São Paulo para morar no bairro Demétria, onde ajudou na fundação da Escola Aitiara e continuou seus trabalhos artísticos, principalmente quadros. Faleceu em 23 de abril de 2011.

## Os pioneiros: o tal nome impronunciável

Dois moradores da Demétria tinham me indicado Eldbjorg Blaich para falar sobre a escola Aitiara. Eu já havia entrevistado, acreditava, pessoas suficientes para realizar este trabalho. Mesmo assim, nos últimos minutos do segundo tempo resolvi tentar um encontro com ela. A voz da consciência foi maior e, querendo ou não, seria uma entrevistada de peso, afinal, a esposa de Jorge Blaich era a fundadora do único colégio localizado na Demétria. Não havia motivos para não ir atrás disso. Decisão tomada, veio a minha dificuldade: como pronunciar seu nome ao telefone? Chutei uma pronúncia, criei cara e coragem e liguei. Até fui corrigida por um de seus filhos que atendeu a ligação, mas a entrevista estava marcada.

O local escolhido para conhecer Eldbjorg não poderia ser melhor. A escola Aitiara. Já havia visitado o local em algumas de suas festas juninas e feiras de final de ano. As maiores lembranças são as canecas usadas para servir as bebidas, ao invés de copos descartáveis, e as danças típicas apresentadas pelos alunos, em especial uma com fitas, inédita nas festas juninas escolares as quais já frequentei. Bem bonitas as coreografias, por sinal.

A manhã de julho estava fria e Eldbjorg apareceu vestida de casaco de lã, cachecol vermelho e óculos de sol, decerto para proteger os olhos claros. Os cabelos brancos ao natural, mantidos em um corte médio. Entramos juntas pelo portão da escola, do qual a norueguesa possuía a chave. Achei que iríamos sentar em alguma sala, mas ela escolhe uma mesa ao ar livre, embaixo de algumas árvores. Tudo bem. Coloco o gravador no centro da mesa e faço as primeiras perguntas à sempre sorridente pioneira.

Nascida na Noruega, a jovem Eldbjorg Feste Blaich jamais imaginava morar no Brasil aos 61 anos. Antes de conhecer seu futuro marido, nem visitar o país distante estava em seus planos. O primeiro passo do destino que mudaria o rumo de sua vida ocorreu na mudança da Noruega para a Escócia, aos 23 anos. Sem formação antropológica, Eldbjorg teve contato com a filo-

sofia de Rudolf Steiner poucos anos antes e, estreitando seu envolvimento com a Antroposofia, decidiu partir de sua terra natal com o objetivo de cuidar de pessoas excepcionais no outro país. Lá, conheceu o, a seus olhos, idealista Jorge Blaich. “A grande meta, o sonho dele era voltar ao Brasil pra poder contribuir com algo no país, pra realizar a obra da vida dele aqui”.

Ela não diz, mas o amor entre eles foi arrebatador e decisivo, tanto que Eldbjorg não hesitou em partir para o Brasil seguindo o caminho de seu então namorado. “Nós decidimos que íamos nos casar no futuro e, pra mim, que era norueguesa e amava a minha pátria, não foi um passo fácil. Mas eu pensei ‘vou dar uma chance’, porque senti esse desejo ardente dele de poder contribuir com o Brasil”. Cerca de seis meses depois da partida de Jorge, a norueguesa embarcou em um navio (“enorme!”), o qual demorou três semanas em alto-mar até aportar no Rio de Janeiro. Já aí, um choque de realidades: o calor. “42 graus! Nunca tinha visto tanto calor! Na Noruega eu já tinha dificuldade, em um dia mais quente eu tinha vontade de entrar no porão, eu fugia do calor. Aí, eu pensei ‘ai, será que eu vou sobreviver a isso daqui?’”.

Ao chegar à Demétria, as provas continuaram. “Demorou pra eu gostar daqui pra valer, só mais depois que comecei a escola, porque eu via uma razão de estar aqui. E a língua, eu vim falando norueguês, inglês e alemão, mas a língua portuguesa era tão diferente! No começo, nós falávamos em inglês, então eu também demorei pra aprender o português, mais quando eu comecei na escola porque não tinha como não aprender”. Até concretizar a ideia da Aitiara, Eldbjorg passou por ocasiões que começaram a segurá-la no país e na fazenda. Uma delas foi seu casamento.

“O Jorge e eu nos casamos em uma igreja feita com bambu e folhas de coqueiro, de janelas de papel de seda colorida, aqui mesmo, no campo, no ponto mais alto. As cortinas eram de tecido azul. Depois saímos de charrete e cavalo, toda enfeitada de flores e com o meu cunhado na frente com o violino. O meu pai veio e como aqui não morava quase ninguém, estavam presentes pessoas da Associação Beneficente Tobias, os irmãos Schmidt, os pais do meu marido. Eu tinha 24 anos”. A primeira filha, Sílie,



nasceu no ano seguinte à cerimônia, sucedida por outros quatro filhos. Eles foram a razão da criação da Aitiara.

Com o intuito de atender aos filhos de funcionários e moradores, Eldbjorg decidiu montar uma escola com a pedagogia Waldorf no próprio bairro, em 1984. A iniciativa também cumpria a ação social almejada pelos pioneiros da Fazenda Demétria e, com a ajuda financeira da ABT e de doações da Europa, a então Escola de Campo Aitiara passou a receber crianças no jardim de infância e, logo depois, no primeiro ano do Ensino Fundamental. Sem formação específica, a norueguesa criadora do colégio não pensava em lecionar, mas, uma vez mais, o destino arregaçou suas mangas e mudou a direção da história.

Depois das duas professoras que iriam assumir as salas de jardim e primeiro ano desistirem do trabalho poucos meses antes de o ano letivo começar (“a primeira ficou três semanas fazendo estágio em uma escola Waldorf e voltou falando que nunca ia poder fazer aquilo, era um mundo completamente diferente! E a moça que tinha prometido pegar o jardim resolveu ir à Inglaterra porque o namorado estava lá e ela achava mais importante se juntar a ele”), Eldbjorg recebeu a visita de um professor alemão disposto a ajudar com o impasse. “E você? Por que você não assume uma sala? ele falou. Eu sempre tinha pensado em apoiar, mas não em dar aula. Eu já tinha quatro filhos, o último estava com 10 meses só. Eu falei: ‘olha, preciso pensar um pouco, porque eu acho difícil’. Eu dormi uma noite e no dia seguinte disse sim, assumi o primeiro ano”.

Demorou um tempo até acertar as coisas em casa, com os filhos pequenos e a rotina familiar, mas o esforço valeu a pena e deu um sentido à sua presença no país. “Eu gostava muito”. E estava tão certa sobre sua escolha que chegou a fazer um ano de formação pedagógica Waldorf na Noruega, entre 1987 e 1988. Depois de mais de duas décadas de dedicação profunda à escola, a sensação é de missão cumprida. “Eu acho que foi um desenvolvimento muito bom, eu sinto a qualidade do ensino cada vez mais sólida, estou muito contente. Hoje, o problema maior ainda são as finanças, mas vivemos quase 28 anos com essa dificuldade e deu pra sobreviver, então, acredito que seguimos em frente”.

Seguir em frente, é claro, mas sem deixar de ter uma ponta de saudade de tudo o que passou no bairro Demétria, seu lar desde a vinda da Noruega.

“Eu lembro bem da primeira vez em que uma pessoa passou aqui pela estrada do condomínio e não cumprimentou. E eu ‘ué, quem foi esse?’ (risadas) Agora é carro pra cá, carro pra lá. Se eu sinto falta do tempo antigo? É lógico que existia uma união muito maior, também com os trabalhadores, nós nos visitávamos mutuamente, participavam das nossas festas, hoje em dia também, mas é muita gente agora. Então certa saudade tem”.

Embora o sol esteja presente, o frio não dá trégua. Ao terminar a entrevista, caminhamos conversando amenidades até o carro de Eldbjorg. Pela primeira vez estava sem o meu próprio em uma visita ao bairro, meu pai me levara. Ela me oferece carona, a qual eu recuso. Queria andar um pouco a pé por ali, pelo menos até a entrada. Não foi surpresa encontrar o silêncio típico do campo, assim como a simpatia de seus moradores. Muitos com os quais cruzei, senão todos, cumprimentaram-me, mesmo eu sendo uma desconhecida. Chego à estrada que dá acesso ao bairro com apenas uma pendência: não tenho certeza se sei pronunciar corretamente o nome de Eldbjorg. Minha sorte: este trabalho é escrito, amém!

### **Um pequeno acidente**

A vida é cheia de “e se” e de verbos no futuro do pretérito. No meu caso, eu poderia ter estudado na Aitiara por anos a fio. Poderia. Quando o colégio ainda mantinha uma pequena filial na cidade, fui matriculada, com quatro anos, no seu jardim de infância. As recordações são vagas e embaçadas, mas visualizo um tanque de areia e minha turma moldando massa de pão. Também me lembro da minha mãe me levando à escola em um fatídico dia de dor de garganta. Eu estava tomando antibiótico em pó, que deveria ser diluído em água para formar a dose certa. Um dos horários da medicação batia com o período da escolinha. Por uma confusão, falta de comunicação ou descuido, uma das responsáveis pelas crianças me deu uma superdosagem do remédio, sem diluí-lo. Resultou em uma baita reação alérgica,

algumas semanas de injeção e uma intolerância à amoxicilina que carrego até hoje. E meus pais, sem briga nem ressentimentos, me tiraram da escola. Essa foi minha breve experiência como aluna da Aitiara. E se eu tivesse permanecido lá? Mais uma condicional adicionada à minha lista.

## A cigana do bairro

Este é um bom momento para falar sobre uma ajuda discreta, porém essencial que tive para encontrar os entrevistados formadores do conteúdo deste livro. Eu não tinha nenhum contato – é assim que jornalistas chamam amigos e conhecidos nas horas de desespero – no Bairro Demétria, ninguém para me abrir as portas de seus moradores. Minha família até conhecia algumas pessoas de lá, mas hesito em pedir ajuda pessoal nestes assuntos, parece o famoso Q.I: quem indicou. Fica tão fácil, sabe? Resolvi pesquisar na internet e encontrei o blog Alô, Bairro Demétria. Ele trata do cotidiano do local, traz reflexões, divulga trabalhos e eventos e é um verdadeiro espaço aberto de discussões para “moradores e amigos do bairro”, como ele próprio fala. Um de seus moderadores se chama Luiz Ribeiro e para ele preciso deixar meu agradecimento. Primeiro, por disponibilizar seu e-mail no site (tem gente que não gosta, vai que algum maluco encana com você?) e, segundo, por ser tão gentil e solícito na causa de uma desconhecida estudante de jornalismo. Caindo na história de que, na Demétria, todo mundo se conhece, Luiz ficou de me passar alguns – lá vem – contatos. Tentamos marcar um encontro ao vivo, mas ele estava atarefado e acabou me mandando uma lista com diversos nomes e telefones pela internet. Santa lista! Guardo-a impressa até hoje.

Aí, o impasse. Para quem ligar primeiro? Em uma lista com uns vinte nomes, alguns se sobressaíram para eu arriscar inicialmente. Mas não é com essa facilidade que as coisas funcionam: um equivalente jornalístico de amor não-correspondido são as ligações não atendidas. Pessoas que, embora queiramos tanto, nunca conseguimos contatar. Foram vários destes casos. O primeiro bem-sucedido (e registre pulos de alegria) foi com Maria Eduarda, uma “pessoa muito legal, ex-diretora da escola que pode falar bastante sobre ela”. Assim Luiz Ribeiro a descrevia. Com base nisso, cheguei a um dos desafios mais recorrentes da produção deste trabalho: montar uma entrevista com poucas informações

sobre o entrevistado. Sentia o medo de fazer perguntas estúpidas! A sorte é que, logo no começo dos encontros, os receios iam embora diante da simpatia da minha companhia do dia. Com Maria Eduarda Machado Mendes, 54 anos, paisagista em inatividade, não foi diferente (ah! Nome completo, idade e profissão eram dados obrigatórios para se anotar durante a conversa).

Encontrei-a na Bioloja em uma tarde de sábado. Logo nos sentamos em uma das mesas e ela pediu um chá. Sorridente, de passos calmos e fala mansa, Maria Eduarda se abriu comigo e contou sua história com a Demétria, começando por 1998, quando se mudou de São Paulo para lá. “Vim em um momento de saturação total. Ficava muito tempo no trânsito, não agüentava mais o estresse! Senti que me mudei na hora certa, porque não conseguiria agüentar e também não queria esse tipo de vida para meus filhos”. A preocupação em proporcionar uma educação livre às crianças foi um fator fundamental para Maria Eduarda e seu marido Antônio Queiroz optarem pela Demétria. Seus filhos João Gabriel, Ana Carolina e Maria Beatriz estavam em uma escola Waldorf na capital e a mãe coruja não queria abrir mão disso. As alternativas eram Botucatu e Florianópolis, em Santa Catarina. “A Demétria conciliava ser um bairro rural, praticar agricultura biodinâmica, a qual eu prezo muito, e ter uma escola Waldorf, então escolhi vir para cá. Também já a havia visitado na época da faculdade, tinha amigos aqui”. Essas amizades resultaram do seu primeiro contato com a Antroposofia, durante cursos de pedagogia social, quando ela ainda era “bem novinha” e aluna da turma de 73 de pedagogia da UNICAMP.

Entre uma visita e outra, antes mesmo da mudança, Maria Eduarda se tornou próxima dos primeiros moradores da então Estância Demétria e assistiu de perto à formação do local. Segundo ela me conta, por esse contato com a Antroposofia, acabou participando como ouvinte e até estimulado na construção do bairro. “Tinha muita amizade, fui madrinha de casamento de um dos fundadores, vi a coisa começar mesmo”. Deste período, ela se recorda das diferenças e, só pelos seus comentários, já deixa a dica de que é paisagista. “Era uma região extremamente inóspita e as pessoas fizeram uma ocupação proveitosa do ponto de vista

paisagístico. Muita coisa foi plantada e o visual ficou mais bonito, atrativo. Antes não era assim, não! Era praticamente um pasto!”.

Conhecendo a fundo a realidade do bairro, sua mudança não poderia ser mais consciente. De qualquer forma, ela adorou em todos os aspectos. Em um primeiro momento, o casal alugou uma casa. E continuaram alugando por mais de dez anos, fazendo mudanças internas de condomínio. “Passamos por umas cinco casas”, ela ri. Tanto carrega e descarrega de móveis rendeu-lhe o apelido de cigana do bairro. Somente em 2010, a família sossegou ao comprar (finalmente!) a casa própria no condomínio Alvorada.

A ligação com São Paulo permaneceu durante mais ou menos cinco anos, período no qual Maria Eduarda manteve clientes de paisagismo na outra cidade. “Mas eu vi que esse estilo de vida era impossível. Meu marido passava a semana em São Paulo e voltava no fim de semana. Isso ainda acontece muito. A gente diz que as mulheres da Demétria são mulheres de Atenas, pois ficam sozinhas esperando os maridos enquanto eles estão trabalhando fora”. Decidida, resolveu cortar as raízes paulistanas e criou uma clientela local. Depois, passou a se dedicar inteiramente à escola Aitiara, deixando de lado suas atividades como paisagista. Tanto empenho ao colégio trouxe um segundo apelido, este mais generalizado: “mãe da escola”.

Maria Eduarda conta que é mãe da escola há 13 anos. Isso significa ser pai de aluno. Essa denominação, que passa em branco em algumas escolas tradicionais, tem um peso completamente diferente na pedagogia Waldorf, já que a família é convocada a participar de forma intensa do dia a dia da escola e do aluno. Dessa maneira, envolver-se nesta comunidade educacional passa do ponto de obrigação para atividade essencial. Há muitos aspectos positivos nesta característica da pedagogia Waldorf, mas ela não pode ser considerada um mar de rosas. “É legal interferir e ajudar no ambiente escolar do seu filho, mas às vezes pesa, sabe? É muita solicitação da escola”. Todas as atividades escolares, como festas, viagens e até mesmo o custeio de despesas são promovidas pelos pais. Além desta participação, a mãe de João Gabriel, Ana Carolina e Maria Beatriz sempre trabalhou na área social da Aitiara e chegou à direção da escola em novembro de

2008, onde permaneceu por cerca de um ano e meio. Os motivos que a levaram até o cargo não foram dos melhores.

“A escola estava passando por uma crise financeira e a diretoria pedagógica queria uma gestão com um aspecto mais profissional”. Diplomada pedagoga com formação extra em direção escolar, Maria Eduarda se mostrou uma excelente opção para o momento difícil. Posteriormente, os resultados provaram o acerto. “A nossa gestão equilibrou as finanças e, até onde sei, a escola não está mais no déficit”. No entanto, presenciando o colégio e sua organização interna, a ex-diretora aponta vários desafios. Entre eles, trazer mais alunos para vagas ociosas; prever uma sustentabilidade econômica mais sólida, já que até hoje é complicado fechar a conta apenas com a mensalidade dos alunos e doações (“esta é uma questão da qual o bairro depende, mas não viram isso ainda. O motor aqui é a escola, é o coração, e as pessoas não cuidam tanto quanto deveriam cuidar”); e pensar em uma gestão profissionalizada paralela à comunitária – quem gere a escola é a união de uma diretoria eleita a cada dois anos, uma coordenação pedagógica e um colegiado de pais.

Maria Eduarda se mostra atenta aos problemas do bairro e da escola, mesmo após ter se retirado, em processo normal, do cargo de diretora da Aitiara. Hoje, ela se reveza entre algumas atividades da Demétria: participa de um grupo de estudos de tarô formado por moradoras; é uma das organizadoras da exposição anual de flores e plantas ornamentais Flor em Pé e se tornou uma das moderadoras do blog Alô, Bairro Demétria, ao lado de Luiz Ribeiro (você já se esqueceu dele?).

Nosso encontro – e o chá, preciso dizer – termina mais ou menos como seu início. Em uma lista de contatos, só um pouco mais reduzida. Assim como Luiz Ribeiro me ajudou nesta questão, Maria Eduarda indica algumas pessoas com as quais eu deveria conversar sobre o bairro, suas atividades, sua vida. E vou formando um círculo de nomes e telefones já sem começo definido, como devem ser as verdadeiras rodas de amizades – alguém falou em contato por aqui?

A tal educação livre e um docinho francês

“São crianças que têm contato com a natureza, com a ter-

ra, coisa que as da cidade não têm. As minhas foram criadas no mato, andam no escuro sem problema!”, fala Maria Eduarda sobre a educação escolhida para seus três filhos, essa tal de educação livre que os moradores da Demétria tanto almejam. Livre e barulhenta, pela minha experiência! Durante nossa conversa, chegou um pai com seus dois filhos lá pelos três, quatro anos. E como não paravam! A gravação ficou ligeiramente prejudicada pela voz dos dois pequenos, que corriam, pulavam e faziam o que queriam diante de um pai do estilo nem aí. Se fosse lá em casa, alguma expressão de reprovação iria surgir por deixar as crianças assim, tão sem limites. Tudo bem, cada um na sua... E eu na minha gulodice por doces!

Um dos planos da paisagista aposentada e seu marido é montar uma doceria ou padaria francesa. O casal está procurando um ponto pelo bairro, onde provavelmente será aberta – caso não encontrem por lá, pensam em abrir na cidade mesmo. Um lugar que esperarei ansiosa para visitar – e rever Maria Eduarda, na certa.



## Pedro – o calmo – Jovchelevich

Se um dia você percorrer os caminhos da Demétria, seja de carro ou a pé, terá a oportunidade de apreciar a paisagem mista de deserto, representado pelo chão de terra e pedras em cores quentes (ainda mais em dias de sol) e campo, graças ao verde crescente deste mar de areia. Se o olhar for mais longe, poderá visualizar construções camufladas entre árvores, bambus e eucaliptos. Os condomínios e, conseqüentemente, as casas do bairro parecem ter escolhido um canto para se assentarem onde não atrapalhassem a vegetação local. Embora sejam modernas, espaçosas e, em uma visão rápida, verdadeiras mansões de madeira, seu aspecto de “estou escondida” tira este glamour que poderia ser tão natural.

O prédio da Associação Biodinâmica segue estes parâmetros: dois andares, vários cômodos, jardim amplo à sua frente, paredes coloridas somadas a portinhas e escadas, além das casas adjacentes. Imponente? Poderia ser, caso desejasse. Mas não o é nem um pouco. A começar pela placa, logo na entrada, entalhada em madeira com letra rústica “Associação Biodinâmica Brasileira”. Passei por ela e parei meu carro em uma das vagas do estacionamento – e isso significa encaixá-lo na diagonal entre duas árvores – para encontrar-me, lá pelas onze e pouco da manhã, com Pedro Jovchelevich, gerente geral da associação.

Quem usa o conceito de demetriano, tão raso quanto qualquer outra generalização, adoraria ver Pedro para reafirmar sua teoria. A primeira impressão é a de que o agrônomo de 42 anos cumpre todos os requisitos necessários para ser o representante de um demetriano completo: roupas rústicas e naturais (isso se nota pela cor e textura do tecido), sandálias abertas, barba espessa, andar calmo e tom de voz baixo e manso – que me fez penar para transcrever a gravação depois – sem pressa de sair a fala – o que suavizou o tal problema. E ainda alto e magro, como dizendo: “vejam minha alimentação saudável”. Mas não foi pra discutir estereótipos que marquei uma entrevista com ele. Pedro era a

pessoa ideal para me contar a história da associação, bem como a sua própria. Sentamo-nos em sua sala, coloquei o gravador em uma mesa de centro (já falei dos móveis, todos de madeira?) e começamos.

Nascido em São Paulo, Pedro veio a Botucatu para cursar Engenharia Agrônômica na UNESP, em 1989. Logo nesse primeiro ano, já teve conhecimento da Demétria. A Associação Biodinâmica, assim como outras iniciativas do bairro, sempre ofereceu estágios com a universidade. Nessa parceria, alguns alunos acabam cativados pela biodinâmica, pela antroposofia ou pela maneira de viver dos moradores do local. Pedro foi um destes. “Conheci a Antroposofia através da agricultura mesmo. Logo depois de 1990, havia uma pessoa que fazia o curso de biodinâmica e montou um grupo de estudos sobre esta agricultura. Comecei a me interessar a partir daí. Minha futura esposa também tinha estudado em uma escola Waldorf e, por meio dela, conheci umas iniciativas em São Paulo. Mas tudo isso começou com o curso de biodinâmica”.

Em 1993, mesmo ano em que se formou agrônomo, ele fez o curso de capacitação em biodinâmica, com duração de algumas semanas. Emendou as semanas com mais um ano morando no bairro. Nessa época, trabalhava no recente Mel Alvorada. Em meados de 1994 e até alguns anos depois, encontrar mel nos supermercados de Botucatu era bem raro e o Mel Alvorada fornecia o produto fresquinho e com qualidade excelente. Eu mesma me lembro de ir buscar vários frascos com minha família.

Depois desta experiência, Pedro foi trabalhar em outros locais, sempre em empreendimentos ligados à agricultura biodinâmica. Voltando cerca de seis anos depois ao bairro, o agrônomo pôde notar as mudanças ocorridas no período relativamente recente. “Em 94, eram poucas pessoas. Pelo que eu me lembro, a escola ia só até a quarta série, com 60 alunos, no máximo. A Casa Somé já existia, mas não era desse tamanho, era menor. Havia três condomínios, hoje são seis e, mesmo nesses três não tinham muitas casas. Aqui, a associação já existia, mas não essa sede. Antes, era uma casa aqui do lado, tudo bem menor. Quando voltei, senti a diferença”.

Durante esses seis anos distante da Demétria, Pedro trabalhou com capacitação de agricultores na região de Serra Negra, onde, inclusive, manteve uma propriedade agrícola. Já casado com a também agrônoma Gersone, dois dos seus três filhos (Ana e Tiago e o caçula Tomas) haviam nascido no sítio em que a família morava. “Eles foram educados na pedagogia Waldorf e, à medida que foram crescendo, onde nós morávamos não tinha essa opção. A gente queria um ambiente mais social do que o sítio e, por isso, voltamos pra cá”.

Ao retornar, em 2000, Pedro assumiu o cargo de diretor da Associação Biodinâmica. Mesmo sem participar ativamente da iniciativa, ele manteve vínculos ao freqüentar seminários, cursos e eventos promovidos por ela. Pouco tempo depois, tornou-se gerente geral da ABB. Nesta função, Pedro cumpre a missão de difundir a agricultura biodinâmica pelo Brasil todo. Para isso, sua maior responsabilidade é monitorar o trabalho dos consultores da associação, espalhados por todo território nacional. “Então, eu vou a todos os lugares. Também faço capacitação em alguns termos específicos”.

Ao cargo de gerente geral da ABB, o agrônomo acumula outras atividades do dia a dia do bairro. “Faço parte da diretoria da escola e do meu condomínio Verbena, da Associação Elo... Externamente ao bairro, sou membro, pela Associação Biodinâmica, do Conselho do Desenvolvimento Sustentável do Município de Botucatu”. Além disso, ele se tornou membro da Sociedade Brasileira de Antroposofia, com sede em São Paulo. “É como uma associação. Tem boletim semestral, eles fazem curso direto. Aqui em Botucatu tem um ramo, um grupo de estudo, que eles chamam de ramos, chamado Jatobá”.

Nossa conversa segue no assunto da Associação Biodinâmica, cuja história é contada em outro capítulo deste livro. Notei que Pedro é bastante reservado ao falar de sua própria vida e o diálogo flui mais fácil no tema da ABB, iniciativa a que tem se dedicado por mais de uma década. Mesmo ao passar seus dados pessoais, como nome, idade e membros da família, o agrônomo prefere me entregar seu cartão de visitas. Guardo-o junto com mais coisas oferecidas por ele durante o encontro: livretos edu-

cativos sobre agricultura biodinâmica, panfletos, cartilhas. Com toda sua calma, a entrevista foi pausada várias vezes à procura destes documentos, que “certamente vão auxiliar no seu trabalho”. Vou embora perto da hora do almoço e deixo Pedro dedicar-se às suas atividades de gerente da associação, em pleno sábado. Calmo, sim, preguiçoso, jamais.

### **Ossos do ofício**

Ao chegar à Associação Biodinâmica, fui atendida por uma secretária ou recepcionista no andar inferior (a sala de Pedro era subindo um lance de escadas). Solícita, ela telefonou ao gerente e me orientou para onde ir. Ao conversar com Pedro sobre os funcionários da ABB, ele fala sobre Débora, aquela que me atendeu. Qual a minha surpresa ao descobrir que eu já havia entrevistado Débora por e-mail, justamente sobre a associação. Pena não poder reconhecê-la naquele instante, afinal, entrevistar pessoas pela internet resulta numa dessas. Definitivamente, são ossos do ofício.

## Uma alemã (mesmo!)

Quando eu falava com a minha família sobre fazer um livro sobre a Demétria, eles logo brincavam: “lá só tem alemão”. Primeiro, ao freqüentar o bairro ao longo dos meses, descobri que ele passa longe de ser um bairro de imigrantes. Há muitos descendentes de europeus, é verdade, mas a grande maioria é brasileira. Segundo, a primeira entrevista com um estrangeiro foi uma das minhas últimas, na beira de eu desistir da teoria do “só tem alemão”. De qualquer forma, fiquei feliz com o esperado encontro.

Era uma manhã de sábado quando fiz o caminho para a Fazenda Demétria pela segunda vez. Mas não continuei até o final: parei o carro no Espaço São Micael para conversar com Christine Wotka, uma das fundadoras do lugar. O roteiro da entrevista era sobre o São Micael em si, mas a história dessa alemã (mesmo!) é cativante. Desde nosso contato por telefone, já simpatizei com ela: foi extremamente solícita, de voz suave, demonstrando uma imensa vontade de ajudar. É interessante quando se ouve a voz da pessoa, mas não se conhece as feições, eu fico sempre imaginando quem irá aparecer.

Cheguei e estava acontecendo uma reunião ou algo do tipo no salão do Espaço. Eu já havia visitado o local uma vez em uma Festa da Primavera: muitas barraquinhas, mesas do lado de fora, pessoas circulando e crianças correndo, o balcão usado como espaço de exposição de trabalhos e peças para comprar, tudo bem diferente da calmaria predominante no lugar no tal sábado. Ela ainda não estava lá. Resolvi esperar do lado de fora, sentada em um banco feito de tronco de árvore – eles são bem comuns no bairro – onde batia sol, pra me aquecer. Botucatu é uma cidade fria com letras maiúsculas, e estávamos em julho! Já comecei admirada pela disposição de Christine quando apareceu sorridente pedalando em sua bicicleta: Botucatu, frio, sábado de manhã... Não é pra qualquer um. Depois dos primeiros cumprimentos, nos dirigimos a um dos balcões do Espaço para fazer a entrevista. Ele estava repleto de trabalhos dos alunos e o cheiro era de

serragem, devido à quantidade de móveis e peças de madeira. Tinha uma máquina de lavar ligada, e isso eu sei mais pelo barulho insistente no áudio da gravação do que pela sua presença, ignorada durante nossa conversa bem humorada.

Antes de vir ao Brasil, Christine, assim como seu marido Thomas Wotka, moravam no vilarejo de Darimstadt, na Alemanha. Segundo ela, Darimstadt era uma pequena vila mesmo, ainda menor do que uma cidade interiorana. Sendo assim, ela não estranhou em nada o cotidiano da Demétria. O casal sempre trabalhou com crianças e adultos excepcionais, acumulando bastante experiência e formação na área. Não só pela fala de Christine, mas pela de outros moradores, percebo um tabu muito maior na questão de pessoas com necessidades especiais na Europa do que o existente no Brasil. Ela conta que lá é comum ter esse trabalho intenso com deficientes, uma forma de amenizar a culpa das famílias por tê-los mantido praticamente trancados em casa nas décadas passadas. Segundo ela me diz, por meio da terapia curativa e da pedagogia social essa situação se amenizou. Ela já trabalhava com tais métodos.

O impulso que a fez vir para o Brasil (“Aha, essa é uma boa pergunta”, ela exclama) foi o de levar ajuda ao mundo onde houvesse a necessidade nesta área para a qual se dedicara por tanto tempo. “Na Europa, está tudo perfeito, você tem o governo ajudando, não 100%, mas em relação a aqui é bem melhor. A África não foi preferência. A América do Sul, o Brasil, pensamos, tem bastante pedagogia Waldorf, então uma cabeça aberta pra isso”. Vieram pra cá o casal e os quatro filhos, Ferdinand, Sebastian, Luise e Ludwig, na época com respectivamente 11, 7 e 5 anos os dois mais novos. E, diga-se de passagem, praticamente de mala e cuia! “Chegamos cada um com duas malas só. Deixamos tudo lá pra começar outra coisa”. Ela explica que a mudança foi planejada nos mínimos detalhes, mas, no fundo, foi uma aventura, uma coisa feita totalmente de coração. “Desde jovem era o meu sonho, mas eu pensei ‘não vou conseguir, agora estou com 40 anos, nunca mais irei...’ Porque quando as crianças entram na adolescência, ir para um país onde você nem entende a língua é difícil. Demorou a preparação, mas pensamos que uma força ex-

terna nos ajudaria. Os meus amigos acharam que éramos loucos (risos), mas valeu muito a pena”.

A visita inicial ao Brasil ocorreu em 2004. Thomas viajou ao sul do país, em Porto Alegre, onde tudo era mais fácil, pois havia um número maior de pessoas fluentes em alemão. Depois, de volta à Europa, o casal conheceu uma professora brasileira com residência na Suíça que lhes falou sobre a Demétria pela primeira vez. Ela os informou sobre um impulso nessa área de pessoas excepcionais no bairro que eles precisavam – muito – conhecer. No ano seguinte, em 2005, a família já estava na Demétria vendo de perto a iniciativa. “Eram pais de jovens com necessidades especiais, não tinham possibilidade de onde colocá-los, ex-alunos da Aitiara que ficavam em casa. E achamos o lugar legal, um paraíso para as crianças, né?”. O fato de na Demétria ter uma escola Waldorf pesou na decisão da vinda definitiva, pois eles queriam manter as crianças estudando nessa pedagogia.

Os preparativos finais para a vinda ocorreram na Suíça, onde Christine trabalhava como gerente de uma instituição. Lá, o casal Wotka elaborou o projeto do Espaço São Micael, conseguiu o financiamento com uma fundação alemã e, finalmente, embarcou para morar no Bairro Demétria. Chegando com as tais duas malas pra cada pessoa, a família alugou uma casa que serviu também como espaço de trabalho nos primeiros anos. A adaptação teve de ser rápida: eles chegaram em setembro e, em outubro, as atividades do Espaço Micael já haviam começado. E isso sem falar uma palavra de português! “A comunicação eu não sei! A gente ficava com o dicionário, não tinha aula, não tinha nada. Foi sorte do pastor Renato, que fala alemão, ajudar nos primeiros encontros com os pais”. Depois de cinco anos no Brasil, dá pra notar um sotaque ainda forte mantido por Christine mas nada prejudicial a nossa conversa. “E não foi fácil deixar os alunos com uma família, assim um pouco louca, mas os pais tinham confiança e acreditaram nessa base da pedagogia”. A confiança, assim como o trabalho e o Espaço São Micael, cresceu aos poucos nesses cinco anos de existência e, hoje, com um local próprio para seu funcionamento (cedido pelo administrador da Fazenda Demétria), a iniciativa atende em torno de 16 pessoas. Nesse cur-

to período, Christine e sua família contribuíram e acrescentaram uma dose de um amor generoso à Demétria, à vida de inúmeros alunos, voluntários e funcionários, e guardam consigo o que puderam vivenciar dessa experiência de dedicação ao próximo.

“A gente tinha uma vida boa na Alemanha, aqui se ganha bem menos do que lá, é outra vida. Tem o lado particular para nossas crianças e para nós que é a convivência, a experiência de viver em uma realidade de outro país, em uma renda bem mais baixa. Aqui você tem outras qualidades. A Alemanha é muito cabeça, as pessoas pensam demais, já está tudo bonitinho, certinho, mas às vezes falta um pouco coração, é meio fechado... Pra nós foi uma boa experiência viver em um outro lugar. E tem também o outro lado, que meu marido está trabalhando há mais de vinte anos com crianças com necessidades especiais. Ele tem esse grande coração e gosta de ajudar”.

Com o sentimento maior de missão cumprida, os planos são de voltar à Alemanha ainda no final de 2011 – dependendo de quando você estiver lendo isso, o casal Wotka já estará no continente europeu. “Desde o início, tudo foi preparado para ajudar no impulso e depois deixá-los continuar aqui. Nós ajudamos de fora e ficamos como padrinhos”. E os planos param por aí: Christine e Thomas ainda não sabem exatamente o que vão fazer na volta ao país natal. Eles têm um lugar para ficar, uma vaga na escola para as crianças e a esperança de que tudo dará certo, como ocorreu até o momento. As crianças não estão tão animadas com o regresso, pois se acostumaram ao bairro e preferiam ficar. “Elas gostam, e nós também gostamos! Mas não dá pra prolongar mais”.

Após encerrar a conversa, Christine faz questão de me apresentar às instalações do Espaço São Micael. Conheço os locais onde os alunos fazem suas atividades de tecelagem, pintura, entre outras, o balcão bem espaçoso usado para várias ocasiões, e a cozinha, onde eles mesmos preparam o almoço – e, diga-se de passagem, onde estava um voluntário loiro bem do bonito (e eu toda desarrumada...). Apesar de estarem em período de férias, muitos dos artefatos produzidos pelos alunos continuam guardados lá. Christine me presenteia com uma vela de cera de abelha, um mimo para a despedida. Ela se dirige toda orgulhosa



ao trabalho feito pelas pessoas atendidas pelo Espaço, mais uma prova da dedicação dessa alemã a uma causa tão distante de seu local de origem.

Faltando pouco tempo para seu retorno à Alemanha, é nítido o quanto uma única pessoa pode fazer a diferença a algum lugar e às pessoas com quem convive. Em apenas cinco anos, Christine, junto com seu marido Thomas, trouxe uma iniciativa ao Bairro Demétria que modificou sua paisagem e deu mais graça aos seus propósitos. E, como ela mesma disse, tudo de coração. Uma ânsia e uma ambição de ajudar sem medir esforço ou distância difícil de encontrar dando sopa por onde, pelo menos, eu passo. Assim como saí do Espaço São Micael presenteada com uma singela vela, o casal também vai embora do bairro deixando um grande presente a todos os seus moradores e amigos: um projeto que serve de exemplo e, mais ainda, uma fonte de inspiração de amor ao próximo.

### **Menos preguiça, por favor**

É fácil notar que Christine é uma pessoa bastante ativa: a bicicleta sempre ao seu lado, roupas com um quê de esportista, fala rápida e animada e muita disposição para andar, mostrar ambientes, apresentar pessoas... Tanta energia tomou um choque na chegada ao Brasil. Ela falava em um tom entre o humorado e o inconformado sobre a moleza de seus alunos no começo do projeto do Espaço São Micael, quando ainda eram atendidos na própria casa da alemã. “Começava às oito horas da manhã e às dez horas eles já estavam cansados! Deitavam na nossa sala, no nosso sofá, todo mundo dormindo na hora do lanche. Era tão engraçado! Olha, pra adaptá-los a fazer passeios, atividades, caminhada... Foi difícil!”. Ela também sente a diferença entre a mentalidade do brasileiro e do europeu em relação ao trabalho das pessoas com necessidades especiais. “Eu percebi que aqui as pessoas não os deixam trabalhar mesmo! Acham que eles precisam mais de terapia ocupacional, mas não do trabalho. E, nossa, com trabalho é outra coisa, eles aprendem algo e ficam orgulhosos de seus produtos”. É, pra Christine, não tem conversa: um pouco de atividade não faz mal a ninguém.

## Um encontro na Bioloja

Parte do caminho da chegada é cercado por um muro baixo de pedras grandes. Em volta, alguns animais separados por cerca. No entorno da casinha principal, várias mesas e bancos de madeira e uma casa secundária, visivelmente a cozinha. O Espaço da Bioloja vai além do que se esperaria de uma loja. Na verdade, o estabelecimento serve brunch (um café da manhã tardio), sorvetes, produtos naturais, chás e ainda vende livros, artesanatos e afins. De loja, só o nome mesmo. Um primo meu adorava levar os filhos ao local em suas visitas à Botucatu e eu nunca entendi porque as pessoas gostavam de gastar uma tarde inteira lá, nem no meu restaurante preferido fico esse tempo todo. Não entendia, até passar algumas horas sentadas nos tais bancos de madeira só conversando com Hans Reisewitz e Sérgio Esposto.

Fui para a entrevista em uma tarde de sábado (ou era feriado?) bem ensolarada e já procurei um lugar estratégico onde pudesse esperar por Hans. Escolhi uma das mesas de madeira, bem em frente à entrada da Bioloja. Depois de alguns encontros, essa espera já havia se tornado um ritual para mim: enrolar um pouco antes de descer do carro, sentar em algum canto, ligar o gravador, deixá-lo no jeito ao lado da folha de perguntas e começar a olhar em volta à procura do então desconhecido que iria contar sua vida – é, um assunto básico assim. O momento do suspense é quando a suposta pessoa vem chegando... E a incerteza de não ser ela? Neste caso, não houve dúvidas. Um senhor de cabelos e barba brancos se aproximou e logo nos identificamos. Nos acomodamos ali na mesa mesmo.

Hans se mudou para a Demétria “na virada do século, entre 2000 e 2001”, mas conhecia o bairro desde sua fundação. Na época, sua esposa Maila trabalhava como professora de alemão na escola Waldorf Rudolf Steiner de São Paulo, um dos primeiros locais onde os pioneiros da Fazenda Demétria foram buscar ajuda para a compra dos terrenos vizinhos à estância. Tais terrenos foram colocados à venda e existia um grande interesse que fos-

sem comprados e utilizados para a agricultura biodinâmica, evitando assim o uso de agrotóxicos e a contaminação, por tabela, das terras cultivadas desta maneira peculiar. “Eles foram à escola e juntaram um grupo de pais que formaram, então, o primeiro condomínio, o Atiaia”. Hans tinha um terreno ali, mas não por muito tempo. “Nós vendemos porque eu estava precisando de dinheiro. Aí, comprei outro, mas precisei de dinheiro de novo e vendi novamente. Quando minha esposa e eu estávamos pra aposentar, ela falou ‘agora a gente compra um terreno e, pra você não vender, nós vamos construir uma casa”. Depois de tantas vendas e compras, essa foi a maneira encontrada para a família se transferir de vez para o bairro. Juntaram as malas nesta mudança Hans, a esposa Maila, a filha Mariane e o marido Lincoln e a neta Maria, hoje com 11 anos.

A ideia de sair da capital paulista não era nova. A possibilidade de se mudarem para o Rio de Janeiro surgiu, pois Maila era natural da cidade. “Mas lá também é uma loucura e sempre quisemos um lugar mais sossegado. A Demétria era ideal pra isso. Conhecíamos vários vizinhos que já eram amigos de São Paulo”. Muitos colegas de trabalho da escola Waldorf fizeram o mesmo caminho do casal. Ao se aposentarem, retiraram-se para a calmaria do interior, mais especificamente da Demétria, local com o qual já possuíam uma ligação filosófica: a Antroposofia. Para Hans, essa conexão veio tardiamente, mesmo tendo vasto contato com o pensamento há um bom tempo.

Ele é formado engenheiro agrônomo e trabalhou vários anos na área de sementes e irrigação. Engana-se quem pensa que o método usado era biodinâmico. “Eu mexia muito com agrotóxico. Quando me mudei, pulei para o outro lado da cerca e agora estou me redimindo dos pecados do passado”, fala com bom humor. Logo se vê a intenção sincera. De 2000 para cá, Hans fez um curso de agricultura Biodinâmica e está frequentando uma especialização na área, oferecida pelo Instituto Elo. “Eu pratico, mas lá em casa somos mais orgânicos do que biodinâmicos. De todo modo, pelo fato de eu ser agrônomo e minha esposa gostar de mexer com planta e jardim, somos contentes em poder ter esse contato direto com a natureza”. Em relação à Antroposofia,

ele ainda participa de alguns grupos de estudo e traz em sua bagagem cultural as diversas reuniões e palestras da época em que era pai de aluno Waldorf. Outras coisas vêm no conjunto: até de curso de trabalhos manuais Hans participou.

Toda essa interação com as atividades do bairro levaram-no ao cargo de presidente do condomínio onde reside atualmente, o Aldeia, e a ser um dos fundadores da AMA Demétria, associação de moradores. E isso significa uma palavra: trabalho. “Tem muita coisa pra fazer, cuidar dos empregados, manter as ruas em ordem, os jardins, o portão... Dentro dos condomínios, estamos sempre preocupados com a estrada, em manter o mato baixo, plantar árvore”. A imaginada vida pacata de um aposentado de 75 anos está longe de ser a rotina de Hans. O descendente de alemães ainda encontra chance de aproveitar os amigos. “Toda sexta-feira a gente se reúne no restaurante Stammich para um happy hour, o que é muito importante. A partir das cinco horas pra tomar uma cervejinha, jogar conversa fora”. Anotada a hora e o dia, já me senti convidada!

Essa receptividade espontânea foi sentida por Hans logo ao chegar em Botucatu. “Não tivemos problema nenhum de adaptação. O pessoal de Botucatu nos recebeu muito bem. Quando fui fazer cadastro em uma loja de materiais de construção, o vendedor começou a pegar meus dados e, na hora em que viu que eu ia morar na Demétria, já falou ‘não precisa. Vocês têm crédito aqui’. Tanta confiança mútua só poderia resultar em mais amizades, além daquelas já cultivadas desde a época de São Paulo. Um exemplo seria Sérgio Esposto, morador da Vila Antártica em Botucatu e “freqüentador do bairro”. Sérgio, terapeuta e acupunturista, chega neste momento na Bioloja e se detém por uns instantes para cumprimentar Hans. Vai logo buscar um sorvete e traz outro para o colega. Eu não aceito, pois infelizmente tinha acabado de almoçar – não recusaria em outra ocasião, adoro sorvete. Ele se junta à nossa conversa e se mostra animado com a entrevista alheia, por assim dizer. O terapeuta acabou enriquecendo a história com uma visão de fora da Demétria, mas nem por isso menos admirada. Enfim, onde estávamos mesmo?

O assunto era o intercâmbio cultural existente no bairro, afi-

nal, ainda hoje estrangeiros e pessoas do país inteiro continuam chegando para trabalhar em alguma iniciativa ou apenas conhecer o lugar. “Esse intercâmbio influencia, sem dúvida nenhuma, mas esse pessoal que vem de fora, em vez da gente falar inglês ou alemão, quer aprender o português. Quer a oportunidade de conhecer a cultura local. Mas você que mora na cidade deve saber como é (“, Hans dá risada e joga a bola para o Sérgio. E ele topa! “Eu não me enquadro na cidade. Venho pra cá porque é muito gostoso. Na verdade, sempre que posso eu viajo muito e a Demétria, pra mim, é como se estivesse no exterior. Tem muita gente de fora e se troca muita informação. É bacana mesmo”. Hans conta que toda segunda à noite, no Stammich, algum conjunto musical diferente se apresenta e comparecem mais pessoas da cidade do que do bairro para assistir à banda. “É lotado”. “Tinha até um chileno”, diz o Sérgio. Espera... “Não era chileno, era colombiano”, Hans corrige. “É verdade”, Sérgio se recorda.

Sérgio Esposto está sempre pelo bairro e, como ele diz, já foi tocado pela maneira de viver de seus moradores. Sua primeira visita remete aos anos iniciais do local, quando ele veio fazer um minicurso de Antroposofia. Depois, passou 20 anos em São Paulo. No retorno, tratou logo de procurar a Demétria novamente. “Eu fiquei maravilhado como isso aqui tinha expandido e como, apesar de ter crescido, as pessoas ainda conseguiram manter um núcleo conciso em termos de filosofia e espiritualidade”. Para o terapeuta, não importa quem passe por lá, ao invés de influenciar, vai embora influenciado pela atmosfera do local. “Ela faz com que a gente pense diferente, sinta diferente, que a gente queira se entrosar com o ambiente”. Ele conta que, ali mesmo na Bioloja, ocorre uma cerimônia muito bonita no Dia de Reis, na qual os moradores e simpatizantes do bairro produzem um preparado – feito de incenso, mirra e ouro, “tem uma maneira correta de se mexer, é todo um ritual” – para ser espalhado pelos limites da Estância Demétria. É uma forma especial de se pedir proteção, conservação do núcleo afetivo, astral, emocional e espiritual do lugar. “E aí tem cantigas, conversas, entrosamento entre as pessoas... Em um determinado momento, nós dizemos ‘então vamos!’. E saímos com canequinhas, em cima de carros, com ra-

mos de arruda, e expandimos o preparado ao redor do bairro". Segundo Sérgio, isso é uma "força sem força", convocada para manter o chamado Anjo Gregário, um verdadeiro protetor dos significados da Antroposofia ainda permanentes na Demétria.

Nem eu imaginava que o bate-papo mais profundo sobre a Antroposofia em si seria com um não-morador da Demétria. Pude sentir a empolgação de Sérgio ao falar sobre o assunto, tentando sempre encontrar formas belas e didáticas de transmitir seus conhecimentos. Para ele, uma das coisas mais marcantes sobre esse pensamento é uma fala direta de Rudolf Steiner. O filósofo havia afirmado que, quando ele dizia seja lá o que fosse, não deveríamos considerá-lo como o dono daquilo. Sérgio explica: "Se você sentiu o que ele disse, aquilo também passa a ser seu. Por conta disso, você vai bebendo dessa filosofia e praticando na maneira como se planta, se come, se relaciona. Tudo é Antroposofia! Não é uma coisa como Platão, 'estou de folga, então vou filosofar'. É 'estou trabalhando e porque estou trabalhando sou mais antropósofo ainda". O terapeuta completa dizendo que a Demétria deixa a Antroposofia se desenvolver à vontade, fato com que Hans concorda. "Costumo dizer o seguinte: a Demétria é o segundo lugar no mundo em que há mais antropósofos por metro quadrado! Só perde para a Suíça, país sede da Sociedade Antroposófica".

O sorvete acabou. A conversa também. As reflexões, não. Conhecer duas histórias de vida no mesmo dia e ainda voltar pra casa fervilhando os pensamentos sobre a Antroposofia, ciência espiritual recém-descoberta para mim na época da entrevista, foi uma carga imensa – e produtiva – de informação. Desta vez, preciso agradecer aos entrevistados e a um elemento surpresa, o destino. Ele quem fez Sérgio, o freqüentador assíduo do bairro, aparecer para um alô e estacionar por um tempinho conosco. Vida de jornalista (ou será só uma tarde comum na Demétria?) é mesmo imprevisível.

### **Uma inglesa lá**

Junte mais de duas pessoas em uma conversa e verá as chances de surgir uma boa memória aumentarem. Um lembra o caso

de um fulano, o outro recorda o que aconteceu com aquela antiga moradora. Hans divagou sobre duas estrangeiras que vieram parar na Demétria, ao ser perguntado... Sobre o quê mesmo? Neste caso, o rumo do diálogo simplesmente foi parar no tal assunto sozinho – outra característica da reunião de duas ou mais pessoas: falta de controle do rumo do bate-papo. Era sobre uma inglesa. “Não sei por que ela cismou com o Brasil. Estava procurando uma comunidade alternativa, entrou na internet, viu o site da Demétria, pegou o avião e veio pra cá! Só que, lamentavelmente, ela foi embora. Voltou pra Inglaterra...” Ele se lembra de outra parecida. “Tem outra moça que veio da Espanha. Ah, não sei como ela ficou sabendo da Demétria! Um dia, apareceu aqui, comprou um terreno e está morando feliz da vida”. É, histórias que o povo conta.

## Sempre haverá um pastor

Criada em uma cidade do interior e, ainda mais, com características provincianas (vide o cartão postal de Botucatu ser uma catedral), fui acostumada a, qualquer lugar que se vá, existir um pároco da comunidade. Seja pastor, padre ou pai de santo (sem preconceitos meus, de verdade), havia um líder religioso notório por ali. Embora possua boa parte de seus moradores vindos da cidade grande ou do exterior, tenha uma vida cultural mais ativa que a sua própria cidade sede e um pensamento norteador diferenciado, a Demétria não é diferente neste quesito da religiosidade.

Em um primeiro momento, foi novidade, para mim, existir uma igreja no bairro. E se tornou algo completamente novo quando descobri sua vinculação com a Comunidade dos Cristãos, braço de origens antroposóficas da Igreja Protestante. A partir destes dados, passou a ser fundamental entrevistar o pastor responsável pela paróquia, tanto por seu papel de liderança natural quanto para saber mais sobre o homem por trás deste movimento na Demétria. Ao contatá-lo por telefone, já desfiz a imagem de um senhor pacato e de feições bondosas que habitava minha mente. Renato Gomes tinha uma fala ligeira e dinâmica, fazendo jus aos seus 49 anos (não sei se é coisa de jornalista, mas costumo prestar bastante atenção à voz das pessoas, ela acaba dizendo um pouco sobre seu jeito). Marcamos de nos encontrar na Comunidade dos Cristãos mesmo.

Outra vez, me orientei pela regra do “siga as placas”. Neste dia, ela ficou ainda mais fácil, já que os avisos da Comunidade dos Cristãos são pintados em letras vermelhas. A igreja fica no alto do bairro, próxima à escola. O local, iluminado pelo sol da manhã, era bastante bonito: grama bem cuidada, destoando do mato crescendo solto na maior parte do bairro, flores e árvores coloridas, muretas de pedra ao redor da construção e a igreja em si, com design moderno, simples e arejado. O fato desconhecido por mim era que Renato morava logo ao lado. Sem encontrá-lo



nas imediações resolvi bater palmas na casa vizinha (que, naquele momento, eu achava ser de algum desconhecido disposto a ajudar. Ah! E dono de um cachorro enorme também...). O próprio Renato me atendeu e, de roupas de ficar em casa, disse ter confundido o horário da entrevista. Estaria lá em um minuto!

Por fim, nos acomodamos na ante-sala do espaço de cultos da igreja. Ao longo da conversa, algumas pessoas entravam e saíam pela porta principal para fazer orações (ou não. Podem ter ido fazer apenas reflexões, dado uma passada, uma porção de coisas). Já aí, a Comunidade dos Cristãos se mostrou um local bastante aberto, observação confirmada depois por Renato. “Não é uma igreja para os antropósofos, é importante dizer isso. Ela está aberta pra qualquer pessoa que reconheça no cristianismo maneiras e valores úteis à sua vida”. Em meio a discussões sobre Antroposofia, religião, medicina e Demétria, a história do pastor foi se revelando.

Renato teve seus primeiros contatos com a Antroposofia ainda na época de estudante universitário, quando cursava medicina no Rio de Janeiro. “Era um grupo de estudantes que se reunia na casa de um médico, mas na verdade éramos todos colegas da faculdade. Eu achei interessante pelo enfoque da medicina. Aí, comecei a conversar com outras pessoas ligadas ao grupo, mas fora do círculo médico, que foram me mostrando outras possibilidades”. O divisor de águas foi sua amizade com um pastor que, por meio da Antroposofia, trabalhava em causas sociais de comunidades carentes da cidade do Rio de Janeiro, despertando ainda mais sua admiração e interesse por essa área.

Quando se formou médico, Renato fez uma mudança brusca em sua trajetória profissional. Colocou o diploma na gaveta e viajou à Alemanha para estudar teologia. Durante este período, aprofundou seus conhecimentos também na ciência espiritual fundada por Rudolf Steiner e na Comunidade dos Cristãos. Ao fim dos estudos, em 1992, foi direto para a Argentina, onde trabalhou como pastor de várias comunidades por dez anos. “A medicina eu deixei. Foi uma opção. Eu tinha terminado uma carreira e agora ia seguir outra”. Na Argentina, Renato se casou com a professora de jardim de infância Katarzyna e teve suas duas fi-

Ihas, Nina e Paloma. As pequenas foram um motivo a mais para Renato considerar com atenção a proposta de ser o pastor fixo da nova igreja da Demétria.

“Eu fiquei sabendo do bairro porque estou na Comunidade dos Cristãos há bastante tempo e sempre ouvi falar dos lugares em que existem pessoas interessadas. Tomei conhecimento dessa vontade dos moradores em trazer a igreja através de outros colegas que trabalhavam em São Paulo”. Esses colegas de profissão perguntaram a Renato se ele gostaria de assumir o posto em Botucatu. Para ter certeza da resposta, o pastor foi ao bairro em 2000, em busca de um primeiro contato com as pessoas e com o local. “Gostei principalmente por causa da família. Nós pensamos que seria muito bom eu poder trabalhar e minha esposa estar com as crianças em um lugar mais tranquilo, protegido, no campo. Essa foi a motivação. Teria vindo de qualquer maneira, mas isso foi um fator a mais”. Depois da aprovação, o sim à proposta veio fácil e a mudança definitiva ocorreu em 2002, quando Renato assumiu as responsabilidades de pastor da Comunidade dos Cristãos localizada na Demétria.

Vivendo no exterior há um tempo razoável, a adaptação gradual à nova moradia fez parte do início da vida no interior de São Paulo. “Todos sentem certa dificuldade. Eu tinha crianças pequenas, não havia carro no começo, tudo isso era meio complicado até a gente se encontrar. Mas nada que desanimasse. Estávamos bem contentes de estar aqui, ver as meninas brincando soltas no jardim. E a gente não trouxe nada pra se instalar, só as coisas pessoais, começamos tudo de novo”. A casa na qual Renato mora com a família é cedida pela Associação Tobias, proprietária do terreno onde a residência e a igreja estão localizadas. A construção, porém, teve viabilidade graças à arrecadação dos moradores do bairro e doações externas. Quando o pastor chegou, ela ainda não estava pronta. “Não pudemos usá-la por alguns meses. Cheguei em junho e só em novembro terminamos a obra, de tal maneira que a parte de dentro pudesse ser utilizada para os cultos”.

Finalmente, com tijolo sob tijolo, Renato pôde se dedicar integralmente às atividades da Comunidade dos Cristãos. Isso

reflete em sua rotina intensa de trabalho, dando justificativas à sua fala ligeira e dinâmica percebida ao telefone. “O central é o culto e as atividades religiosas, como os sacramentos, batismos, casamentos... Fora isso, temos aula de religião para crianças uma vez por semana; um trabalho muito bom com os jovens, que também são aulas, mas com uma linguagem mais apropriada; há a colônia de férias duas vezes ao ano; uma série de atividades realizadas durante o ano, como cursos, seminários, grupos de estudos bíblicos regulares; e as visitas frequentes a outras cidades próximas, onde faço essas mesmas coisas, só que bem mais reduzidas”. Com tantas tarefas a cumprir, Renato conta que a igreja consome a maior parte do seu tempo, mas ele ainda arranja oportunidade de se inteirar sobre o que está acontecendo com seus vizinhos. “Participo quando possível dos eventos da fazenda e da escola, mas nada oficial”.

Apesar de ser sábado, o dia não representa folga a Renato. Logo ao terminarmos nossa conversa, embora solícito o tempo inteiro, o pastor prefere acelerar o passo. Imagino que deva ter muitas coisas a fazer, seja em relação a sua família, logo ali ao lado, ou à igreja e sua comunidade. Só ao sair noto como a sala onde estávamos era bem organizada, cadeiras no lugar, quadro de avisos... Definitivamente, pequenos reflexos de um trabalho muito maior – e gerador de outros inúmeros frutos.

### **As dúvidas se foram**

Ao mesmo tempo em que fazia as entrevistas para este livro, me dedicava às leituras sobre Antroposofia e seus derivados, a fim de entender a filosofia norteadora do meu objeto de estudo, o bairro Demétria. Tal como em relação a qualquer assunto completamente novo, cada vez em que entendia algum conceito desta ciência filosófica, uma dúvida surgia em minha cabeça. Duas pessoas foram importantes para clarear esses pontos de interrogação. Uma delas cito aqui pela primeira vez. Meu professor de filosofia, Clodoaldo Meneguello Cardoso, com quem tive uma conversa sobre a Antroposofia aos olhos da academia. A segunda, inesperadamente, foi Renato. Tendo estudado teologia e a própria Antroposofia a fundo por vários anos, sem contar o seu

contato diário com seus ideais e aplicações práticas, o assunto veio à tona espontaneamente – e rendeu! Só me resta deixar um obrigado, afinal, a sua contribuição a este trabalho vai bem mais além do que o conteúdo presente neste capítulo.

## Paulo Cabrera, o fazendeiro

Antes mesmo de conhecer pessoalmente Paulo Cabrera, o atual administrador da Fazenda Demétria e do Sítio Bahia, percebi sua notoriedade entre os moradores do bairro. Talvez notoriedade não seja a palavra certa, mas não há dúvidas de que ele é uma figura bastante conhecida por lá. Em vários encontros com outras pessoas, seu nome foi sugerido para uma futura entrevista ou citado durante algum assunto. Esse fato criou uma grande expectativa sobre o Paulo Cabrera real, ampliada ainda mais por meu encontro com ele ser um dos últimos agendados para este trabalho. Finalmente, a hora da verdade.

A entrevista estava marcada para as duas e meia da tarde na Fazenda Demétria. Fiquei ligeiramente apreensiva: como iria encontrá-lo na amplitude de uma fazenda? Por via das dúvidas, anotei seu telefone e lá fui eu. Passei pelo portão de entrada do local marcado e ele não me pareceu tão grande quanto imaginava, ao menos sua estrutura física. A primeira construção dava a impressão de ser um estaleiro ou uma casa das máquinas. Parei ali para perguntar, a alguns funcionários, se o Paulo estava por lá. Indicaram sua casa, um pouco abaixo no terreno. Desci e novamente perguntei a duas mulheres descansando no quintal onde poderia encontrar Paulo. Como antes, elas me indicaram a casa ao lado, meio às risadas com a minha dúvida de ir entrando na residência alheia – vai ver encontrar Paulo Cabrera seja tão fácil quanto dar um passo adentro de sua cozinha ou sala de jantar.

Para a sorte da minha vergonha, havia um homem ao celular do lado de fora da casa, em uma espécie de lavanderia. Sim, era o Paulo (aleluia!). Identifiquei-me e ele se lembrou do meu telefonema (ele havia pedido para eu ligar na véspera para evitar esquecimentos). O administrador estava atarefado e pediu para eu esperar um pouco dentro da casa enquanto resolvia alguns problemas. Uma das suas primeiras frases na entrevista a seguir seria sobre essa vida corrida, que poucas pessoas pensam existir no campo. “Na fazenda é sempre assim, quando começa a

ter atividades, não se para mais. Esse é o perigo do estresse rural". Eu vi claramente como isso é possível: enquanto procurava algo entre seus papéis, o fazendeiro respondia a uma funcionária que aparecia à sua janela, tirava a dúvida de um filho pequeno e orientava um segundo, mais velho, sobre alguma tarefa. A casa também transparecia essa vida corrida: brinquedos, documentos, ferramentas, enfeites, tudo se misturava em uma paisagem movimentada aos olhos.

Resolvidas as pendências, nos sentamos em bancos em torno de uma mesa redonda do lado de fora da casa, rodeada de árvores e alguns cachorros que iam e vinham – as árvores soltavam folhas em nós e os cachorros, bem, eram simpáticos como todos os animais domésticos criados livremente. Não sei se por pressa ou praticidade, Paulo me poupou do trabalho de fazer perguntas. Depois da primeira, "o que você fazia antes de se mudar para o bairro?", ele logo emendou a história de sua vida, viagens, vinda ao bairro, situação atual, quase sem nenhuma interrupção. E sem poupar detalhes! Com um pouco mais de fôlego, aqui repasso a narrativa de Paulo naquele dia.

Paulo cresceu no centro de Porto Alegre, Rio Grande do Sul (logo se nota seu sotaque gaúcho acentuado) e nem ele nem sua família nada tinham a ver com a prática da agricultura. "Quando eu tinha uns 19 anos, percebi que não queria morar na cidade. Então, pensei: bom, vou para o campo e, para morar no campo, eu preciso saber fazer alguma coisa. Decidi procurar um estudo, uma vivência fora do Brasil para não ter o perigo de, se não der certo, eu voltar logo pra casa". Ele ficou sabendo de uma escola na Inglaterra que oferecia esse tipo de estudo vinculado a trabalhos em fazenda por meio de uma palestra de um professor de lá, em Porto Alegre mesmo. Antes disso, nunca havia ouvido falar de agricultura biodinâmica nem de Antroposofia, filosofia por trás dessa escola inglesa. "Eu fui para a Europa com a cara e a coragem, não tinha nem feito contato com a escola. Viajei trabalhando no navio e, antes de ir, só me deram o endereço do College onde eu poderia trabalhar e pagar meus estudos".

No fim, tudo deu certo. Ele permaneceu por um ano estudando nesse colégio e, depois, foi fazer estágio em uma fazenda

de leite, onde teve o primeiro contato com a agricultura na prática. “Pude vê-la de uma maneira mais profunda, com um enfoque mais profundo no ser humano e na natureza”. Lá, casou-se com sua primeira esposa, uma alemã, com quem teve sua primeira filha, hoje com seus trinta e poucos anos. Ao final do estágio, a família decidiu fazer as malas e retornar ao Brasil a fim de começar um trabalho com agricultura biodinâmica. “Essa vivência que eu tive nas fazendas da Europa sempre me norteou em uma busca de perspectiva de trabalho aqui no Brasil. E eu muito agradeço por ter tido a oportunidade de receber esse impulso que está por trás de fazer esse trabalho, o pra quê do trabalho dentro do enfoque agrícola de uma fazenda. Porque o nome já diz, é sempre fazendo, é muito trabalho”.

No retorno, sua esposa e ele já tinham ouvido falar da Demétria, iniciativa pioneira de agricultura biodinâmica no país. “Eu havia visitado, mas, embora minha esposa fosse alemã, a gente sentiu que isso aqui era muito alemão e queríamos começar algo novo em outro lugar”. Desta forma, o casal passou por fazendas no sul de Minas Gerais, no Rio Grande do Sul, novamente em Minas até chegarem ao Sítio Bahia, na Demétria, em 1986, em um momento em que suas forças pioneiras estavam desgastadas. “Como família de agricultores, já estávamos procurando um lugar em que existisse um movimento com a agricultura biodinâmica. A gente sempre quis se firmar, mas sentimos que nossa condição de pioneiros tinha chegado ao fim. Queríamos nos aproximar de algo que já estivesse acontecendo e, naquele momento, a única coisa com plenitude era a Estância Demétria. Aí viemos para olhar se tinha lugar para nós”. No caso, havia um lugar, tanto que eles se tornaram responsáveis pelo Sítio Bahia.

Por ser algo bem reduzido, apenas a família de Cabrera vivia no sítio e tocava suas atividades com relativa liberdade. Eles quem penaram sozinhos por anos até acertar o cultivo ideal para as terras da região – culturas perenes que não exaurem o solo, arborização de terra para o gado e pastagem – inclusive enfrentando dificuldades econômicas para esse fim. “Passamos por várias fases e mudanças até chegar a essa conclusão. Depois de quinze anos, conseguimos estabelecer um padrão de funcionamento que

se equilibrou ecológica e financeiramente. Mas demorou, porque no início chegávamos em casa e falávamos ‘bom, vamos beber esse leite que está aqui ou vamos levar pra vender?’. Uma das soluções foi se tornar menos dependente da própria Demétria, antes o principal consumidor de seus produtos.

Com esse objetivo, juntamente com alguns funcionários, o administrador começou a levar os produtos do sítio (e posteriormente da Fazenda Demétria) para serem vendidos em feiras orgânicas na cidade de São Paulo. As viagens tornaram sua rotina ainda mais puxada. “Nós vamos duas vezes por semana: da quarta para quinta para chegar às quatro e pouco da madrugada e fazer a feira das seis ao meio-dia; e outra de sábado pra domingo, onde às cinco e meia já tem compradores por lá”. Embora goste muito dessas feiras e tenha feito inúmeros amigos na capital, o plano é deixar de ter de freqüentá-las, devido ao extremo desgaste e fuga da rotina diária dos trabalhos em Botucatu. De qualquer forma, Paulo é extremamente grato às portas que elas abriram para a independência do Sítio Bahia. Ele me conta, com certo orgulho, sobre a “situação interessante” ocorrida no ano 2000, quando a Fazenda Demétria faliu e ele, o agricultor do Sítio Bahia, foi convidado a assumir a fazenda. O desafio, claro, foi aceito.

Outra pessoa mudou-se para o Sítio Bahia para tocar as atividades do dia a dia e Paulo Cabrera foi morar em uma casa dentro da Fazenda Demétria, sua atual residência, e trabalhar para a recuperação da estância. “Foi bom não termos muita coisa em pé para ter que mantê-la, pois pudemos entrar no enfoque que a gente sabia fazer, que era o gado de leite. Depois, começamos a desenvolver outras atividades e reconstruir as partes físicas da fazenda, que tinham sido bem abaladas, a manutenção, e o próprio rebanho. Hoje, o desafio é trabalhá-la como um organismo agrícola, porque ela sempre foi focada na parte de horta”. Seguindo o raciocínio, ele dá uma aula de agricultura biodinâmica e fala sobre o pensamento de um verdadeiro agricultor.

“Trabalhar com a agricultura é trabalhar com a vida. Com o que estou trabalhando? Com a vida! E não tem fim, porque virá o próximo agricultor e vai continuar o impulso, desde que haja terra. Então a nossa responsabilidade de agricultor é transformar



o pedaço da terra cada vez mais vivo para que possa cumprir sua função". Mesmo que essa função seja para um futuro desvinculado do seu. Por essas e outras, Paulo é tão a favor das associações, da não-especulação da terra, do aproveitamento orgânico total de um elemento agrícola e da consciência do papel singelo, porém essencial, do agricultor. "Na agricultura, a tendência é trabalhar muito e ganhar pouco e você deve encontrar outros valores pra lhe dar força. Nos sentimos importantes e responsáveis por trazer essa consciência de que sabemos o que estamos fazendo e de que há muito o que melhorar para os que moram aqui, os que estão em volta e os que moram longe também".

De ideias convictas e personalidade forte, depois de mais ou menos uma hora conversando (descontados os momentos em que um funcionário ou algum filho vinha pedir alguma orientação a Paulo, o tal estresse rural) não me admiro que Paulo Cabrera seja tão conhecido entre os moradores do bairro. Não só pelo seu cargo de administrador da Fazenda Demétria, que já o colocaria naturalmente em evidência, mas por representar todo o ideal de um fazendeiro: aquele dedicado à terra e ao desenvolvimento humano promovido pelo seu cultivo. E com total consciência disso. "Eu não sou dono nem do Sítio Bahia nem da Fazenda Demétria. Sou só o responsável por eles. Recebemos essas terras e esses imóveis para desenvolver um trabalho. A ideia é compartilhar com colaboradores, funcionários, frequentadores, compradores... O desafio é buscar essa nova forma de trabalho". Um desafio e tanto nos nossos tempos modernos. Mas quem disse que Paulo Cabrera não encara?

### **Contando os filhos**

Fazendo jus à premissa que fala: "quem não tem televisão em casa se diverte de outra maneira", Paulo – que não possui o aparelho em sua residência – é pai de nove filhos e avô de três netos. A mais velha é de seu primeiro casamento com uma alemã; os dois seguintes, Bartira e Cristiano, são de seu segundo casamento com Leamara e já lhe deram um neto e duas netas; os seis seguintes são fruto de seu terceiro casamento, com sua atual esposa, Carolin Von Schnitzler. Destes, Thiago, de 19 anos, trilha

os passos do pai nos trabalhos na fazenda; Pablo, de 18 anos, prefere seguir os estudos; Laura, Raquel e Sheila ainda estão na escola e Tales, o mais novo, tem apenas três anos. Este último, de cabelos loiríssimos, brincava com um velocípede no quintal no dia da entrevista.

## A nova geração

Eu conheci o Mauro no primeiro ano do colegial, ou antes, não sei! Nós estávamos na mesma série da escola, lá em 2005, com nossos 15 anos. Ele namorou uma amiga minha (Mauro, não fica bravo de eu ter colocado isso aqui!), saíamos na mesma turma e ele até chegou a passar um dia comigo e minhas amigas em uma viagem pra praia, já na época da faculdade. Por esse histórico, conseguir uma entrevista com ele foi fácil, só questão de pedir. Mas isso não vem ao caso, ainda.

Lá no tempo do colégio e ainda hoje em algumas conversas, não é difícil ouvir o termo demetriano sendo usado para se referir a algum morador da Demétria. Não qualquer morador. Só aquele que cumprisse alguns estereótipos básicos, como roupas ao estilo hippie, com muito tricô, tecidos tingidos e “sandálias de Jesus”, cabelos ao natural – se vier com um dread, melhor ainda! – e uma maneira de vida mais natureba, chegando ao seu ápice com o vegetarianismo e com a adoração pelas cachoeiras botucatuenses. Parando pra pensar, essas características poderiam ser cumpridas por qualquer pessoa e muitas daquelas denominadas demetrianas sequer moravam no bairro! O caso contrário também é verdadeiro: nem todo morador da Demétria aparenta tal conjunto visual. O Mauro é um desses, claramente adepto da calça jeans, bermuda e camiseta.

Mauro Tavora – apresentando-o de forma adequada – se mudou com a família para o bairro Demétria com menos de três anos, em 1992. Seus pais vieram com ele e as outras três filhas mais velhas da cidade do Rio de Janeiro, tentando se distanciar da violência e buscando um lugar melhor para criar as crianças. Encontraram Botucatu e deu certo. Ele não sabe dizer com certeza os motivos da família Tavora ter chegado justamente à Demétria (“eu era muito novo pra saber algo”), mas acredita que os contatos com amigos levaram-nos até o Condomínio Aldeia, onde têm uma casa até hoje. A lembrança mais especial dele de sua vivência no bairro remete a esses primeiros anos de vida,

uma prova de que optar por uma educação longe dos grandes centros urbanos tem grandes aspectos positivos, afinal, “foi na Demétria que eu vivi toda a minha infância da forma mais feliz e livre possível!”.

Assim como muitos outros demetrianos (e lá vou eu abusar deste termo simplista...), o Mauro também estudou um tempo na escola Aitiara, onde ele diz ter aprendido muito “para a vida”. Foi o período mais rico para o então estudante conhecer pessoas do bairro e manter um relacionamento com elas. “Como havia poucos moradores, todo mundo se conhecia. Eu também sempre participava das atividades do bairro nesta época”. Hoje, morando em Curitiba, esse contato diminuiu, fato agravado pelo aumento do número de habitantes e pela mudança de seus conhecidos. Essa fase durou até por volta dos seus 14 anos, quando saiu da Aitiara para fazer o Ensino Médio na cidade, por coincidência no mesmo colégio que eu. Seus motivos para a mudança? “O método Waldorf não somente ensina, mas desenvolve seres humanos sem ignorar a velocidade de aprendizagem de cada um. O ensino é ótimo, mas acredito que não prepara para o vestibular”.

Com essas novas preocupações na cabeça, Mauro se adaptou rápido ao ritmo de estudo acelerado do ensino tradicional. Muitos alunos vindos da escola Aitiara, e na nossa classe havia mais de um, apresentavam ligeira dificuldade em acompanhar o ritmo alucinado de preparação para o vestibular. A zoeira de que na antiga escola deles a recuperação era fabricar cestos de bambu era comum (não que no nosso colégio fosse diferente: um amigo meu chegou a dar uma muda de árvore – imagine uma planta de quase um metro no meio da sala – à professora para garantir sua nota no fim do ano). Claro, ninguém levava a sério, mas ela circulava entre os alunos.

Entre uma aula e outra e um ano e outro do colegial, o Mauro fez muitos amigos e deu o privilégio de sua boa companhia à sua turma – eu inclusa. Quando perguntei a ele na entrevista como o fato de morar na Demétria influenciou nas suas escolhas e na sua vida, a resposta não sairia fácil para um desconhecido. “Pergunta muito difícil! Não sei explicar! Acho que só me conhecendo pra saber de que forma o bairro contribuiu na minha

formação”. A sorte é que eu o conheço, pelo menos o Mauro dos 15 aos 17 anos.

Remexendo nas minhas lembranças à procura de alguma ligação do Mauro com a Demétria, a primeira coisa que me veio à tona foram as trilhas feitas por ele com os meninos da sala e uma fase em que eles cismaram em acampar (foram vários acampamentos, eu nunca fui chegada). Também me lembrei dele correndo no maior estilo saúde no Lajeado, uma fazenda de Botucatu ótima para passeios de fim de semana. Sempre uma impressão de alguém que adora a vida ao ar livre. Depois me recordei do ônibus, o meio de transporte usado por ele para ir e vir da cidade, e as esperas no ponto da linha urbana, além de outras coisas que encheriam um livro inteiro. No fim, vieram à tona memórias remetentes a essa época boa da minha vida – e com certeza, boa para o Mauro também. O quanto a Demétria tem a ver com isso, não dá pra afirmar. Mas só quem conhece o Mauro – como ele mesmo disse – sabe que o seu jeito tranqüilo, de bem com a vida e seu grande coração podem muito bem ter criado suas raízes no local onde cresceu.

Hoje, ele mora em Curitiba, cursa Engenharia Civil na Universidade Federal do Paraná e pouco volta pra Botucatu. Tanto que a entrevista foi feita por e-mail, no meio da correria da faculdade. Do futuro, pouco se sabe, ainda mais em relação à sua volta ou não para o bairro da sua infância. “Gostaria de sempre poder contribuir, mas, por enquanto, não tenho a ideia de voltar a morar, não”. Esperar e ver.

### **Tirar ou não?**

Na entrevista escrita, quando perguntado se teria algo a mais a acrescentar sobre o bairro, o Mauro respondeu exatamente isso: “Eu não gosto da Pizza Bel”. Mas logo emendou um “tira essa”. A resposta me fez rir por alguns minutos, pelo tardio arrependimento da afirmação. Mais uma desculpa, Mauro, mas a tentação de colocar isso aqui foi maior! A pizza servida nesse estabelecimento localizado no bairro Demétria é feita com massa integral e um pouco diferente das pizzas encontradas em outros restaurantes, agradando a uns e decepcionando a outros. O inte-

ressante disso tudo é notar que nada neste mundo é unanimidade e servir de excelente exemplo de que a Demétria, assim como qualquer outra comunidade aberta, é aberta a críticas, por mais singelas que sejam, externas ou, neste caso, internas.

## Um perfil meio de tabela

Este capítulo não conta a história de ninguém em especial. Tudo bem, ele fala um pouco sobre Claudio Bertalot Bay, responsável por levar, pela primeira vez, a prática da eurytmia para o Bairro Demétria. E justamente por esse feito o irmão de Marco aparece, pois aqui a personagem principal é esta dança (ou seria movimento, poesia, ginástica, arte?) chamada eurytmia. Ela é tão peculiar e única dentro das inovações da Antroposofia que merece um espaço para ser tratada neste livro, mesmo desse jeito, meio de tabela. Por que a acho merecedora de tanto crédito? Explico.

A pedagogia Waldorf trouxe uma nova forma de olhar para o aluno dentro da sala de aula, transformando a maneira de se relacionar e de ensinar na escola. Mas não há de se negar que a pedagogia em si já existia. O mesmo pensamento pode ser aplicado à agricultura biodinâmica: realizar o trabalho agrícola de forma a encarar a fazenda como um sistema único? É lindo! Porém, a agricultura já estava aí como uma técnica milenar para dar o direcionamento de trabalhos e organizações. E assim podemos dizer da medicina antroposófica, da economia associativa, da odontologia antroposófica, entre outros. Só não podemos incluir nesta lista a eurytmia, afinal, o que ela é? Resumi-la a uma dança é tão simplista para quem a viu coreografada quanto para explicar sua abrangência a uma pessoa leiga. Eu tive a sorte de ser alguém do primeiro grupo. Mas, para chegar a isso, preciso contar outra história.

Minha família tem um quê de artista (bem pequeno e abandonado, mas ele está presente): todo mundo, incluindo primas e agregados, já fizeram aulas de piano com uma tia nossa, professora do instrumento; minha mãe começou um curso de Belas Artes e, modéstia à parte, desenha muito bem, assim como sua irmã, formada arquiteta. Sempre fomos chegadas à dança e não consigo me lembrar de alguém desafinado com o sangue Silva, Rocha ou Vieira, os três ramos da família. Por fim, fazia anos que minha mãe, a Maria Cristina (e as Marias lá de casa renderiam

uma ótima história, mas fica para outro dia) não chegava perto de um piano, embora digam que essas coisas são como andar de bicicleta: você nunca esquece. Por um infortúnio desconhecido, a pianista acompanhante dos ensaios da turma de eurtímia de Claudio teve de se afastar da atividade. Não sei como, talvez por amigos em comum, procuraram minha mãe para tocar para o grupo. Mais uma das minhas ligações discretas com a Demétria se formava.

O grupo era acompanhado ora por uma pianista, ora por um violoncelo executado pelo próprio Claudio. Nesse período em que ela esteve com a turma, acompanhei todo seu esforço para retomar a força nos dedos, a rapidez, a leitura das partituras e sua dedicação aos ensaios de músicas nunca tocadas antes. Para se ter uma ideia, ela mandou trazer um piano encostado na casa da minha tia em São Paulo – e, acredite, transportar um instrumento de tal tamanho não é barato. Claudio poderia ter encontrado outra pessoa para a função, mais preparada e afiada, mas resolveu apostar na dona Maria Cristina. Não sei, pode ser que tenha visto sua vontade de ir além de seus limites ou mesmo ficado feliz em reacender a chama da arte em alguém. Isso são apenas especulações. O importante é que, a partir desse convite, tive a oportunidade de ver apresentações da turma formanda em eurtímia por algumas vezes. E esta expressão desconhecida me surpreendeu.

Na primeira apresentação, em um espaço pequeno, confesso ter ficado perdida. Não entendia o que aquelas pessoas estavam fazendo em cima do palco. Poderia ser chamado de dança? Embalados por uma música etérea ou por uma poesia enunciada em cadência bem marcada e singular – era o próprio Claudio que fazia as vezes de recitador – as quatro ou cinco pessoas do grupo, vestidas com panos fluídos, largos e esvoaçantes, se deslocavam pelo espaço do palco em passos calculados e firmes, hora para a frente, hora para trás, hora se revezando entre si (difícil saber como não trombavam...) fazendo movimentos com as mãos (eles significariam alguma coisa?) e mantendo o olhar sempre fixo e inexpressivo. Suponho que exija uma concentração extrema! Ao terminar um “ato”, sempre retornavam à sua posição de início,



com as mãos juntas ao corpo, como se não houvesse nenhum esforço envolvido naquela dança orquestrada, que, pelas suas expressões finais, poderia ter sido um sonho sequer realizado. Eita, coisa estranha! Eu pensava naquelas pessoas determinadas a se formar em nível de ensino superior em uma arte tão específica e a deixar sua vida cotidiana de lado para viver a euritmia por completo. Nem todos eram moradores da Demétria, mas essa coisa de se entregar ao que se gosta demonstra um pouco do espírito livre presente no bairro. Mesmo Claudio fez questão, quando se mudou pra lá em 2003, de criar um espaço de formação na área em que atuava já há 17 anos na capital paulista. Ele sempre lecionou a euritmia em escolas, organizava espetáculos e chegou a estudar a expressão artística na Alemanha e na Inglaterra.

Depois desse dia, foi-me explicado sobre os movimentos que expressavam a música e a poesia. Cada palavra ou acorde corresponderia a um passo ou gesto; cada pessoa poderia interpretar uma sequência da partitura – uma os acordes inferiores, outra os superiores, alguma ainda poderia dançar os tempos da música. Imagine transportar os sentimentos despertados por uma canção para movimentos? Conclui ser bem difícil traduzir uma forma de expressão para outra, afinal, não existem correspondências claras nem um conceito de que isso sempre é aquilo, como acontece com as palavras. É algo construído subjetivamente, dando contornos à chamada arte na qual o corpo fala. Aprendi que, em um número de euritmia, o corpo pode falar, cantar e até descrever algum objeto artístico aos olhos do espectador.

Na segunda apresentação, em um teatro maior, minha mãe acompanhou o grupo no piano – expectativa grande! Com outras músicas, a sequência conhecida anteriormente por mim se repetiu: movimentos firmes, porém leves, roupas flutuando pelo palco (desta vez, mais cor ao espetáculo: vestiam um tom vivo de amarelo ou laranja. No outro dia, eram vestes brancas com manchas rosas claras), dando a impressão de que seus possuidores não se moviam com os pés no chão. Só faltava uma nuvem rasa de gelo seco para dizerem que dançavam no céu. O fim, o mesmo: o retorno aos seus respectivos lugares em uma inexpressão profunda. Em tempo, até entendi a razão disso: a música pa-

rou, não há mais o que interpretar, nem mesmo um sorriso ou olhar. O silêncio é total, portanto, a inexpressão também. Vou-me embora da minha última recordação viva da euritmia, quando jamais pensava em me dedicar a escrever sobre ela e seus praticantes no futuro.

Claudio diz que o senso estético profundo e ao mesmo tempo saudável da euritmia o atraiu para ela. Talvez eu não consiga transmitir todo esse conceito profundo que esta expressão artística única carrega – acredito que só quem a vivencia por completo poderia falar sobre ela neste nível – mas fico feliz em registrá-la e descrevê-la em seu momento de ápice: em uma apresentação. Sobre a arte em que o corpo fala, o mais difícil é retraduzi-la de dança em meras palavras. Mas, perdendo a mim mesma, não seria essa a graça das traduções imperfeitas?

### **E o final da história?**

Depois destas duas apresentações, minha mãe acompanhou por mais um período o grupo de euritmia de Claudio. O momento do adeus chegou quando as partituras ficaram complicadas demais pra ela. Corrigindo: quando seu tempo disponível para prática e estudo não era mais compatível ao exigido pelas músicas a serem executadas. Nunca mais fiquei sabendo da euritmia em Botucatu, nem ela. O piano (coitado!) ficou inútil em nossa sala, um instrumento-enfeite. Raramente alguém parava para arriscar algumas notas em suas teclas. Ele acabou voltando para São Paulo, e dá-lhe pagar o transporte novamente! E quer saber? Sinto falta dele.

## Só mais uma palavrinha

Eu nasci em São Paulo, mas antes de um ano de idade já morava em Botucatu. Estou mais para botucatuense do que pra paulistana. Os motivos de meus pais saírem da capital não diferem tanto dos de muitos moradores da Demétria: fugir da cidade grande. Conta a história que, minha mãe, que era secretária executiva e trabalhava horas e horas por dia, chegava em casa e eu, bebê, já estranhava sua presença. A situação deve ser difícil para uma mãe, mas, mais difícil ainda, para uma mulher, deve ser largar uma carreira promissora na cidade mais rica do país para voltar ao interior e cuidar das filhas. Eu admiro essa escolha e devo a ela o que sou hoje.

Infância e adolescência em Botucatu significam viver as partes boas e ruins de uma cidade interiorana e, sim, em sua essência, bem provinciana. As partes boas? Brincar na rua, passar as férias nas piscinas do clube e nas cachoeiras, fazer caminhadas em lugares arborizados, bater perna a manhã inteira e ver que o dia não está nem na metade, ter a impressão que todo mundo se conhece, encontrar seus amigos na praça (a praça tem um papel central – literalmente – na vida de qualquer botucatuense!) e de quebra tomar um sorvete, curtir o mesmo programa de sempre para o sábado... As partes ruins não são tantas, mas é que, no meu caso, eu cresci e Botucatu simplesmente ficou pequena demais!

Eu fui fazer faculdade fora aos 18 anos e, embora a distância seja de apenas 100 km, um mundo inteiro ficou para trás. Dá a impressão que eu já não me encaixava na minha antiga cidade e, hoje, voltar a morar em Botucatu me assusta e desespera! Esse livro, resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo, pela UNESP de Bauru, fez com que eu retomasse o contato e descobrisse outros lados da “princesa da serra” que eu não conhecia. Mesmo a pouca vivência que tive na Demétria, com seus moradores e com a Antroposofia, foi muito enriquecedora e me abriu a mente. Até parei pra pensar: como passei quase 20

anos morando na cidade sem me adentrar nesse lugar? Acredito que muitos botucatuenses não se adentraram também. Um dos objetivos deste trabalho é como um pedido de desculpas: antes de abandonar de vez minha cidade da juventude, nada melhor do que valorizar suas peculiaridades e difundi-las, registrando singelamente uma parcela de seu tesouro.

Esse livro é um convite à descoberta de um lugar diferenciado em esfera mundial, e afirmo isso sem exagero. Mais do que uma comunidade que busca uma convivência mais humana e uma vida equilibrada entre as pessoas e a natureza, a Demétria é fruto do trabalho e do sonho de pessoas (eu enfatizo, o triunfo são sempre as pessoas) que, apesar de enfrentarem dificuldades e lutarem contra a corrente do mundo moderno, envolveram-se nos seus ideais e fizeram acontecer. Muitas delas largaram tudo e, com a cara e a coragem, decidiram levar a vida da maneira que acreditavam ser a melhor. Ninguém precisa ser antropósofo ou gostar do dia a dia do campo para reconhecer que o Bairro Demétria é uma fonte de inspiração. Pra mim, conhecê-lo mais a fundo foi um exemplo de que os sonhos devem ser seguidos e concretizados, por mais distantes que estejam ou impossíveis que pareçam. Espero que essa pincelada dessa história tenha sido uma fonte de luz para você também.

## Agradecimentos

Antes de tudo e sobretudo, agradeço à minha família, núcleo de minha formação e sem a qual não seria quem sou hoje. Pai, mãe e Fer, minha irmã, essa conquista também é de vocês. Também são meus exemplos de vida e fazem parte desta trajetória minha avó, Maria Luiza, minha madrinha, Magali, e minha madrinha de coração, Tita. A todos vocês, me ausento de palavras para não correr o risco de não fazer jus a sua importância em minha vida. Vocês sabem o tamanho do meu amor, gratidão e respeito.

Agradeço à minha segunda família, os amigos que escolhi para fazerem parte desta jornada e que compartilharam das alegrias e dificuldades de um TCC na própria pele: Carolina Firmino, Vanessa Silva, Sílvia Franchin, Karla Torralba e Juliano Souza. Um pouco de vocês está neste trabalho.

Meu obrigado sincero à minha equipe companheira de estágio, que foi compreensiva e, acima de tudo, uma torcedora do meu sucesso. Dela faz parte Carol Zitz, meus agradecimentos especiais pela diagramação do livro e, por tabela, Eveline Jacob, meus agradecimentos pela bela ilustração da capa. Mais uma vez, obrigada a meu pai, revisor dos textos.

Deixo também minha gratidão a todos os moradores do bairro Demétria que contribuíram com seu tempo, sua paciência e suas histórias. Sem a boa vontade deles este trabalho não seria possível. Obrigada a Luiz Ribeiro, Marco Bertalot Bay, Jorge e Eldbjorg Blaich, Ana Vieira, Christine Wotka, Claudio Bertalot Bay, Débora Castro, Hans Reisewitz, Sérgio Esposto, Maria Eduarda Mendes, Mauro Távora, Paulo Cabrera, Pedro Jovchevich, Sílvia Sasaoka, Renato Gomes, Isabel Cortesi, Celso Pazzanese, entre outros.

Agradeço ao meu orientador Max, que se fez minha melhor escolha e me guiou pelos melhores caminhos para se chegar a esse fim recompensador, sempre com as palavras na medida e o tom de incentivo que precisava ouvir. Também agradeço por

terem aceitado fazer parte da banca, Mateus Yuri Passos, um dos poucos professores – e amigos – realmente presente em minha formação, e Claudio Bertolli.

Por fim, fica meu singelo obrigado a todas as pessoas que, em algum momento de minha vida, apoiaram, incentivaram, torceram e acreditaram em meu potencial. A sua maneira, todas contribuíram para a vitória em mais esta etapa de meu caminho.

## Referências

ARANTES, JOSÉ TADEU. **O jovem Steiner**. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/steiner/jovem-steiner.htm>>. Acesso em: 22 de out. 2011.

ARANTES, JOSÉ TADEU. **Rudolf Steiner: o retrato do visionário**. Disponível em: <<http://www.thenewlife.com.br/portal/tabid/134/Default.aspx>>. Acesso em: 22 de out. 2011.

ASSOCIAÇÃO BIODINÂMICA. **Perfil da organização**. Disponível em: <<http://www.biodinamica.org.br/apresentacao.htm>>. Acesso em: 22 de out. 2011.

ÁVILA, JOÃO CARLOS. **Princípios básicos do método biodinâmico**. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/agric-biod/principios.htm>>. Acesso em: 22 de out. 2011.

BARFIELD, OWEN. **Rudolf Steiner: uma apresentação**. Disponível em: <[http://www.sab.org.br/antrop/Barfield\\_on\\_Steiner.htm](http://www.sab.org.br/antrop/Barfield_on_Steiner.htm)>. Acesso em: 22 de out. 2011.

BARRETO, MARÍLIA. **Euritmia**. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/euritmia>>. Acesso em: 22 de out. 2011.

BERTALOT-BAY, MARCO. 30 anos da Estância Demétria, **Revista Agricultura Biodinâmica**, Botucatu, n. 90, p. 10-12, outubro 2004.

BERTALOT-BAY, MARCO. **Consequências ambientais e sociais da atividade agrícola: reflexões epistemológicas sobre a regenerabilidade**. 2008. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade de Campinas, Campinas, 2008.

GARDIN, NILOE.; SCLEIER, RODOLFO. **Medicina antroposófica e seus fundamentos**. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/med-terap/art-Nilo-Rodolfo.htm>>. Acesso em: 22 de out. 2011.

HALL, STUART. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

KALIKS, BERNARDO. **O que é a medicina antroposófica**. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/med-terap/art-kaliks.htm>>. Acesso em: 22 de out. 2011.

LANZ, RUDOLF. **Noções básicas de Antroposofia**. São Paulo: Editora Antroposófica, 1988.

MEDINA, CREMILDA DE ARAÚJO. **Entrevista: o diálogo possível**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

PEREIRA LIMA, EDVALDO. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

PREFEITURA MUNICIPAL DE BOTUCATU. **Conheça Botucatu: apresentação e história**. Disponível em: <<http://www.botucatu.sp.gov.br>>. Acesso em: 22 de out. 2011.

SCHMIDT, PEDRO. Como surgiu a agricultura biodinâmica no Brasil. **Revista Agricultura Biodinâmica**, Botucatu, n. 90, outubro 2004.

SETZER, VALDEMAR W. **Histórico no Brasil**. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/antrop/ANframeHistBras.htm>>. Acesso em: 22 de out. 2011.

SETZER, VALDEMAR W. **Histórico no mundo**. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/antrop/ANframeHistMundo.htm>>. Acesso em: 22 de out. 2011.

SETZER, VALDEMAR W. **O que é Antroposofia**. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/antrop/>> Acesso em: 22 de out. 2011.

SETZER, VALDEMAR W. **Uma introdução antroposófica à constituição humana**. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/antrop/const1.htm>>. Acesso em: 22 de out. 2011.

SIXEL, BERNARDO THOMAS. **Dez mandamentos do agricultor biodinâmico**. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/agric-biod/10-mands.htm>>. Acesso em: 22 de out. 2011.

SIXEL, BERNARDO THOMAS. **O que é a agricultura biodinâmica**. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/agric-biod/ABmainFrame.htm>>. Acesso em 22 de out. 2011.



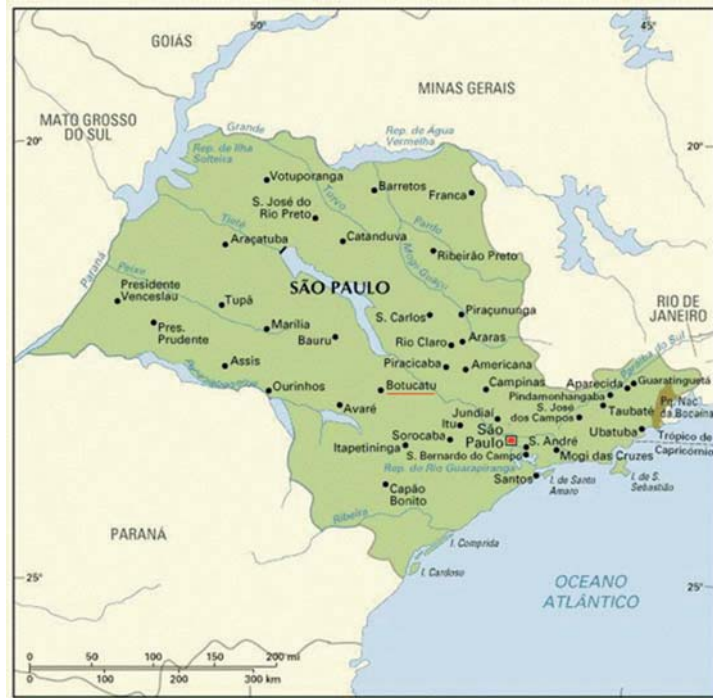


Imagem: Reprodução

1. Localização de Botucatu no Estado de São Paulo

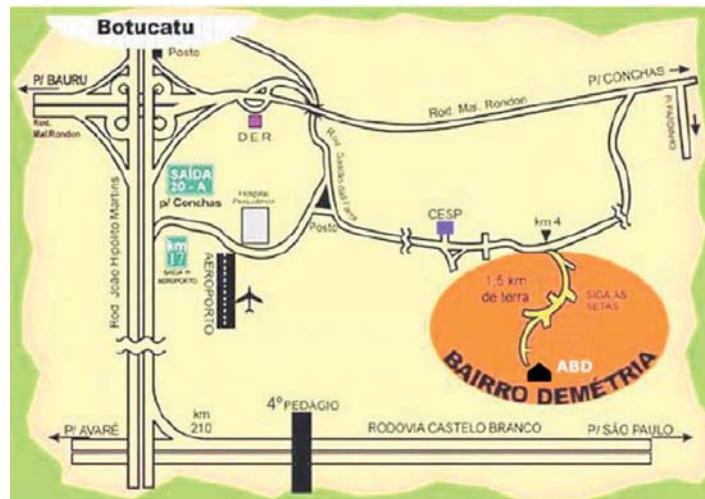


Imagem: Arquivo pessoal

2. Mapa do bairro Demétria



Foto: Arquivo pessoal

3. Pedro Cabrera diante de uma das plantações do Sítio Bahia



Foto: Arquivo pessoal

4. Plantação de morangos da Fazenda Demétria



Foto: Arquivo pessoal

5. Rua típica do bairro Demétria





Foto: Ibal Marback

6. Mosaico feito pelos alunos no pátio da escola Aitiara



Foto: Arquivo pessoal

7. O casal Christine e Thomas Wotka, fundadores do Espaço São Micael



Foto: Arquivo pessoal

8. Uma das oficinas do Espaço São Micael